



Universidade de Brasília
Departamento de Psicologia Clínica e Cultura
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura

Guilherme Freitas Henderson

A impotência sexual na obra de Freud

Brasília
2017



Universidade de Brasília
Departamento de Psicologia Clínica e Cultura
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura

Guilherme Freitas Henderson

A impotência sexual na obra de Freud

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre, sob orientação da Professora Dra. Daniela Scheinkman Chatelard.

Brasília
2017

Banca examinadora:

Presidente: Profa. Dra. Daniela Chatelard - PCL / IP / UnB

Membro: Eliana Rigotto Lazzarini - PCL / IP / UnB

Membro: Juliano Moreira Lagoas - UNICEUB

Suplente: Márcia Cristina Maesso - PCL / IP / UnB

AGRADECIMENTOS

À Daniela Chatelard, pela orientação e aposta em cada passo, e mais além deles.

Aos colegas da Associação Lacaniana de Brasília, em especial aos participantes dos estudos sobre o Sintoma e Fantasia em Freud.

À Lívia Campos, Luciana Krissak e Thaisa Pereira pela leitura e contribuições significativas.

Ao Ronan Nascimento, por nossa amizade.

Ao Marcus, pela escuta.

Ao meu amor, minha alegria e desejo.

Aos meus pais e irmã, pela família que somos.

Ao CNPQ, pelo apoio financeiro.

RESUMO

HENDERSON, G. (2017) A impotência sexual na obra de Freud. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Brasília

Esta dissertação pretende investigar a impotência sexual masculina tal como a psicanálise de Freud a concebeu. Partimos da sugestão do manual diagnóstico psiquiátrico (DSM) de que os transtornos sexuais, dentre eles a disfunção erétil, admitem uma etiologia de base psicogênica. Nosso principal objetivo é demonstrar que a obra de Freud oferece um campo fecundo de exploração no qual podemos extrair diversas teorias da origem psíquica da impotência. Nesse sentido, o trabalho se estrutura em duas partes: na primeira, analisamos os textos iniciais de Freud, em que se refere de maneira tangencial ao tema, e extraímos formulações que anunciam a sua complexidade; na segunda, expomos quatro hipóteses da etiologia da impotência sexual que podemos encontrar em sua obra: a hipótese da fixação incestuosa, a hipótese da inibição por ameaça de castração, a hipótese do horror ao feminino e, por último, a hipótese da atitude masoquista. A obra de Freud fornece não apenas uma descrição etiológica da impotência, revela as falhas inerentes à constituição sexual humana. O sintoma da impotência deixa de ser apenas sinônimo do medo e do fracasso, e passa a se revelar uma resposta singular do sujeito à castração e uma fonte de satisfação paradoxal e obscura.

Palavras-chave: impotência sexual; psicanálise; Freud

ABSTRACT

HENDERSON, G. (2017) Sexual impotence in the Work of Freud. Master Thesis, Institute of Psychology, Brasília

This master thesis intends to investigate male sexual impotence as Freud's psychoanalysis conceived it. We start from the suggestion in the psychiatric diagnostic manual (DSM) that sexual disorders, including erectile dysfunction, admit a psychogenic basis etiology. Our main objective is to demonstrate that Freud's work offers a fertile field of exploration in which we can extract various theories of the psychic origin of impotence. In this sense, the work is structured in two parts: first, we analyze the initial texts of Freud, in which he refers in a tangential way to the theme, and extract formulations that announce their complexity; second, we present four hypotheses of the etiology of sexual impotence that we can find in his work: the hypothesis of incestuous fixation, the hypothesis of inhibition by threat of castration, the hypothesis of the horror of the feminine, and, finally, the hypothesis of the masochistic attitude. Freud's work not only provides an etiological description of impotence, reveals the inherent flaws of the human sexual constitution. The symptom of impotence ceases to be only a synonym of fear and failure, but it turns out to be a singular response of the subject and a source of paradoxical and obscure satisfaction.

Keywords: sexual impotence; psychoanalysis; Freud

RESÚMEN

HENDERSON, G. (2017) La impotencia sexual en la obra de Freud. Tesis de Maestría, Instituto de Psicología, Brasíla

Esta tesis de maestria investiga la impotencia sexual masculina tal como el psicoanálisis de Freud la concibió. Partimos de la sugerencia del manual diagnóstico psiquiátrico (DSM) de que los trastornos sexuales, entre ellos la disfunción eréctil, admite una etiología de base psicogénica. Nuestro principal objetivo es demostrar que la obra de Freud ofrece un campo fecundo de explotación en el que podemos extraer diversas teorías del origen psíquico de la impotencia. En ese sentido, el trabajo se estructura en dos partes: en la primera, analizamos los textos iniciales de Freud, en que se refiere de manera tangencial al tema, y extraemos formulaciones que anuncian su complejidad; En la segunda exponemos cuatro hipótesis de la etiología de la impotencia sexual que podemos encontrar en su obra: la hipótesis de la fijación incestuosa, la hipótesis de la inhibición por amenaza de castración, la hipótesis del horror al femenino y, por último, la hipótesis de la actitud masoquista. La obra de Freud proporciona no solo una descripción etiológica de la impotencia, sino que revela las fallas inherentes a la constitución sexual humana. El síntoma de la impotencia deja de ser solo sinónimo del miedo y del fracaso, pasa a revelarse una respuesta singular del sujeto a la castración y una fuente de satisfacción paradójica y oscura.

Palabras claves: impotencia sexual; psicoanálisis; Freud

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES AO TEMA DA IMPOTÊNCIA SEXUAL.....	14
1.1 A impotência e a etiologia das neuroses	14
1.2 O problema da excitação.....	16
1.3 Ação específica e a inadequação do objeto.....	22
1.4 A impotência sexual nos sonhos	25
1.5 <i>Capitis diminutio</i> – a impotência sexual na Psicopatologia da vida cotidiana.....	30
2 UMA TEORIA PSICANALÍTICA DA IMPOTÊNCIA SEXUAL.....	35
2.1 Da sexualidade infantil à escolha de objeto	38
2.2 Masturbação e preliminares: margens de segurança para o impotente.....	43
2.3 A Psicologia do Amor: uma teoria psicanalítica da impotência sexual masculina.....	46
2.4 A questão universal da impotência: uma perda de gozo.....	53
2.5 A matriz da impotência a partir da análise de um sonho	56
3 INIBIÇÃO E AMEAÇA DE CASTRAÇÃO.....	59
3.1 Impotência: efeito da inibição e da ameaça de “ser castrado”.....	59
3.2 O sepultamento do Complexo de Édipo e as figuras da ameaça	64
3.3 O primado do falo e o horror da diferença sexual	67
3.4 Três tempos da constituição sexual: criança-falo, menino-ameaçado e tornar-se	69
3.5 Duas saídas ante a falha paterna: o filho santo e o humilhado	74
4 FANTASIA E MAIS ALÉM.....	78
4.1 O papel da fantasia na formação do sintoma da impotência.....	79
4.2 Núcleo da impotência masculina: a pulsão agressiva e o masoquismo originário	82
4.3 Três fantasias possíveis no sintoma da impotência	85
4.4 Um possível encaminhamento clínico da impotência.....	90
CONCLUSÃO.....	97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	100

INTRODUÇÃO

O que não podemos alcançar voando temos de fazer mancando
Friedrich Rückert

Este trabalho é fruto do esforço em apresentar uma teoria psicanalítica da impotência sexual masculina tal como a psicanálise de Freud a concebeu. Sabemos que em nossa cultura o tratamento privilegiado por quem sofre de impotência é o psicofarmacológico. O remédio, apesar de possibilitar ao sujeito manter uma ereção e apaziguá-lo da angústia implicada na situação sexual, não responde ao enigma do surgimento de tal sintoma. Como é possível que um homem que ama, sente atração sexual e excitação por sua parceira ou parceiro não consiga ter ou manter uma ereção durante o sexo? Essa questão pode convocá-lo a questionar o poder do seu psiquismo sobre seu corpo, o além da consciência que governa sua individualidade e a falha intrínseca ao campo da sexualidade humana.

A *American Psychiatric Association* (APA) não utiliza o termo “impotência sexual” em seu manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM V), no entanto se refere a esse fenômeno como “transtorno erétil”, que se inclui entre as disfunções sexuais: “um grupo heterogêneo¹ de transtornos que, em geral, se caracterizam por uma perturbação clinicamente significativa na capacidade de uma pessoa responder sexualmente ou de experimentar prazer sexual” (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p. 423). Mas nos parece que o uso da terminologia “disfunção sexual” ou “transtorno erétil” pode restringir o domínio da sexualidade ao dos mecanismos físicos e químicos do organismo e, assim, ocultar a subjetividade presente no termo “impotência”, que tem um campo amplo de sentidos e está presente na linguagem popular.

O desenvolvimento da nossa investigação permitirá, de maneira tangencial, gerarmos esclarecimentos para quatro dos transtornos sexuais que atingem a função sexual dos homens. Sucintamente, segundo o manual, são eles: (i) *ejaculação retardada*, o retardo acentuado ou incapacidade de atingir a ejaculação, em que o homem relata dificuldade ou incapacidade para

¹ Fazem parte deste grupo heterogêneo as seguintes disfunções: ejaculação retardada, transtorno erétil, transtorno do orgasmo feminino, transtorno do interesse/excitação sexual feminino, transtorno da dor gênito-pélvica/penetração, transtorno do desejo sexual masculino hipotativo, ejaculação prematura (precoce), disfunção sexual induzida por substância/medicamento, outra disfunção sexual especificada e disfunção sexual não especificada. Tais disfunções podem ter ocorrido ao longo da vida, desde a primeira relação sexual, terem sido adquiridas posteriormente, se apresentarem de forma generalizada (com todos os parceiros e parceiras) ou ainda serem situacionais.

ejacular, a despeito da presença de estimulação sexual adequada e do desejo de ejacular; (ii) *transtorno erétil*, a falha repetida em obter ou manter ereções durante as atividades sexuais; (iii) *transtorno do desejo sexual masculino hipoativo*, pensamentos ou fantasias sexuais/eróticas e desejo para atividade sexual deficientes (ou ausentes) de forma persistente ou recorrente; (iv) *ejaculação prematura* (precoce) padrão persistente ou recorrente de ejaculação que ocorre durante a atividade sexual com parceira dentro de aproximadamente um minuto após a penetração e antes do momento desejado pelo indivíduo.

Como bem ressalta o DSM V, fatores “objetivos” como o estado de saúde da pessoa, a falta de desejo sexual pelo parceiro, o estresse, o luto e a religião podem influenciar na disfunção sexual, porém não respondem pela causa de tais disfunções. A dificuldade em se definir uma etiologia (teoria da causa) de base biológica das disfunções sexuais levou a APA a sugerir a presença de uma base psicológica para o problema. Apesar da objetividade implicada, o fato do indivíduo estar “saudável”, não possuir nenhum dano físico-fisiológico, ter a estimulação adequada do órgão sexual, a vontade para ejacular e ter o objeto sexual disponível não garante que seu pênis fique ereto, mantenha-se assim e ejacule.

Concordamos com o psicanalista Paul Kardous² ao afirmar que a impotência sexual é uma das patologias que mais demonstram a complexidade envolvida na ligação do homem com seu objeto sexual. O fato de que em determinados momentos a “coisa” não funciona implica que não somos máquinas sexuais puramente orgânicas, mas necessitamos de um campo de representações, de um jogo de atração e desejo, que envolve o outro, para que estejamos (ou não) aptos ao exercício sexual.

Em uma busca da literatura entre as principais plataformas de periódicos acadêmicos, banco de dados de teses e dissertações, encontramos apenas um trabalho que apresenta um levantamento exaustivo do texto de Freud sobre o termo “impotência sexual” (KERN, 2010). No entanto, esse estudo não objetiva discutir seus desdobramentos. Além disso, localizamos trabalhos que se concentram nos textos principais a respeito do tema – *A Psicologia do Amor e Inibição, sintoma e angústia* –, análises de casos e outros que exploram a concepção lacaniana da impotência (ligada à linguagem e ao discurso). Nesse contexto, nossa investigação almeja demonstrar que a obra de Freud oferece um campo fecundo de exploração no qual podemos extrair algumas teorias da origem psíquica da impotência sexual masculina.

² Comentário realizado na palestra do ciclo “Diversidade Sexual e Psicanálise” promovida pela Escola Paulista de Psicanálise (EPP). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0oad1IQ1BuA>>. Acesso em: 28 de janeiro de 2017.

Sabemos que, após a Revolução Industrial, houve um impulso na pesquisa científica em relação à vida sexual da família burguesa, que cada vez mais teve que se “dessexualizar” e canalizar sua energia sexual para o trabalho e para a educação. As novas formas de vida levaram o Estado a desenvolver maneiras de controlar a sexualidade dentro da vida conjugal. A proibição do prazer fora do matrimônio fez com que os campos científicos cada vez mais se interessassem pelos temas da frigidez no casamento e da impotência sexual nos homens. No fundo, o interesse estava em manter a “boa união civilizada”, a suposição de uma sexualidade normalizada, fundada no coito, no orgasmo e na procriação (ROUDINESCO, 2015). A psicanálise herda até certo ponto esse terreno regulatório, mas decididamente essa não era a posição de Freud, que desde seus primeiros textos, como veremos, pensava a causa da neurose em direta conexão com a repressão da sexualidade em sua época. Ao mesmo tempo, ele não acreditava no caminho inverso, que a liberação da pulsão sexual solucionaria os problemas da neurose. Segundo a historiadora Elisabeth Roudinesco, a teoria freudiana entendia que a:

[...] “moral civilizada” descansava, não sobre a preservação da família monogâmica ou a fidelidade conjugal, mas sobre a necessária sublimação das pulsões em atividades criativas. [...] [Freud] sabia, por ter praticado voluntariamente, que nenhuma abstinência sexual podia se impor ao sujeito em nome de uma moral higienista de inspiração religiosa. (2015, p. 299, tradução nossa)

Nesta dissertação cuidaremos de nos afastar da intenção normatizante implicada na pesquisa sobre a sexualidade humana e buscamos extrair desse percurso um saber emancipatório. De antemão alertamos: não há psicanalista especialista em impotência sexual³. Mesmo que o sujeito busque um saber sobre seu sintoma, na medicina ou diversas outras formas terapêuticas, na psicanálise o analista deve se posicionar de tal maneira que o sujeito ao falar se dê conta de que esse saber, surpreendentemente, escapa de suas próprias palavras e atos.

Partimos de um exame de pesquisa bibliográfica dos termos “impotência” e “ereção” nas obras completas de Freud traduzidas direto do alemão por José Luis Etcheverry (coleção Amorrortu), a fim de selecionar os textos em que o psicanalista se dedica ao tema. Utilizamos a metodologia qualitativa para aprofundar nossa discussão e dar o encaminhamento cabível aos desdobramentos teóricos e clínicos dos estudos destes textos. O método qualitativo na pesquisa psicanalítica possibilita o confronto entre teoria e clínica na compreensão de fenômenos como a impotência sexual, e o uso de vinhetas clínicas nos permitiu ilustrar algumas de nossas discussões.

³ Em analogia à frase de Chatel de Bracion (1998), “Um psicanalista não é em caso algum um especialista de tal ou tal sintoma” (p. 126).

O primeiro capítulo, “Primeiras aproximações ao tema da impotência”, apresenta os prolegômenos deste tema na obra de Freud em manuscritos, cartas, ensaios, livros, bem como o sentido que o psicanalista dava a esse problema no início de sua obra. Esse percurso se faz entre os anos de 1892 e 1901, do *Manuscrito A* à obra *A psicopatologia da vida cotidiana*. Primeiro, expomos a aproximação que Freud faz da impotência sexual como fator etiológico das neuroses, em seguida nos servimos do esquema sexual elaborado no *Manuscrito G*, para entender o processo de excitação sexual e seus obstáculos. Apresentamos uma vinheta clínica que ilustra a relação da alucinação com a potência sexual. Não poderíamos deixar de notar o lugar que Freud dá à impotência sexual em seus grandes textos como *A interpretação dos sonhos* e a *A psicopatologia da vida cotidiana*. Extraímos desse percurso inicial a complexidade envolvida na impotência sexual masculina, uma abertura para a discussão de sua etiologia.

No Capítulo 2, “Uma teoria psicanalítica da impotência sexual”, apresentamos o principal estudo de Freud sobre a impotência sexual masculina, o texto *Sobre a mais generalizada degradação da vida amorosa* (1912). Buscamos esclarecer a natureza do impedimento interno vivido por homens que se queixam de impotência, os motivos da impotência seletiva, e o fato de não serem impotentes durante a masturbação. Para isso, construímos um caminho teórico que demonstra a passagem da sexualidade infantil à escolha de objeto, o problema da divisão da sexualidade nas correntes ternas e sensuais, para enfim termos solo firme e nos atinarmos à primeira teoria etiológica da impotência sexual, extraída do texto de 1912, e que denominamos: hipótese da fixação incestuosa. Nela verificamos que um traço do objeto incestuoso, ao aparecer na relação sexual, dá lugar a certa ternura e realiza um afastamento da libido devido o impedimento da barreira do incesto, ocasionando assim a impotência. Encerramos este capítulo com a análise do sonho de um paciente que se queixa de impotência sexual. Nele notamos a matriz simbólico-imaginária da impotência, e um ponto enigmático que toca a função paterna.

No Capítulo 3, “Inibição e ameaça de castração”, abordamos com mais detalhes a natureza do impedimento vivido pelo impotente, a partir de duas outras hipóteses etiológicas propostas por Freud: a hipótese da ameaça de castração e a hipótese do horror ao feminino. Para isso percorremos um caminho que parte da explicação de ser a impotência uma inibição ocasionada pela ameaça de ser castrado. O complexo de castração incide sobre o sujeito, deixando resquícios de sua operação, como as figuras de ameaça. A fim de esclarecer o enigma da função paterna no sintoma da impotência, fomos levados a estudar a constituição sexual do menino em três tempos: a criança-falo, o menino-ameaçado e tornar-se. A difícil operação

implicada nesse terceiro tempo foi ilustrada a partir de uma cena do filme *Boyhood* (2014). A operação paterna ao propor uma metaforização e simbolização do desejo, a partir da figura central do falo, deixa um resto que escapa e que incide sobre os sintomas e fantasias. Os dois exemplos clínicos analisados ao final tentam ilustrar a resposta do sujeito frente a esse resto.

No último capítulo, “Fantasia e mais além”, damos continuidade à exploração desse resto da operação de paterna, ao consideramos a última teoria da causa da impotência sexual proposta por Freud: a hipótese da atitude masoquista. Buscamos situar a importância da fantasia na formação dos sintomas neuróticos. Ao considerar o dualismo das pulsões de vida e de morte, vemos o masoquismo originário como esse resto que incide sobre a impotência sexual, nutrindo seu caráter repetitivo, impossibilitando a pulsão agressiva se exteriorizar, regredindo o homem a um modo de satisfação infantil e obscuro. Explicamos que a potência sexual não retira sua força apenas do campo da fantasia e da pulsão sexual, mas da pulsão agressiva. A impotência, por sua vez, pode ser consequência de uma não exteriorização dessa pulsão, de um gozo masoquista. Em seguida discutimos como essa atitude masoquista se faz presente em três fantasias frequentes na análise de pacientes impotentes. Por fim, concluímos propondo um encaminhamento clínico da impotência sexual masculina.

1 PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES AO TEMA DA IMPOTÊNCIA SEXUAL

Ao recuperar as primeiras referências de Freud ao tema da impotência sexual em sua obra (1892-1901), notamos que em momento algum o autor se dedica a esclarecer uma teoria da causa da impotência sexual psíquica. No entanto, acaba por nos fornecer uma série de aproximações que possibilitam investigar e extrair considerações sobre os motivos que estruturam a impotência sexual psíquica, bem como as falhas e os pontos obscuros da sexualidade humana. Seguimos a ordenação cronológica do surgimento do tema da impotência sexual na obra de Freud e esclarecemos o sentido do contexto em que o tema é considerado. Encontramos três grandes momentos em que faz considerações a respeito da impotência: os estudos sobre a etiologia da neurose, *A interpretação dos sonhos* e *A psicopatologia da vida cotidiana*. Nosso objetivo é fornecer uma abertura ao tema da impotência, antes de considerar os motivos psíquicos que a governam.

1.1 A impotência e a etiologia das neuroses

A primeira consideração freudiana a respeito da impotência sexual se dá no *Manuscrito A*, de 1892, enviado a Fliess, sobre a neurose de angústia e a neurastenia. O que é considerado ali pode nos alertar sobre a complexidade do tema que investigamos: “[...] é a anestesia sexual da mulher [frigidez] algo diferente de um efeito de impotência? *Pode criar por si só uma neurose?*” (FREUD, 1892/1992a, p. 216, tradução nossa, grifo nosso). Além da dúvida sobre se a anestesia da mulher possui a mesma estrutura da impotência no homem, sublinhamos que o interesse do autor não está no problema da impotência, e sim na etiologia da neurose.

As neuroses (como a histeria, a hipocondria) eram afecções do sistema nervoso, em que não se reconhecia uma localização orgânica precisa, que afetavam funções do corpo e dos órgãos, sem apresentar lesão ou inflamação (LAPLANCHE & PONTALIS, 2004, p. 260). Nesse primeiro manuscrito, e nos outros textos até 1895, Freud se interessa de forma recorrente pelo problema da impotência sexual, mas apenas como fator que poderia causar as neuroses, principalmente a neurastenia e as neuroses de angústia.

A neurastenia era uma enfermidade que compreendia sintomas como o cansaço, as dores de cabeça, gastrite, constipação, formigamento e empobrecimento da atividade sexual, sintomas típicos da vida moderna. Nessa época, Freud pensa que a causa de tal afecção é um funcionamento sexual inadequado, que tais pessoas são incapazes de resolver de forma adequada suas tensões libidinais (FREUD, 1892/1992a, p. 260). Uma das hipóteses etiológicas

de Freud é que a neurastenia é resultado de uma inibição na função sexual causada pela masturbação, “[...] a neurastenia do homem ocorreria paralelamente, em virtude da etiologia, com uma impotência relativa [...]”, que com o excesso de masturbação ele teria sofrido “uma diminuição *em sua potência*” (FREUD, 1892/1992a, p. 220, tradução nossa, grifo nosso). A neurastenia da mulher seria consequência direta da neurastenia do homem, por mediação dessa diminuição na potência (FREUD, 1892/1992a, p. 216), visto que, funcionando mal, o homem não poderia satisfazer uma mulher.

Freud ainda sustenta o papel da masturbação excessiva, a consequente diminuição na potência do homem, na etiologia da neurastenia, a ponto de crer que a restrição da masturbação pela sociedade seria um caminho interessante para a profilaxia dessas enfermidades:

Se a masturbação é a causa da neurastenia na juventude, e logo, pela diminuição na potência que ela produz, cobra significação etiológica para a neurose de angústia, prevenir a masturbação em ambos os sexos é uma tarefa que merece mais atenção do que se prestou até agora. É de interesse diretamente comunitário que os homens entrem com potência plena no comércio sexual. (FREUD, 1894/1992e, p. 270, tradução nossa)

Apesar do tom normativo de Freud, notemos que a masturbação só se torna um problema em razão da possibilidade de tomar a vida do sujeito ao ponto de impedir o ato sexual e, por consequência afetar a satisfação sexual do homem e da mulher. É uma queixa recorrente entre pacientes com impotência sexual que, durante a masturbação, com o auxílio de certas fantasias particulares, logrem manter a ereção do pênis e chegar ao orgasmo, mas que durante o ato sexual não conseguem. Acabam crendo que, se diminuïrem a frequência da masturbação, irão conseguir realizar o ato, mas normalmente essa ideia não produz muitos efeitos. Essa observação clínica de que a potência permanece na masturbação, mas se esvai no ato sexual, poderia ter levado Freud a investigar que o problema da impotência estava ligado não tanto ao poder que a masturbação possuía de afetar o desempenho sexual, mas que o problemático se passa na própria realização do ato sexual.

Na *Carta 18*, de 21 de maio de 1894, Freud afirma mais incisivamente que em todos os casos em que as doenças dos nervos são adquiridas, é possível encontrar perturbações na vida sexual. Ele relata nessa carta o primeiro caso clínico de impotência sexual de sua obra:

Um homem de 42 anos, muito vigoroso, foi acometido, quando tinha 30 anos, por uma dispepsia neurastênica com perda de 25 quilos; desde então vive reduzido e neurastênico. Na época da gênese estava noivo, e seu ânimo se alterou por uma enfermidade da noiva. [...] Ele mesmo designa como causa o decaimento que inferiu a sua constituição, até os 30 anos, seu muito trabalhar, beber, fumar, uma vida desordenada. Mas aí está que este homem vigoroso [...] nunca foi potente em regra; nunca pôde praticar um só coito, ejaculava muito rápido e nunca pôde desfrutar de verdade de seu êxito com as mulheres, nunca ejaculava dentro da vagina. *Por que essa*

diminuição [da atividade sexual]? Não sei, mas é bem chamativo que justamente encontremos isso. (FREUD, 1894/1992d, p. 228, tradução nossa, grifo nosso)

Compreendemos que a estratégia de Freud ao investigar as psicopatologias de seus pacientes é buscar na anamnese clínica os problemas sexuais relativos, como momentos decisivos na biografia do paciente. Além da neurastenia, procedia desse modo com a angústia, melancolia e histeria. A angústia, por exemplo, poderia ser classificada de várias maneiras, mas sempre teria sua causa no mau funcionamento sexual: a “[...] angústia das abstinente forçadas, ou das mulheres que são desdenhadas pelo marido, ou não são satisfeitas *por falta de potência*[...]”; “[...] angústia dos homens que vão mais além de seu prazer, pessoas idosas *cuja potência cede*[...]”; “[...] angústia dos homens que se abstêm ocasionalmente [...] a raiz de uma incipiente *debilidade da potência*” (1894/1992c, p. 230, tradução nossa, grifo nosso); “[...] angústia da potência em baixa ou da libido insuficiente [...]” (p. 233, tradução nossa). Mesmo a melancolia seria resultado de uma “[...] *potência fraca*, como algo análogo a masturbação[.]” (FREUD, 1894/1992d], p. 238, tradução nossa, grifo nosso). Em todos esses exemplos chama atenção que o autor se utilize da impotência sexual como explicação das razões de certas doenças, mas não forneça uma explicação para a própria impotência. Por um lado, podemos deduzir que até este ponto a impotência era pensada pelo autor como de etiologia médica-fisiológica. Por outro, veremos que neste período, quando aborda o problema da excitação sexual, não restringe esta última ao campo fisiológico. Todavia, é notório que, ao tratar da excitação sexual, haja um silêncio sobre o tema da impotência. Vejamos que, com o esquema (Figura 1) desenvolvido no *Manuscrito G* (FREUD, 1895/1992f), o autor fornece uma explicação mais detalhada de como as patologias podem ter relação com a excitação sexual, ou com a falta dela, com o estudo desse esquema, poderemos inferir uma primeira explicação da impotência sexual masculina em sua obra.

1.2 O problema da excitação

No *Manuscrito G*, de 7 de janeiro de 1895, enviado a Fliess, Freud (1895/1992f) continua sua investigação a respeito da correlação entre a excitação sexual e algumas enfermidades como a neurose de angústia, neurastenia e melancolia. Utiliza uma concepção mecanicista⁴, que é evidente em algumas de suas elaborações teóricas. Parte da ideia de que o

⁴ “Entende-se por explicação mecanicista a que utiliza exclusivamente o movimento dos corpos, entendido no sentido restrito de movimento espacial. Nesse sentido, é mecanicista a teoria da natureza que não admite outra explicação possível para os fatos naturais, seja qual for o domínio a que eles pertençam, além daquela que os

aumento da excitabilidade de um organismo provoca o acúmulo de excitação e, a incapacidade de suportar essa tensão, o leva a descarregá-la. Por exemplo, o estímulo externo da luz do sol, pode excitar a superfície dos nossos olhos, gerar um acúmulo de excitação e levar nosso organismo a produzir uma reação instantânea que cancela tal estímulo: o fechar das pálpebras. No caso dos estímulos endógenos, como a fome e a sede, aprendemos desde muito cedo a suportar certa dose de tensão até o momento adequado para a descarga. Se podemos cancelar um estímulo externo nos afastando dele, isso não acontece em relação a um estímulo interno. Freud, nesses manuscritos, faz uma tentativa de demonstrar que a precária vida sexual de tais pacientes gera um excedente de excitação no organismo, que se transforma em sintoma. Seu raciocínio é estatístico: ele nota que há uma correlação entre *coitus interruptos* e neurose de angústia, masturbação e neurastenia, frigidez e melancolia.

Nesse manuscrito apresenta um modelo que intitula “Esquema Sexual” (Figura 1) que tenta dar conta da complexidade que há entre a excitação sexual do homem e a descarga dessa excitação (orgasmo), além de ajudar na compreensão das enfermidades. Apesar de utilizar constantemente modelos para entender os fatos mentais, Freud busca com eles não dar sentido a tais fatos (como fará posteriormente), mas encontrar suas leis de funcionamento. No entanto, apesar de sedutor para explicações, “[...] o valor heurístico dos modelos teóricos freudianos não deve nos mascarar seu caráter eventual de ‘obstáculo epistemológico’” (BACHELARD citado por BERCHERIE, 1985, p. 312). Enfim, dediquemo-nos ao esquema.

Formalmente esse esquema se constitui de dois eixos que se cruzam e formam quatro campos. O eixo horizontal – fronteira do eu – divide o mundo externo do mundo interno. Já o eixo vertical, intitulado fronteira somatopsíquica, marca o que é do território do soma (corpo) e o que pertence ao território psíquico.

De acordo com o esquema, uma excitação dos órgãos genitais – a pressão do líquido seminal na parede dos testículos – estimularia o sistema nervoso de baixo para cima, do “centro espinal” até o grupo psíquico sexual, que, segundo Bercherie (1985, p. 317), é o “[...] conjunto das representações mentais que se relacionam com sexualidade”. A excitação sexual psíquica se manifestará somente se a tensão sexual visceral ultrapassar o umbral de valor psíquico e atingir o grupo psíquico. Cabe frisar que o estímulo do órgão sexual, segundo esse esquema, é diferente da excitação sexual psíquica. É possível haver estímulo do órgão sexual e não haver uma “vivência” de excitação.

interpreta como movimentos ou combinações de movimentos de corpos no espaço” (*Dicionário de Filosofia*, Nicola Abbagnano, p. 654).

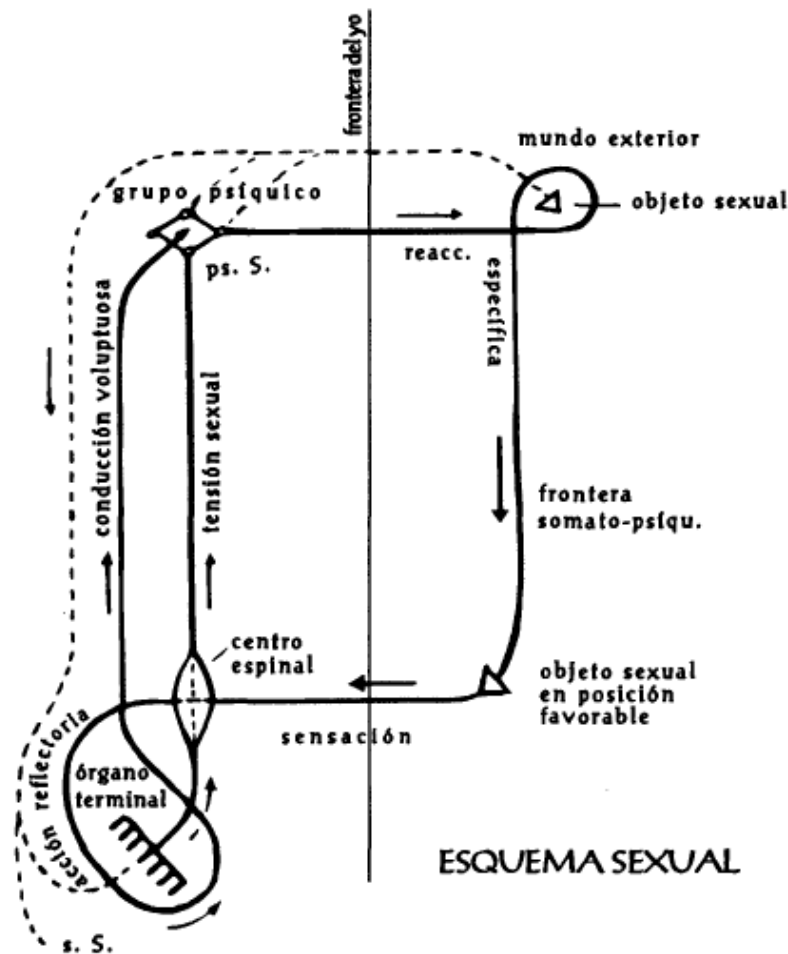


Figura 1

Tendo a tensão sexual atingido o grupo psíquico, as representações por sua vez excitadas tramitam a excitação física e produzem um estado psíquico de tensão libidinal em que se encontra a “representação da ação” que finaliza o estado de tensão. A realização dessa ação diante do objeto sexual – que contorna o objeto sexual, colocando-o em posição favorável para a satisfação – é que torna possível uma sensação que pode tomar um duplo caminho⁵ (observar o esquema): (i) voltar-se novamente ao centro espinal e gerar mais tensão sexual (ação inespecífica); (ii) possibilitar, enfim, a ação reflexa de supressão da excitação somática (orgasmo) e gerar, com isso, a sensação de prazer/voluptuosidade/descarga (ação específica). É necessário notar ainda, como aponta Bercherie (1985), que a linha pontilhada do esquema indica o movimento inverso, em que a percepção do objeto sexual estimula o grupo psíquico

⁵ Freud e comentadores (MEZAN, 2006[1985], BERCHERIE, 1985) destacam apenas o segundo destes caminhos. Contudo, do segundo podemos extrair um problema que ocupará Freud anos mais tarde: o que levaria o sujeito em sua excitação sexual a produzir mais tensão sexual, se o acúmulo de energia produz desprazer? Se o primeiro caminho está de acordo com o princípio do prazer, o segundo parece apontar para mais além deste princípio.

sexual e em seguida o órgão terminal⁶, indicando que a excitação sexual é despertada não apenas por um estímulo endógeno, mas também por um exógeno.

Na continuação do manuscrito, Freud nos adverte que com esse esquema pretende responder a uma pergunta: o que faz com que o grupo psíquico sexual não receba excitação? Isto é, que a excitação do órgão não seja acompanhada da sensação psíquica de excitação. Para o autor seriam dois os motivos principais: (i) a produção da excitação sexual somática foi insuficiente (coito interrompido, masturbação excessiva, frigidez) e acabou não alcançando o grupo psíquico; (ii) a tensão sexual foi desviada (por exemplo, no asco-histérico) desse grupo psíquico e esse “quantum livre” acabou sendo empregado na fronteira somatopsíquica como angústia. A ideia de “quantum livre” indica que uma excitação é capaz de não se ligar psiquicamente, por meio das representações, e permanecer como um corpo estranho que invade o organismo com angústia. Esse conceito nos parece apontar aquilo que a psicanálise laciana conceituará como Gozo.

Quanto aos motivos que levariam ao desvio da tensão sexual do grupo psíquico, exemplifica mencionando a pedagogia sexual das mulheres na sociedade. Segundo ele, a educação das mulheres é feita para que não se desperte nelas a excitação dos órgãos, mas que, na mínima aparição do objeto sexual, apenas outros grupos psíquicos sejam estimulados. Isto é, que, em vez de agir diante de seu objeto sexual, as mulheres são ensinadas a devanear⁷. O psicanalista acredita que esse devaneio é estimulado, pois, caso houvesse uma estimulação somática adequada nas mulheres, o grupo psíquico de representações levaria a mulher a realizar uma ação específica sobre o objeto sexual, colocando-o numa posição favorável para sua satisfação (como o esperado de um homem). Ao contrário, aponta, a cultura demanda da mulher que ela abandone a ação específica, que seduza o homem para que ele realize a ação⁸.

Outra maneira de se desviar da tensão sexual já havia sido trabalhada no *Manuscrito E* (1894/1992c), em que se discorreu sobre a “angústia virginal” daquelas pessoas que não conseguem nem mesmo ouvir nada de sexual, que ao menor indício desse tema apresentam um ataque de angústia desproporcional. A explicação para esse sintoma estaria no fato de a educação dessas pessoas ter impossibilitado que elas desenvolvessem as representações sexuais

⁶ Stekel (1920, citado por KARDOUS, 2007, p. 30) apresenta em seu livro *A impotência masculina* uma divisão das etapas da excitação sexual semelhante à trabalhada por Freud neste manuscrito, apesar de menos detalhada: 1-Libido; 2-Volúpia; 3-Ereção; 4-Ejaculação; 5-Orgasmo.

⁷ A importância dos devaneios ou sonhos diurnos nos sintomas histéricos foi abordada por nós em outro estudo (HENDERSON, CHATELARD & MAESSO, no prelo).

⁸ Isso leva Freud a afirmar que “[...] é preciso considerar as mulheres ‘potentes’ em sua maioria, uma mulher impotente, ou seja, realmente anestésica, é de igual modo pouco suscetível à neurose de angústia e tolera até incrivelmente bem os influxos nocivos” (1894/1992c, p. 103, tradução nossa).

que acolheriam a excitação. Nesse caso, a tensão sexual, ao se produzir, não teria um “escoamento” adequado e se transformaria em angústia. A angústia seria uma tentativa de sufocar a excitação, de se defender dela. A neurose de angústia seria efeito do crescimento da tensão física:

[...] a tensão física cresce, alcança seu valor de umbral com o qual pode despertar afeto psíquico, mas por razões quaisquer a ligação psíquica que se oferece permanece insuficiente, é impossível chegar à formação de um afeto sexual (libido) porque faltam para isso as condições psíquicas: assim a tensão física não ligada psiquicamente se muda em... angústia. (1894/1992c, p. 232, tradução nossa)

Destacamos que neste contexto é a não ligação da tensão física com as representações sexuais que gera a angústia, insinua-se que tais representações possuem uma função de proteção, de processamento da tensão, contra o acúmulo da tensão.

Freud faz uma afirmação curiosa no *Manuscrito G*: “Enquanto as pessoas potentes contraem neuroses de angústia, as impotentes tendem à melancolia” (1895/1992f, p. 244, tradução nossa). Logo, para Freud, tanto a neurose de angústia quanto a melancolia seriam geradas por um mau funcionamento da sexualidade. Poderíamos deduzir que, se uma pessoa for “potente”, isto é, capaz de excitação do órgão sexual, mas sua tensão sexual for impedida de acessar o grupo psíquico e gerar a excitação psíquica, a tensão física se transformará em angústia. Já se a pessoa for impotente, ou seja, incapaz de excitação do órgão sexual, for impossibilitada disso, ou tiver uma excitação insuficiente, seria levada a um empobrecimento gradativo do psiquismo, e a uma espécie de nostalgia da vida pulsional perdida. Freud esclarece dizendo que a perda da magnitude de excitação forma no grupo psíquico um escorrimento, um buraco, uma espécie de hemorragia interna que suga as excitações contíguas que ainda se fazem presentes. Esse trecho se aproxima do que encontramos em 1914, em *Introdução ao Narcisismo*: “a percepção da impotência, da própria incapacidade para amar por consequência de perturbações anímicas ou corporais, tem um efeito deprimente no sentimento de si” (FREUD, 1914/1979, p. 95, tradução nossa).

Notamos aqui uma relação aproximativa causal entre a impotência sexual e a melancolia. Talvez estivesse cedo demais para Freud elucubrar a situação inversa, aquela de que algo na ordem do luto e da melancolia poderia causar a impotência sexual. Nos relatos de pacientes impotentes podemos encontrar um discurso nostálgico: “isso nunca me aconteceu antes”, “com minha antiga parceira eu transava muito bem, era a melhor transa da minha vida”, “desde que terminei, nunca mais consegui”. Esses exemplos nos trazem a dimensão de que algo foi constatado no momento da impotência: não gozo mais como antes, ou como poderia gozar se ainda estivesse com meu antigo objeto de amor perdido.

Podemos concluir que, apesar da tentativa reducionista de explicação da excitação sexual no homem por um modelo físico-fisiológico⁹, Freud acabou fornecendo elementos para a compreensão das neuroses e da sexualidade no nível psicológico que serão de extrema importância para uma teoria psicanalítica da impotência sexual. Para resumir:

- (i) a excitação sexual do homem não se restringe à pressão instintual de seu aparelho reprodutor, já que depende do campo psíquico das representações;
- (ii) não é qualquer ação que suprime a tensão sexual, mas uma que Freud chama de “ação específica” ou “adequada”. O campo das representações forneceria a representação de tal ação. No caso das mulheres, essa ação seria demandada do outro;
- (iii) é necessário que o objeto sexual seja colocado em uma “posição favorável” para que haja o acúmulo de tensão sexual ou sua descarga;
- (iv) o objeto sexual só desperta a excitação sexual se for inserido no grupo de representações psíquicas sexuais (ver linha pontilhada da Fig. 1).

A impotência sexual nesses manuscritos figura como aquilo que pode vir a causar uma enfermidade, mas seu fundamento psíquico, o que causa a própria impotência, ainda não é esclarecido. Entretanto, com os elementos propostos por Freud no *Manuscrito G*, podemos arriscar uma **proto-explicação da impotência** a partir de seu esquema: a impotência sexual propriamente psíquica ocorre quando, mesmo com a estimulação adequada do órgão genital, com a excitação atingindo o umbral do grupo psíquico e estimulando as representações sexuais – produzindo excitação psíquica –, algo impedissem a ação específica de acontecer. O indivíduo sentiria vontade, mas não agiria de acordo com ela nem realizaria o ato sexual; por conseguinte, não colocaria o objeto em uma posição favorável para a realização do ato sexual. A tensão sexual física ficaria “presa” nesse processo e se escoaria por algumas representações, pelo corpo ou logo se transformaria em angústia. Os relatos de pacientes impotentes ratificam essa hipótese, visto que após o fracasso é comum sentir o corpo enrijecendo, ser invadido por fantasias ou pensamentos como “não vou dar conta” e por uma vivência de angústia. O que levaria o sujeito a ser impedido em sua ação específica? Qual a natureza desse impedimento? Buscaremos esclarecer essas questões no capítulo seguinte.

⁹ A teoria de que o conjunto sexual e amoroso do homem é efeito de um reflexo na excitação visceral (BERCHERIE, 1985, p. 320) será abandonada por Freud, na medida em que ele percebe que suas descobertas psicológicas descrevem a sexualidade de uma maneira mais ampla, que não pode ser restrita a uma física-fisiológica.

O problema da excitação sexual ganhará novos contornos cerca de 10 anos depois em *Três ensaios sobre a teoria sexual* (1906[1905]/1992h), especificamente no capítulo “As metamorfoses da puberdade”. Se antes havia entendido que o organismo funciona a partir de um modelo mecanicista do princípio do prazer, isto é, da evitação do acúmulo de tensão através da descarga imediata do estímulo ou postergada pelo princípio de realidade, a excitação sexual acaba se tornando um problema, visto que durante a tensão sexual o acúmulo não é seguido pela descarga, demora-se nele, e ainda, ele não gera desprazer; pelo contrário, gera o aumento do prazer.

Derivado deste problema, até mesmo as preliminares se tornam incompreensíveis. Se existem duas formas de prazer, aquela sentida nas preliminares, que se dá pela estimulação das zonas erógenas e que provém da vida infantil (prazer prévio) e aquela forma de prazer inaugurada na puberdade, que se dá pela estimulação e descarga do órgão genital (prazer final): de que modo o prazer sentido desperta a necessidade de um prazer maior? O autor não consegue responder essa pergunta nesse momento. Consegue observar, no entanto, que o sujeito pode ficar fixado ao prazer prévio, que se mostra muito intenso, e a força pulsional que se concentra nele acabar fazendo faltar a tensão para o prazer final. A ação preparatória acaba substituindo a ação final. Para Freud, essa fixação no prazer prévio pode ter origem na estimulação excessiva de determinada zona erógena na infância, que origina uma compulsão.

É nos *Três ensaios* que Freud descarta a teoria exposta no esquema sexual de que a tensão sexual seria um produto da pressão do líquido seminal. Não acredita também que a tensão sexual seria oriunda do prazer, visto que o prazer teoricamente se dá na descarga, e não na tensão. Afinal, de onde vem a tensão sexual? Ela parece não se regular pelo princípio do prazer.

1.3 Ação específica e a inadequação do objeto

Acabamos de observar que o problema da impotência sexual pode se dar diante da realização da ação específica. Freud entende por ação específica:

Este alívio psíquico só é possível pelo caminho que designarei *ação específica* ou adequada. Tal ação adequada consiste, para a pulsão sexual masculina, em um complicado ato reflexo espinal que tem por consequência o alívio daquelas terminações nervosas, e em todos os preparativos que se devem operar no psíquico para desencadear este reflexo. (FREUD, 1894/1992e, p. 108, tradução nossa, grifo nosso)
[...]

A partir de certo umbral é valorizada psiquicamente, entra em relação com certos *grupos de representações que logo põem em cena o remédio específico*. Então, a partir de certo valor uma tensão sexual desperta libido psíquica que logo leva ao coito. Se a ação específica não pode produzir-se, cresce desmedidamente a tensão psicofísica (o afeto sexual). (FREUD, 1894/1992e, p. 231, tradução nossa, grifo nosso)

Destacamos no texto que, além do traço organicista na concepção de ação específica como comportamento reflexo da inervação do corpo, do pênis e da ejaculação, ela impõe condições psíquicas para sua execução. Na impotência sexual haveria justamente uma não colocação em cena deste remédio específico, seja do lado corporal – impotência orgânica –, seja do lado das representações – impotência psíquica. Uma hipótese que parece pertinente para esse não desencadeamento do lado psíquico é sugerida por Mezan (1985/2006). O autor acredita que incluir a parceira (ou parceiro) no conjunto das representações eróticas, e por consequência “em uma posição favorável” para a realização erótica, é tarefa da ação específica. Entendemos assim que se a impotência – segundo a nossa proto-explicação – é um impedimento da ação específica, pode estar em jogo nela uma dificuldade do sujeito incluir a representação do parceiro/a no grupo psíquico de representações sexuais ou colocá-lo em uma “posição favorável” na cena sexual. O problema não se concentra no polo motor da ação específica, mas no polo psíquico.

Além disso, anteriormente, em seu Projeto (1950[1895]) Freud havia ressaltado papel do humano próximo, do outro materno, nesta ação específica para o lactente. Se o bebê chora, com fome, o outro materno oferece o objeto seio para saciá-lo. Laplanche & Pontalis destacam que em Freud, além do objeto, para a realização da ação específica, é necessário uma intervenção do exterior: “[...] é necessário uma série de condições externas para que haja ação específica. Devido ao seu desamparo original, a ajuda exterior se converte na condição prévia indispensável para a satisfação da necessidade” (2004, p. 28). Contudo, mesmo um bebê pode recusar o seio da mãe, isto é, pode recusar-se à ação específica – apesar da sua necessidade nutricional – este sintoma infantil é lido por Dunker (2006) como uma amostra de que mesmo para o bebê há um hiato entre o seio apresentado (percebido) e o seio esperado (alucinado). Esta divisão pode se presentificar de tal maneira que uma função como a da alimentação pode sofrer uma inibição.

Isso deve nos levar a reformular nossa proto-explicação do impedimento da ação específica pois no campo da sexualidade humana nos parece não haver ação específica possível, não ao modo como Freud a concebia, como uma representação que garanta que o humano irá direcionar todos seus reflexos motores para determinado objeto de modo direto. Se há encontro entre os genitais, e relações sexuais minimamente satisfatórias, isso se deve não por uma ação

específica realizada, mas por outro tipo de mediação. Em analogia poderíamos pensar que a impotência seria tal como a recusa do bebê, a consequência da distância mantida entre ambas as representações: a do objeto percebido (parceira/parceiro) e o objeto sexual esperado (alucinado). Analisemos uma vinheta clínica para compreender esse ponto. Trata-se da alucinação onírica de um ato sexual relatado por um analisando:

Um jovem sofria de impotência com sua parceira há alguns meses. Apesar de se sentir excitado e atraído sexualmente por ela, conseguia manter a ereção nas preliminares, mas a partir do momento em que “tinha que” penetrá-la, a coisa não funcionava. Desde o início desse relacionamento nunca sentiu que desfrutava plenamente do sexo. Na primeira vez com esta mulher seus pelos pubianos lhe chamaram atenção. Por circunstâncias da vida, teve que se mudar e terminar o relacionamento. Na nova cidade, acabou vivendo uma paixão arrebatadora, em que a impotência também se fazia presente. Mas a paixão não durou. Meses se passaram, sua antiga namorada lhe fez uma visita, dormiram juntos, mas ele não sentiu vontade de se relacionar sexualmente. Queria na verdade dormir com a outra, objeto de sua paixão recente. Durante a noite, o jovem teve uma alucinação, um “sonho alucinatório”, em que estava dormindo ao lado da outra, e começava a beijá-la, passar a mão pelo seu corpo, e sentia através do tato um corpo liso como de criança, um gosto doce e “limpo”. Nisso sentia seu membro ereto como há anos não sentia. Mas assim que sentiu com sua mão o indício de um pelo pubiano no corpo real, a alucinação se desfez, a excitação do órgão se desfez, se desculpou com a mulher que estava ao lado e voltou a dormir.

Essa vinheta clínica ilustra elementos importantes que introduzem uma complexidade na nossa abordagem da impotência sexual:

- (i) o objeto sexual empírico, o parceiro, na impotência parece nunca estar à altura do objeto imaginado/fantasiado/alucinado;
- (ii) o objeto que desperta a potência do homem, a ereção de seu pênis, não necessariamente existe (empiricamente);
- (iii) a presença de um “traço” de realidade é capaz de desestabilizar a potência masculina;
- (iv) a ação específica aqui seria uma alucinação – uma confusão entre a parceira (empírica) e a parceira alucinada – possível apenas enquanto não se faz a presença de um traço que desestabilize essa união ilusória.

Mas, se essas teses são verdadeiras, como é possível que o objeto capaz de despertar a potência sexual do homem, esse objeto que não necessariamente existe empiricamente, se aproxime, se faça presente na cena sexual, sem que necessariamente haja uma alucinação? Na neurose a fantasia ocupa o lugar desta mediação entre o sujeito e este objeto.

É notável que, mesmo que o paciente relate que alucina com a “outra mulher”, por quem havia recentemente se apaixonado, essa outra mulher na realidade não possibilitou a ele tamanha ereção. O impasse que o sujeito nesse caso vive parece ser aquele de experimentar

“um movimento psíquico que se caracteriza pela negatização dos objetos empíricos ‘inéditos’, à procura [desejo] de um objeto que seja capaz de repetir a satisfação originária, da qual o ‘caminho curto’ da alucinação não oferece senão a face imajada e evanescente” (LAGOAS, 2016, p. 109). Segundo Lagoas (2016), a alucinação seria uma das formas mais primárias de forjar uma satisfação, ao investir não em um objeto na realidade, ou na fantasia, mas em acessar os primeiros objetos de satisfação. Mas o que encontram nesse acesso? A irrealidade, a fugacidade e a insatisfação.

1.4 A impotência sexual nos sonhos

Seguindo nosso percurso de busca na obra freudiana de suas referências à impotência sexual, encontramos algumas considerações em seu livro sobre os sonhos. Até aqui, havíamos notado, com os desdobramentos da explicação do *Esquema sexual*, um esforço de Freud em amparar suas descobertas na medicina. Todavia, segundo Garcia-Roza, um giro teórico acontece em 1900, a partir da publicação de *A interpretação dos sonhos* (1900): “A explicação ‘neurológica’ cede lugar a uma decifração do sentido. [...] E é por essa pertença à linguagem que o sonho vai tornar-se o modelo para a compreensão dos sintomas” (GARCIA-ROZA, 1996, p. 60). Nosso interesse em incluir os sonhos nesta investigação se reforça na tese de Freud de que um esclarecimento da vida onírica, do segredo do mundo dos sonhos, torna possível desvelar os mecanismos de formação de sintomas de origem psíquica.

Quando sonhamos, da posição do espectador, vemos uma espécie de filme interior, paisagens, cenas, personagens, imagens. No entanto, Freud não interpreta os sonhos a partir dessa via, que seria a do signo, uma imagem que representaria algo para alguém, como a cor amarela representaria no semáforo o sinal “desacelere” para o motorista. No contexto de um sujeito que sofre de impotência, por exemplo, a cor amarela poderia indicar ao paciente a expressão popular “você amarelou”, ou ainda os motivos inconscientes de sua impotência: o fato de “amar ela”. Daí a importância do nome que o paciente dá ao seu próprio sintoma, sua forma de se referir a ele, bem como suas associações, pois é nessa via que temos acesso a dimensão inconsciente. Da mesma forma que o sonho, o sintoma não é signo, é significante (CHATEL DE BRANCION, 1988).

Esse método de decifrar o inconsciente é muito semelhante à forma com que os egiptólogos decifraram a escrita pictográfica dos hieróglifos. Somente a partir do momento em que abandonaram o vício de entender o desenho de um pássaro como nada mais que a

representação de um pássaro e se deram a chance de ver que aquela imagem era um sistema de escrita, uma letra, um fonema, é que se tornou possível a leitura. Tendo isso em vista, notamos que Freud não se interessa tanto pelas imagens dos sonhos, e sim pelo relato dessas imagens, as associações que delas se desprendem, os restos diurnos, os pensamentos, as lembranças por elas evocadas, as imagens como tendo um valor de palavra. O oposto dessa perspectiva seria considerar o sonho através de seu simbolismo, como o senso comum normalmente interpreta o sonho. Sonhar, por exemplo, com uma borboleta, nessa última perspectiva, se liga à liberdade, ao sair do casulo e conquistar o mundo, símbolo da transformação, etc. Aqui imagens se ligam a outras imagens.

Entretanto, frisemos que Freud apesar de não interpretar um sonho nesta via, não abandona a função do simbolismo no sonho. Ele fará uma introdução cuidadosa sobre o tema para que este não se restrinja a uma dimensão do signo. Diz-nos que: (i) o símbolo pertence às representações de um povo, à identidade conceitual e linguística de uma cultura (mitos, folclores, giros idiomáticos); (ii) o simbolismo no sonho pode atrapalhar a interpretação, por induzir o analista a um caminho mais “fácil”; (iii) a técnica de interpretação de símbolos deve se apoiar nas associações do sonhador, no contexto do sonho; (iv) apenas como um elemento a mais, para preencher o vazio das associações, é que se deve revelar ao paciente que tal elemento do sonho possui uma dimensão simbólica. Enfim, para o autor, apenas o contexto decidirá sobre a interpretação de tais símbolos, como ocorre na escrita chinesa. Com isso, Freud pode finalmente listar uma série de símbolos possíveis de figurar no sonho: O rei e a rainha, simbolizando os pais do sonhador; objetos alargados, bastões, troncos de árvore, guarda-chuvas; assim como todas as armas largas e pontudas, facas, punhais, podem ser substitutos simbólicos do pênis; tomadas, cofres, armários, fornos podem corresponder ao ventre feminino, assim como cavidades, barcos e toda classe de recipientes.

Podemos encontrar ao menos quatro momentos em que alude à presença da impotência sexual nos sonhos, quando discute o simbolismo e a inocência dos sonhos, os sonhos típicos (como sonhos de voo e de exame), e, por último, a transposição dos afetos no sonho. O valor da apresentação de tais momentos é importante na medida em que indica ao analista que há uma trilha de representações inconscientes que envolvem a impotência sexual, parte do seu trabalho será extrair destas associações, que incluem os sonhos, a interpretação. Esse trabalho sobre a via dos significantes permitirá efeitos sobre o sintoma do paciente, mas como veremos a dimensão inconsciente não é a única que determina um sintoma.

A vela... quebrada – Ao abordar que o caráter aparentemente inocente do sonho esconde desejos e fantasias sexuais, Freud relata o sonho de uma paciente jovem: “[...] coloca uma vela no candelabro; mas a vela está quebrada, de modo que não se mantém direito. As crianças da escola dizem que ela é inábil; mas a zeladora diz que não é culpa sua” (FREUD, 1900/1991a, p. 202, tradução nossa). A paciente associa esse sonho a um acontecimento do dia anterior em que havia posto uma vela no candelabro, mas esta não estava quebrada como no sonho. Para o autor, um simbolismo foi empregado na construção desse sonho. Velas, naquela época, eram usadas como objetos para masturbação feminina, e se ela se apresentava quebrada no sonho, simbolizava a inabilidade da mulher em se satisfazer sexualmente. Mas a última frase “não é culpa sua”, apontaria para a ideia de que “a vela quebrada não é culpa da mulher”, mas da impotência sexual do marido, que não a satisfazia. O sonho, então, realizava um desejo: livrar-se tanto da sua inaptidão em satisfazer-se quanto da sua possível implicação na impotência do marido, utilizando-se para isso do simbolismo da vela quebrada como representação da impotência.

Voar e... cair – Sonhar que está voando e cair é entendido nessa obra como uma repetição de impressões da infância, das brincadeiras de ser jogado e cair das crianças com seus familiares. O sujeito procura no sonho voltar à satisfação antiga gerada por essa brincadeira, mas agora faltam as mãos que os ajudavam nisso, e por isso flutuam ou caem livremente. Aquele sentimento de prazer se transforma em angústia por não haver mais a ajuda do outro. Para o autor, entre os homens, os sonhos de voo possuem quase sempre um grosseiro significado sensual (FREUD, 1900/1991a, p. 387). Paul Federn, citado por Freud, acreditava que boa parte dos sonhos de voo era a realização de um desejo de ereção. A ligação simbólica entre voo e pênis ereto se encontra presente desde a Antiguidade até os dias de hoje. Os falos alados da antiga civilização grega (veremos no Capítulo 3) eram representados por gansos ou galos. A própria língua conserva essa proximidade simbólica, como no inglês a palavra “cock” se refere tanto a galo quanto a pênis, enquanto no português usamos as palavras “piupiu”, “pinto”, ou o deslocamento “pica¹⁰” nos referindo ao órgão masculino, e o italiano o chama de “l’uccello” (o pássaro). É notável ainda que os pais frequentemente respondam às crianças que elas vieram de um pássaro, uma “cegonha”. Assim, o desejo de voar, ou de ser um pássaro nos sonhos, “[...] não são senão os giros de uma trama muito mais vasta que nos ensina que o desejo de poder voar não significa no sonho outra coisa que a vontade de ser capaz de conquistas

¹⁰ Em tom chistoso, uma colega psicanalista comentou certa vez que talvez o verdadeiro pênis deveria ser chamado “pica-pau”, aludindo à dimensão fálica e à castração, ao mesmo tempo.

sexuais” (FREUD, 1900/1991a, p. 120, tradução nossa). Cabe ressaltar que frequentemente o voo no sonho é seguido por uma queda, indicando que as conquistas sexuais desejadas no sonho se apresentam sempre no fundo uma possível queda¹¹.

Passar na prova... reprovado – Os sonhos de exame são aqueles pesadelos em que o sonhador se encontra realizando uma prova que já realizou com sucesso no passado, mas, dessa vez fracassa e deve repetir. À primeira vista, o próprio Freud parece não notar o caráter sexual desse sonho e o interpreta como o retorno de recordações infantis de reprovações por parte de adultos. Ele se utiliza de duas analogias para dar sentido a esses sonhos: poderiam ser a tentativa de apaziguar a ansiedade de um sonhador: “não tema isso, você pensou que não ia conseguir naquele tempo e conseguiu”, ou indicar o caminho da interpretação: “o que te faz seguir fracassando?”. Mas é o Dr. Stekel, colega de Freud, que indica outro caminho para a interpretação. Na Alemanha, os exames de admissão, como os vestibulares no Brasil, são chamados de “Maturitätsexamen”, literalmente “prova de maturidade”. Esses sonhos poderiam se referir então ao desejo de conquistar a maturidade. Não por acaso, observa Stekel, tais sonhos acontecem com frequência quando no dia seguinte o homem tem que enfrentar uma prova sexual, e teme ser impotente sexualmente (FREUD, 1900/1991a, nota 41, p. 283). Novamente, o desejo de conquistas sexuais associa-se ao fracasso, aqui sob a dimensão de uma compulsão ao erro.

A luz da vida e a morte – No capítulo sobre a presença dos afetos no sonho, encontramos novamente um exemplo em que figura a impotência sexual. O psicanalista descreve ser possível que acontecimentos que na vigília nos despertariam nojo, medo, tristeza no sonho não nos incomodem ou despertem afetos contrários. Para ele, aquilo que é penoso nos nossos pensamentos diurnos só se insere no sonho quando se presta como disfarce para a realização de um desejo (FREUD, 1900/1991a, p. 549-550). Analogamente ao que se passa quando tentamos dissimular um afeto como a raiva por alguém, em que não apenas escondemos a raiva, mas fingimos seu oposto, uma alegria extrema, o sonho se serviria do mesmo mecanismo de dissimulação. Assim, Freud cita um exemplo:

Um senhor maior foi acordado durante a noite por sua mulher, angustiada porque ele ria com uma voz tão alta e desenfreadamente. O homem contou depois que havia tido o seguinte sonho: Eu estava deitada em minha cama, entrou um senhor conhecido e eu quis ascender a luz, mas não pude; tentei uma e outra vez... mas em vão. Nisso se levantou da cama minha mulher para me ajudar, e tampouco ela pôde conseguir nada; mas como ela se sentiu incomodada frente ao senhor por causa de sua “négligé”,

¹¹ A sensação da queda no sonho parece ser a mesma daquela de quando saltamos de uma cachoeira: vemos nosso corpo reduzido ao peso, perde sua leveza, somos naquele momento puro objeto que cai.

terminou por desistir e por deitar-se novamente na cama; tudo isso era tão cômico que me deu uma risada terrível. Minha mulher disse: “Por que você está rindo?”, mas eu ria cada vez mais, até que acordei. (1900/1991a, p. 469-470, tradução nossa)

A interpretação do sonho revela que esse senhor idoso sofria de uma doença grave, na véspera havia recebido notícias ruins sobre sua enfermidade e pensado na morte como “o grande desconhecido”. O sonho havia representado o contrário dessa imagem, a figura de um senhor conhecido. A risada excessiva era um substituto afetivo do chorar ante a ideia da morte, e a luz que não conseguia acender era a luz da vida. Esse pensamento triste se enodou à tentativa de realizar o ato sexual em uma noite anterior, que não se consumou e de nada ajudou a mulher, notou que o pênis não se mantinha firme. Nas palavras de Freud, “[...] o trabalho do sonho consertou as tristes ideias da impotência e da morte em uma cena cômica, e o chorar, em uma risada” (FREUD, 1900/1991a, p. 470, tradução nossa). A dimensão de paralisia aparece nesse sonho, interligada a presença de um adulto indiscreto.

Em todos os sonhos relatados é possível notar que a dimensão inconsciente do sonhador aponta para um ponto de profunda angústia. Percebe-se um esforço inconsciente do sujeito, tanto do lado do impotente, quanto do parceiro, de “consertar” a impotência, a tentativa de realização de um desejo de ser capaz de conquistas sexuais. Esse desejo tem como fundo sempre uma dimensão angustiante de “queda”, o cair, o quebrar, o não passar, o fracasso, a morte. Esse fundo parece se referir à ideia inicial, à constatação de que “não há quem nos segure”, ou melhor, não há quem ou o que nos assegure na realização do ato sexual, é sempre um risco, e nesse ponto encontramos um desamparo fundamental. Freud chamará este ponto de “umbigo do sonho”, lugar de difícil associação por parte dos sonhadores, em que as palavras parecem faltar. Anos mais tarde, como veremos, a este lugar dará o nome de “mais além”.¹²

¹² Durante a escrita deste capítulo tive um sonho: “Estou sentado na plateia de um teatro de ópera antigo, está lotado, todos estão passando de mão em mão um gavião, de aparência mole, morto, quando perco o medo e seguro o gavião, ele então fica enrijecido, se eleva e voa em linha reta. E não sei se ele cai”. Arriscaria uma interpretação que se coaduna aos nossos propósitos. Associei o “Teatro de ópera” a duas viagens que fiz ao exterior, em que gostava de visitar esses lugares. Viajar para mim foi sempre uma forma de me desafiar. A palavra “gavião” me remeteu à “Pedra da gávea”, local em que, em outra viagem, mesmo com muito medo, enfrentei e consegui voar de asa-delta. O “passando de mão em mão” me levou a pensar na brincadeira de passa anel das crianças, em que não se sabe o que se transmite de mão em mão. Com essa última associação, pude encontrar um fragmento de sentido no sonho: ele realizava o desejo de me desafiar e me fazer transmitir um saber, através dessa dissertação, sem a segurança de que eu vá conseguir sustentá-lo.

1.5 *Capitis diminutio* – a impotência sexual na Psicopatologia da vida cotidiana

No livro *A psicopatologia da vida cotidiana* (1901), Freud tenta esclarecer através do método psicanalítico alguns fatos de nosso cotidiano que podem passar por irrelevantes de tão comuns, como o esquecimento de palavras, nomes e coisas, a perda de objetos e algumas “manias”. Podem parecer duas coisas muito distantes o esquecimento e a impotência sexual, mas tentemos aproximar tais ideias, por indicação do próprio Freud. A princípio, se for suficiente, podemos partir da ideia de que esquecer é no fundo uma “impotência do lembrar”. Sobre o esquecimento de nomes e frases, o psicanalista nos apresenta um exemplo, que à primeira vista não demonstrará sua relação com a impotência sexual, mas, em um segundo momento, notaremos sua convergência.

Em certa reunião alguém pronunciou o dito “*Tout comprendre c'est tout pardonner*” [Compreender tudo é perdoar tudo]. Comentei que bastaria a primeira parte da frase; o “perdoar” já era uma arrogância, que deveria ser deixada para Deus e seus sacerdotes. Uma das pessoas presentes gostou muito dessa observação; eu então me animei e – provavelmente para assegurar-me da boa opinião do benévolo crítico – disse que não fazia muito tempo me havia ocorrido algo melhor. Mas quando quis contar... nada me ocorreu. (FREUD, 1901/1992g, p. 26, tradução nossa)

Nesse trecho Freud analisa um fato ocorrido. Após fazer uma observação de um dito popular comentado em uma reunião, e ser elogiado, tenta se lembrar de uma situação análoga ainda melhor, mas na tentativa de se lembrar dela fica literalmente sem palavras. Ele toma nota de todas as lembranças que lhe vêm à cabeça naquele momento, na tentativa de encontrar a história que queria contar. A primeira lembrança evocada é o nome dos amigos presentes, que o leva à segunda lembrança, o nome aleatório de outro amigo, Max. Max o remete à palavra “máxima”. Percebe que acabara de comentar justamente uma máxima (“compreender tudo é perdoar tudo”). Esforça-se para se lembrar de alguma outra máxima, e a que lhe ocorre é: “Deus criou o homem a sua imagem” e seu inverso “o homem criou Deus à sua imagem”.

É nesse momento que o psicanalista recupera sua “potência” e recorda a história que gostaria de ter comentado: estava caminhando com um colega, que lhe disse “nada humano me é estranho”, e Freud o faz observar que se este fizesse análise iria mais fundo no problema, a ponto de perceber que “nada animal lhe era estranho”. Mas qual o sentido desse esquecimento? Para Freud, essa outra história teve que ser recalcada, pois seria um tema tabu naquele ambiente, já que havia uma jovem, esposa do amigo, que poderia se assustar com o que haveria de “animal” em todos nós, nossa sexualidade. Dessa forma, o motivo do esquecimento seria salvar a pele de Freud do mal-estar causado pelas possíveis questões daquela mulher.

Além desse recalçamento, o psicanalista faz notar ainda que, em ambas as frases lembradas no seu exercício de memória, se conserva uma intenção: ele de alguma forma pretende rebaixar um ser que se pretende superior: Deus ou o Homem. Na primeira, Deus é produto da invenção humana, e, na segunda, o homem é um ser animalesco. Na tentativa de explicar essa “intenção de rebaixar”, utiliza-se do conceito de *capitis diminutio*.

Capitis diminutio, “diminuição da cabeça”, refere-se na Lei romana – e no “juridiquês” dos dias de hoje – à perda da capacidade, de direitos civis, o rebaixamento da condição que se tinha (FREUD, 1901/1992g, p. 27). Entre essas perdas de direitos na lei romana, a *Capitis Diminutio Máxima*¹³ é a maior delas, implicando a perda da liberdade, da cidadania e da família (como ser feito de escravo, objeto para o outro). Notamos que nesse termo se aloja o elemento da perda: perder o poder, a autoridade, a independência, a cidadania, como na expressão ter que “abaixar a cabeça”. O elemento mais obscuro e ao mesmo tempo mais evidente desse esquecimento parece ser essa “intenção de rebaixamento”, que se esforça em não se deixar aparecer. Apresentar essa intenção de rebaixamento naquele contexto, para aquela mulher, implicaria riscos. Sua perda da possibilidade de lembrar parece servir para esconder essa intenção.

Freud conclui que esse exemplo nos serve para pensar o caráter de prudência a que certos esquecimentos podem servir, como se quisessem dizer: “você gostaria de gozar dizendo isso, mas é melhor não, isso pode lhe trazer complicações”. O esquecimento impede a associação daquela representação que traria uma espécie de satisfação ao falante, como se fosse para Freud tentador falar sobre psicanálise, sexualidade e animalidade, e o esquecimento o privasse disso. E é nesse ponto que ele se refere à impotência psíquica:

[...] [o exemplo de esquecimento relatado acima] é apto também para nos ilustrar o caso, não de todo habitual, de um esquecimento que se põe a serviço de nossa prudência quando esta corre perigo de sucumbir por um gosto momentâneo. De tal sorte que o ato falho adquire uma função útil. Já retomada nossa sobriedade, daremos razão a essa corrente interna que antes só podia exteriorizar-se por uma denegação – um esquecimento, uma *impotência psíquica*. (FREUD, 1901/1992g, p. 26, tradução nossa, grifo nosso)

Nesse contexto, não fica evidente se Freud se refere à impotência psíquica sexual ou se utiliza a expressão como um sinônimo de “não conseguir se lembrar”. No entanto, esse equívoco produz um caminho amplo e inexplorado na literatura de estudos que relacionem o

¹³ É importante destacar que ao nos voltarmos aos primeiros elementos evocados por Freud – *Max, Máxima* –, neles já encontraremos de forma condensada essa associação ao “*capitis diminutio máxima*”.

problema da impotência sexual ao esquecimento. Aqui, a impotência psíquica seria a exteriorização de uma corrente interna de pensamentos de forma denegada. Podemos entender que esta teria o mesmo sentido de um esquecimento: a prudência, salvaguardar o sujeito de sucumbir a gostos momentâneos. A “impotência do lembrar” aqui parece estar a serviço da censura, que protege o sujeito tanto do gozo narcísico à mesa quanto da possível penalidade que poderia advir. É notável que, na tentativa de acessar este ponto no qual as lembranças falham, encontre uma estrutura gramatical de inversões entre ativo e passivo (rebaixar, ser rebaixado), sujeito e objeto (Deus criou o homem, o Homem criou deus), visto que a fantasia possui a mesma estrutura.

Nessa obra ainda encontramos outros dois exemplos em que se refere à impotência sexual. Freud relata o caso de um senhor que se casou com uma moça muito mais jovem e decidiu passar a noite de núpcias em um hotel, mas quando chegaram lá percebeu que tinha esquecido a carteira, e todo o dinheiro. Telefonou rapidamente para um empregado, que levou a carteira. Freud interpreta esse esquecimento com a frase “você entrou nesse casamento sem *vermögen* (recursos)”. A palavra *Vermögen* pode ser traduzida do alemão como “recurso”, “ser capaz”, “potente”. Não surpreende Freud que pela noite, após aquele esquecimento, o paciente tenha relatado que foi impotente com sua mulher. O esquecimento de certa forma previa sua impotência, e indicava o caminho simbólico de sua estrutura. “Sem recursos” é a palavra que em análise pode ser capaz de abrir o campo da história subjetiva do sujeito, indicar a via interpretativa e incidir sobre seu sintoma.

Esse exemplo nos leva a especular que a ação de perder coisas é uma ação sintomática dos seres humanos, e pode cumprir, segundo Freud, um propósito secreto do perdedor: (i) expressar o pouco apreço pelo objeto, uma secreta aversão a ele, ou à pessoa da qual o objeto provém; (ii) ter uma conexão simbólica com outro objeto que gostaria de ter perdido, como perder um anel de brilhantes pode associativamente se conectar ao menosprezo da aliança de casamento. Além desses propósitos, Freud nota que perder coisas valiosas serve à expressão de múltiplas intenções: pode figurar simbolicamente um pensamento reprimido, retomar uma advertência que alguém preferiria não escutar, ou bem significar a oferenda de um sacrifício a uma instância superior cujo culto permanece conosco mesmo que sejamos ateus.

Essa ideia de sacrifício se faz presente em outro momento dessa obra quando analisa o significado do ato de trocar coisas confundindo. Por exemplo, o ato de dar uma moeda de ouro a um mendigo, em vez de uma moeda de menor valor. Para Freud essa troca cobra o sentido de uma ação sacrificial consagrada a apaziguar o destino e afugentar a desgraça. Cabe perguntar

se a potência masculina – o pênis ereto, objeto valioso do homem – pode ser utilizada da mesma maneira como moeda de troca. Como algo que o homem estaria disposto a sacrificar para afugentar uma desgraça que se mostra no ato sexual. A impotência seria uma forma de sacrifício do sujeito, de ceder seu objeto precioso, o falo, para uma instância superior, um ser onipotente, que o assegure de um perigo.

O último exemplo relatado por Freud relata o caso de um paciente que sofria de impotência sexual e tinha uma mania curiosa:

Um homem afetado por uma impotência sexual que lhe ocorre em certas ocasiões, e cujas raízes se estendem à intimidade de suas relações infantis com a mãe, informa ter o costume de assinar escritos e anotações com uma S, a inicial do nome de sua mãe. Não suporta que as cartas que vêm de sua casa entrem em contato sobre sua mesa de escritório com outra correspondência *não santa*, e por isso se vê forçado a guardar separadamente as primeiras. (FREUD, 1901/1992g, p. 209, tradução nossa)

No capítulo 3 *Inibição e Ameaça de Castração* nos dedicaremos a analisar esse exemplo mais a fundo, mas cabe frisar dois pontos: o incômodo desse sujeito em sujar a mãe, sua santidade e a estratégia construída de adornar seus escritos com a inicial de sua mãe, assinar com um traço dela.

Até aqui podemos extrair dessa aproximação com a psicopatologia da vida cotidiana algumas conclusões que dizem respeito à dimensão inconsciente da impotência:

- (i) a impotência, assim como o esquecimento, pode servir como signo de prudência do sujeito, indicando a ele que não goze “daquilo, daquele jeito”, servindo assim à censura;
- (ii) é no sufocamento de uma “intenção de rebaixamento” de um ser superior que o homem, pode sofrer uma ameaça, um *capitis diminutio*, a perda da cabeça, da potência.
- (iii) perder a “potência” pode cobrar não apenas um, mas vários sentidos, como uma secreta aversão em relação a “ser potente”, ou à pessoa “potente” na relação.
- (iv) perder a potência, assim como perder objetos preciosos, pode significar uma espécie de sacrifício, oferecer aquilo de mais valioso para um ser superior, e, assim, se ver livre de um perigo.
- (v) a impotência pode ter suas raízes na relação estabelecida entre a criança e a mãe, e numa espécie de santificação criada nessa relação.

É apropriado salientar que as explorações vistas até aqui correspondem ao que a análise das formações do inconsciente é capaz de indicar ao problema da impotência sexual, isto é, a

dimensão simbólica e linguageira do sintoma. Contudo, notamos que há um limite nessa exploração que esbarra sempre em um ponto em que cessa a possibilidade de interpretação. Não por acaso, veremos no capítulo a seguir, Freud, ao apresentar sua teoria psicanalítica da etiologia da impotência sexual, não se propõe em momento algum a interpretá-la da mesma maneira que faz com os sonhos e sintomas de seus pacientes, em vez disso, questiona a própria constituição da sexualidade e tece uma rede de fantasias, uma verdadeira estrutura, da qual a impotência parece ser elemento constitutivo.

2 UMA TEORIA PSICANALÍTICA DA IMPOTÊNCIA SEXUAL

Em *Sobre a mais generalizada degradação da vida amorosa* (1912), a principal análise de Freud sobre o tema da impotência sexual, encontramos sua primeira abordagem descritiva e de investigação etiológica do problema. No decorrer de sua elaboração, além de descrever esse fenômeno, tenta desenvolver uma verdadeira teoria das causas da impotência, apontando para seus motivos e razões inconscientes. Reiteramos que a postura de Freud neste texto não é a da interpretação, mas se aproxima de uma construção de uma verdadeira estrutura da vida amorosa. A necessidade dessa investigação parece ser clínica, momento de construção e inteligibilidade do que está em jogo na impotência, em razão de constatar que o motivo pelo qual os homens mais buscavam um analista naquela época era justamente a queixa do fracasso sexual. Ele nos oferece, então, uma descrição dessa “estranha perturbação”:

[...] da qual se queixam os homens de natureza intensamente libidinosa, e que se manifesta no fato de que os órgãos executivos da sexualidade *se recusam a cumprir o ato sexual*, ainda que antes ou depois se mostrem intactos e capazes de operar, e ainda que exista uma intensa propensão psíquica a execução do ato. (FREUD, 1912/1992k, p. 174, tradução nossa, grifo nosso)

Vale destacar que para Freud só podemos falar de impotência sexual propriamente psíquica a partir do momento em que o aparelho sexual se mostra intacto, isto é, sem nenhuma condição médica que impeça a função da ereção. O homem sente vontade de executar a penetração, mas seus genitais agem como se não pudessem fazer isso. Em um primeiro nível de tentativa de compreensão, o paciente impotente relata ao analista que o problema deve estar fora de si, localizado no outro:

O próprio paciente obtém uma primeira orientação para entender seu estado ao fazer a experiência de que essa denegação só surge quando o ensaia com certas pessoas, enquanto com outras nunca sucede. Sabe então que a inibição de sua potência viril parte de uma *propriedade do objeto sexual* [...]. (FREUD, 1912/1992k, p. 174, tradução nossa, grifo nosso)

O homem pode conscientemente relatar que é uma propriedade do outro, objeto sexual, que afeta sua potência viril. Por exemplo, pode nos dizer que são os gemidos da parceira, o cheiro, a roupa dela que o fazem brochar, se o analista questiona essa propriedade elencada, pode verificar logo em seguida uma “impressão singular” do sujeito. Por exemplo, sobre esses gemidos: eles lhe davam a impressão de que não era ele quem estava proporcionando aquilo, era como se ela estivesse fingindo.

Essa propriedade que o afeta em sua potência pode vir ainda de forma mais imprecisa, o homem não sabe o que percebeu, mas sabe que “algo” naquela mulher não caiu bem. Portanto, nesse primeiro nível de apreensão do fenômeno, entende que algo de fora perturba sua potência. Porém, é recorrente escutar, como nos relata Freud, que a inibição pode ser sentida do interior do sujeito:

[...] [o paciente] muitas vezes informa haver sentido em seu interior um impedimento, uma vontade contrária que consegue perturbar seu propósito consciente. Mas não pode descobrir em que consistiria esse *impedimento interior*, nem a propriedade do objeto sexual da qual seria efeito. (FREUD, 1912/1992k, p. 174, tradução nossa, grifo nosso)

Podemos deduzir que, apenas nesse nível, o sujeito está suscetível ao processo analítico, tendo em vista que se abre o caminho para uma questão que o implique no seu impedimento, como se constatasse: há algo que desconheço em mim mesmo que se faz presente nas minhas relações amorosas. Apresento um exemplo desta implicação, um paciente chega ao consultório com diagnóstico médico de “disfunção erétil”. De início está muito apegado aos termos do diagnóstico psiquiátrico e aos termos psicológicos recolhidos de sua última terapia. Quando questionado sobre o início daquele problema, ele recupera a memória da perda de uma ex-namorada e em seguida diz: “eu nunca consegui ficar firme num relacionamento desde então”, referindo-se a nunca mais ter conseguido namorar de forma estável. O analista pontua o significante “ficar firme” e o próprio paciente se surpreende por ter usado essas palavras, associando diversas situações da vida em que não se sentia “firme” e concluindo que sua disfunção erétil não era apenas um “problema do pinto”. A operação obtida aqui através dessa pontuação é a passagem de uma fala sobre o sintoma, para uma fala a partir do sintoma.

Em tempos de “*fast-love*”, até mesmo essa abertura mínima ao inconsciente é dificultada, pois o parceiro “errado” pode ser logo substituído por um novo “match”. A falta de intimidade nessas relações pontuais pode ser lida até mesmo como proteção contra a possível impotência. Nesse contexto, o sujeito buscará uma resposta “casual” e racional para sua impotência, por exemplo, o outro não transava bem, ou pelo fato de não gostar de usar camisinha, ou porque estava embriagado. Apesar de tais explicações conservarem muitas vezes seu fragmento de verdade, o analista deve ficar atento, visto que em outras essas explicações velam os reais motivos que desencadearam a perda da potência. O sujeito é surpreendido quando, mesmo nessas relações, começa a proliferar uma série de fracassos.

Outro exemplo comum dessa desimplicação é que o sujeito, após algumas tentativas frustradas de ereção, começa a crer que sua impotência é resultado do seu medo de perder a potência, do nervosismo, no fato de ficar pensando demais durante o sexo: “Brochei, pois estava

muito nervoso”. Obviamente essa resposta para sua brochada não é tão simples, pois não o ajuda em seu sintoma, pode leva-lo até mesmo a buscar formas de driblar o nervosismo, por crer ele ser a causa. Por recomendação de um psicólogo comportamental, pode passar a escutar música durante o sexo, para não ficar concentrado no seu medo de fracassar. Essa estratégia dribla seu problema, ao mesmo tempo que cria um novo: sem música não logra o ato sexual. O mais curioso, nessa vinheta clínica, é que a música escolhida não era a de seu gosto, mas as que sua mulher gostava. Esse fato nos coloca a questão: quem ele realmente buscava distrair ali? Foi essa pergunta que permitiu o analisando se perguntar sobre sua posição servil na relação, aquela de “ter que dar conta dela a todo custo”. Atentamos para a diferença da escuta e do encaminhamento ético proposto por ambas terapias.

Enfim, é somente a partir do momento em que a escuta do analista coloca em questão os racionalismos, as respostas prontas, as estratégias de defesas, o paciente necessitando às vezes da repetição de uma série de fracassos da potência, que se torna possível uma implicação do sujeito em seu sintoma, e uma abertura para o início de uma análise. A partir destas três citações de Freud, temos um triplo desafio neste capítulo, esclarecer: (i) qual é essa propriedade do objeto sexual que inibe a potência viril; (ii) de que natureza é esse “impedimento interno” ao qual se referem os pacientes; (iii) os motivos da impotência “seletiva”, isto é, o fato de o sujeito impotente sê-lo apenas em algumas relações e em outras não.

Para esses esclarecimentos nos basearemos em duas obras de Freud: *Três ensaios sobre a teoria sexual* (1905/1992i) e *Contribuições à Psicologia do Amor* (1918/1991e, 1910/1991f, 1912/1992k) e alguns comentadores. Da primeira obra buscaremos compreender os fundamentos da passagem do autoerotismo à escolha de objeto. Na segunda analisaremos dois impasses da vida amorosa do homem: o fato de alguns homens seguirem sempre o mesmo perfil nas suas escolhas amorosas e a impotência sexual.

É fundamental frisar que diferentemente de um animal que ao avistar a fêmea segue os comportamentos instintuais esperados para atingir sua finalidade sexual, o humano introduz o problema da escolha em seu ato sexual (MILLER, 2010) – e por isso pode falhar –, não escolhe qualquer “fêmea” ou qualquer “macho”, mas segundo critérios mais ou menos conscientes. Tendo isso em mente, vemos que para esclarecer uma teoria psicanalítica da impotência sexual é preciso entender o que leva um homem a escolher determinado objeto sexual, as origens das condições, as motivações e os desejos que o levam ao (des)encontro sexual.

2.1 Da sexualidade infantil à escolha de objeto¹⁴

Desde a infância a família desempenha um papel fundamental na configuração das formas de ser e de se relacionar do sujeito. Não é raro escutar relatos da infância em que os pacientes narram o amor em relação ao pai ou à mãe, o ciúme envolvido, a admiração, a veneração, as brincadeiras e as sensações despertadas nelas. Uma paciente é capaz de relatar como o pai naquela época exercia sobre ela uma espécie de fascínio, via-se fazendo de tudo para agradá-lo. Outra pode nos detalhar a sensação intensa de prazer e conforto que sentia quando criança ao cochilar com seu pai nas tardes de domingo. Os adultos ignoram o que se passa no mundo psíquico das crianças, assim como ignoram o que se passava em seu mundo psíquico infantil naquela época, o fenômeno conhecido da amnésia infantil.

Em *Três ensaios sobre teoria sexual* (1905/1992i), Freud deu um passo além do mundo idílico que construímos em torno da criança, apontando para o fato de que as crianças têm vivências de prazer e desprazer sexuais e que desejos amorosos e hostis em relação aos genitores ocorrem na alma de todas elas. Em regra geral, o primeiro investimento da energia sexual se faz na figura de cuidado, o outro do cuidado, geralmente a mãe, e o primeiro desejo violento se dá em relação àquela figura que cria entraves à primeira satisfação, o terceiro, geralmente o pai. Vemos que nesse primeiro período da infância já encontramos os avatares do Complexo de Édipo.

Contudo, com o desenvolvimento da sexualidade, é de esperar que cada vez mais o sujeito se esqueça e ultrapasse tais desejos infantis, isto é, retire seus investimentos libidinais dessas figuras, que a intensa satisfação com a mãe se atempere, a veneração cesse, a autoridade que tais figuras exercem se torne mais flexível. Freud indica que, se isso não acontece, se o sujeito ficar fixado a esses desejos, ele formará uma neurose, produzirá sintomas e viverá como na tragédia, ignorando que suas ações realizam um destino antigo.

Desejos edípicos não são algo da cabeça de Freud. Não é incomum que durante a noite as pessoas sonhem que estão tendo uma relação sexual com o pai ou com a mãe – ou com figuras mais ou menos disfarçadas deles. Mas o que pode surpreender aos homens e às mulheres é que tais sonhos são seguidos de uma intensa excitação sexual, evidenciando que é possível que certos desejos infantis e inaceitáveis se conservem em nós em nível inconsciente. Mas como é possível que o amor da criança por seus pais, os sentimentos vividos de forma lúdica, pueril

¹⁴ Optamos por nos restringir neste momento aos textos que precedem as *Contribuições à Psicologia do Amor* de 1912, mas nos dedicaremos novamente ao problema exposto aqui, o da passagem da posição de objeto erótico dos pais à posição sexuada do sujeito no capítulo *Inibição e Ameaça de Castração*.

e terna adquiram, como no sonho, um caráter sexual? Como é possível que despertem a ereção sexual do homem as cenas incestuosas do sonho?

Para enfrentar essas duas questões, Freud propõe dividir o desenvolvimento da sexualidade em dois tempos separados pela puberdade: o primeiro, em que se desenvolve a corrente terna da sexualidade; e o segundo, em que se forma a corrente sensual e a escolha de objeto. No capítulo deste ensaio intitulado “A sexualidade infantil”, observa que na primeira infância as crianças, com seus dois anos, já direcionam o conjunto de seus anseios de cuidado a uma pessoa única, e nessa pessoa querem satisfazer suas vontades (1905/1992i, p. 181). As metas sexuais desse período são as satisfações das pulsões parciais envolvidas nas zonas erógenas da criança: a boca, o ânus, o aparelho genital. Tais zonas são a margem de contato em que a criança inicia seu processo de subjetivação com o outro. Essas metas serão reprimidas durante o período de latência e se transformarão em ternura e respeito diante dos cuidadores. No entanto, Freud afirma que a psicanálise é capaz de encontrar, por trás de tal ternura, os anseios de satisfação das pulsões parciais reprimidas.

Nesse contexto, vemos que a “corrente terna” seria a mais antiga e estaria ligada aos interesses de conservação do indivíduo, à nutrição, às necessidades egoístas que se faziam presentes na ligação da criança com as figuras de cuidado. Todavia, as primeiras vivências da criança já são eróticas, até mesmo a amamentação e os cuidados básicos de higiene são capazes de despertar o corpo próprio da criança, como nos diz em suas *Contribuições à psicologia do amor*:

Desde o começo [a criança] recebeu repertório sexual acolhendo componentes de interesse erótico que já na infância foram mais ou menos nítidos [...] A “ternura” dos pais e pessoas a cargo da criança, que raras são as vezes que desmentem seu caráter erótico (“a criança é um brinquedo erótico”), contribuí e muito para acrescentar o repertório do erotismo aos investimentos das pulsões egoístas da criança. (FREUD, 1912/1992k, p. 174, tradução nossa, grifo nosso)

Isso significa que a relação da criança com os cuidadores já é uma fonte contínua de excitação e de satisfação sexual a partir das zonas erógenas. Além disso, os cuidadores dirigem à criança sentimentos de sua vida psíquica, beijam-na, acariciam-na, cheiram-na, investem a libido que brota de sua própria vida sexual nas crianças como objetos (FREUD, 1912/1992k, p. 203), em outras palavras, não há autoerotismo sem o outro.

É o caso, por exemplo, do paciente impotente que sempre manteve uma brincadeira com seu pai durante a infância: ele chegava do trabalho cansado pela noite, tomava banho, deitava-se e gritava de seu quarto a palavra “cheirinho!”. Ao escutar essa palavra, a criança saía correndo de onde estivesse, saltava sobre o pai e dava um cheiro em seu cangote. Ele então

começava a brincar de fazer cócegas e de “jogá-lo” para cima. Essa brincadeira desperta na criança uma série de ações e sentimentos prazerosos que compõem sua vida erótica infantil, satisfazem suas pulsões parciais e ignoram um objetivo sexual no sentido genital. Tais experiências serão vivenciadas pela criança de maneira terna até o fim do período de latência.

Não obstante, a puberdade trará uma nova cor à sexualidade e marcará um momento importante no desenvolvimento por dois lados: (i) do lado corporal, o adolescente começará a formar os caracteres sexuais secundários e ganhará novas formas de satisfação, como o orgasmo da zona genital, as zonas erógenas antes independentes se coordenarão a serviço da zona genital; (ii) do lado psíquico, a sexualidade, antes tida como autoerótica, precisará escolher, para sua realização completa, um objeto sexual externo específico (além dos pais).

A satisfação através do orgasmo genital ganhará privilégio diante das outras. Para obter essa satisfação será preciso que o adolescente desenvolva três ações essenciais: sustentar durante um tempo seu órgão genital ereto; penetrar em uma cavidade do corpo que excite a zona genital e descarregar a excitação sexual através da ejaculação. Ereção, penetração e ejaculação, as três atividades mais difíceis para os sujeitos que sofrem de impotência¹⁵. Nessa fase, a última ação é vivenciada como o ápice do prazer, e todas as antigas zonas erógenas se tornam preliminares desse prazer de direção ou “sentido genital”. Freud denomina de “corrente sensual” essa sexualidade com objetivos orgásticos, que inclui o prazer proporcionado pelos genitais em sua atividade.

Vejamos que, com o surgimento da corrente sensual, o mais provável seria supor que o sujeito investisse sua corrente sensual – que não mais ignora seu sentido genital – nos mesmos objetos que despertaram as vivências de prazer e satisfação ternas. Mas nesse momento surge um obstáculo. Começa a “ficar feia” a proximidade da criança com seus pais e familiares, “tem hora de brincar e tem hora de falar sério!”, dizia o pai. A família e a cultura começam a exigir da criança que ela afaste sua sexualidade dos pais, “saia de baixo da saia da mãe”, a ponto de ela mesma passar a censurar tal aproximação. A “barreira do incesto” é como Freud entendia essa censura neste período, e opera impossibilitando o investimento sensual nos objetos sexuais da infância e obrigando o sujeito a direcionar sua libido para outros objetos.

Mas ocorre que durante a puberdade o adolescente ainda não está “autorizado” a exercer sua corrente sensual com novos objetos. Frustrado em realizar o investimento libidinal nos objetos do mundo exterior, o adolescente direcionará esse investimento no objeto primário no

¹⁵ Podem ter ereção e perdê-la diante da penetração (disfunção erétil), podem penetrar e não conseguir ejacular (retardo da ejaculação), podem ejacular sem o sustento no tempo da ereção (ejaculação precoce).

nível da representação, no campo das fantasias. Nessas fantasias voltam a emergir as inclinações infantis ternas, reforçadas pela corrente sensual. É nesse momento que o Complexo de Édipo pode ser dotado de um caráter sensual, como no sonho incestuoso. A fantasia serve, então, de suporte para a confluência de duas correntes sexuais distintas, a terna e a sensual, uma alimentando a outra¹⁶. Ambos, tanto o amor terno, em relação aos pais, quanto o amor sensual buscam se satisfazer a partir das mesmas fontes: as fixações infantis da libido. Os atos masturbatórios nessa época operam ao nível de tais fantasias.

Ilustrativamente, após a puberdade aquela criança citada anteriormente poderá dotar suas vivências ternas com objetivos sensuais. Quando adulta, poderá associar em análise que aquele “cheirinho” que o pai lhe pedia em brincadeira está remetido a suas experiências sexuais, sua fantasia sexual de ser submissa aos homens, de gostar que estes lhe mandem fazer coisas, como cheirar os genitais. Devemos atentar que tanto a dimensão sensorial, o “cheiro”, quanto a dimensão linguística, o imperativo “me cheire!”, apesar do caráter terno da primeira infância, acabam sendo sensualmente incorporados em sua fantasia sexual no futuro. A fantasia parece, assim, tentar recuperar uma satisfação perdida infantil, que retorna de maneira não apenas erótica, mas imperativa para o sujeito.

Nessa escolha objetal ao nível da fantasia o investimento sexual é direcionado aos primeiros objetos sexuais, e quase sempre ao genitor de sexo oposto. Segundo Freud, para a escolha hetero do homem, cabe supor que as lembranças infantis das vivências de cuidado e ternura do outro materno contribuem para ele direcionar sua escolha para uma mulher, e o temor em relação ao pai o desviou da escolha de outro homem. Já na mulher a escolha hetero se deu a partir do momento em que estabeleceu um vínculo hostil em relação à mãe (que a afastou do sexo feminino), na medida em que a privava de seu amor em relação ao pai, o que fez com que esse amor se conservasse posteriormente na escolha por um homem. Contudo, para a escolha homo de objeto, Freud é menos seguro, mas oferece a possibilidade de pensar que um componente da família pode ter atraído para si toda a atenção na primeira infância, como se não houvesse operado um conflito de interesses, e essa fixação no pai, ou na mãe, condicionou a escolha objetal do sexo desta pessoa na fantasia.

No decorrer da puberdade as fantasias incestuosas em relação aos pais acabam sendo reprimidas, e ao mesmo tempo o amor e a autoridade em relação a eles também se arrefecem. Na medida em que se torna possível o investimento em um objeto no mundo externo, a escolha

¹⁶ Nada como a literatura de Hilda Hilst em *O caderno rosa de Lori Lamby* para nos exhibir o papel da fantasia nessa dupla confluência.

na realidade se dará mediante um apoio, mais ou menos livre, nos modelos dos pais. Os novos objetos de amor terão relação com aquele objeto primordial e serão tentativas de acessá-lo.

Freud chega a duas conclusões interessantes para nossos propósitos: (i) quanto mais próximo do modelo incestuoso o novo objeto estiver, mais as fantasias incestuosas serão despertadas, e a libido que se direcionaria para esse objeto se represará pela barreira do incesto, e se conservará em nível inconsciente, gerando conseqüentemente mais sintomas; (ii) havendo frustração com objetos sexuais no mundo, é possível que haja uma regressão da libido com investimento nas fantasias inconscientes de escolha incestuosa (neurose).

Para não haver uma saída pela neurose, é necessário, segundo Freud, que o sujeito seja capaz de investir tanto a corrente sensual quanto a corrente terna em um objeto sexual na realidade. Para ele “[...] a normalidade da vida sexual é garantida unicamente pela exata coincidência de duas correntes dirigidas ao objeto e à meta sexual: a terna e a sensual” (FREUD, 1905/1992i, p. 189, tradução nossa). Chega até mesmo a falar de uma superação do respeito pela mulher, que o homem deveria se familiarizar com a ideia do incesto. Mas como conciliar as duas correntes que parecem inconciliáveis a partir do momento que incide sobre o sujeito a barreira do incesto? O objeto da corrente terna não pode ser o mesmo da corrente sensual. Há algo de impossível e inconciliável nessa saída “normal” exposta por Freud. Não por acaso, ele parece ser levado em seu ensaio sobre a impotência a rever essa normalidade e a universalizar o desencontro de tais correntes.

Para que a pessoa abandone o autoerotismo e direcione sua libido para objetos externos além daqueles antigos, Freud diz ser necessário que: (i) a ternura que os pais incidiram sobre a criança tenha evitado despertar a pulsão sexual prematuramente; (ii) a pulsão sexual tenha despertado com força tal que a excitação psíquica se abra de maneira inequívoca ao sistema genital; (iii) a pulsão sexual seja direcionada a um objeto externo, no mundo. Vale ressaltar que a escolha de objeto sexual na realidade só se torna possível se a criança não tiver se fixado na posição de objeto sexual em que fora colocada por seus pais, e que Freud denomina a posição “brinquedo erótico” dos pais. O psicanalista ainda faz uma observação, quanto mais os pais não consigam retirar o filho desse lugar de objeto, mais fixado o filho estará em tais satisfações, e mais angustiante será a vivência de separação em relação aos pais.

Podemos finalizar essa breve consideração sobre os avatares da escolha de objeto apontando para uma série de passagens que o sujeito deve experimentar para poder direcionar sua libido para outra pessoa e exercer sua sexualidade ao nível genital (ereção, penetração, ejaculação):

- (i) é preciso que ele abandone os primeiros objetos sexuais;
- (ii) é necessário que não tenha se fixado na posição de objeto sexual dos pais “ser um brinquedo erótico”;
- (iii) é preciso que consiga confluir tanto a corrente terna quanto a corrente sensual na pessoa escolhida.

Todavia, há algo de ideal nessas passagens, visto que o próprio Freud nos diz que esse objeto nunca é abandonado, mas conservado ao nível da fantasia, que nossas escolhas trazem as marcas desse objeto, e são frequentemente frustradas na realidade e que apenas a fantasia é capaz de confluir ambas as correntes. Num campo de amplas frustrações como é o campo sexual, somos levados a pensar que se há uma sexualidade que possa ser exercida ao nível genital, dotada de “sentido genital”, este sentido só pode ser dado pela fantasia, que desnaturaliza qualquer determinismo biológico da potência sexual.

2.2 Masturbação e preliminares: margens de segurança para o impotente

É notável que a maioria dos homens impotentes consiga se manter na relação sexual, ao se desviar do encontro dos genitais, do ato da penetração, se utilizando da masturbação, das preliminares e de alguns roteiros fantasmáticos. Como é possível que durante a masturbação ou as preliminares haja ereção, mas durante o ato da penetração ela se esvaia?

Freud abre seus *Três ensaios* (1905/1992i) introduzindo três termos em sua tentativa de expansão da concepção da sexualidade humana. Assim como a pulsão de nutrição convoca no homem uma pressão em direção ao alimento denominada fome, Freud denomina “libido” a pulsão sexual vivenciada pelo sujeito em direção ao exercício de sua sexualidade. O segundo termo introduzido é “objeto sexual”, definido como a pessoa da qual parte a atração sexual. O sujeito é, de certa forma, capturado pelos encantos dessa pessoa. O terceiro termo que utiliza é o de “meta sexual”, definido como a ação para a qual se esforça a pulsão. Para o autor a meta sexual do homem só pode ser definida a partir de uma norma, e nesse caso a norma é o encontro dos genitais.

Isso claramente pode ser analisado como um resquício do biologismo ou do machismo de Freud – e não devemos fechar os olhos para isso –, mas nos chama atenção o fato de que o encontro dos genitais ser tomado por uma norma sugere que essa ação não é mero comportamento instintivo, mera resposta a um estímulo, mas inclui o sujeito em sua ação. Existem indivíduos que seguem a “norma” e aqueles que se desviam dela, que evitam por

completo a realização desse ato, como alguns homossexuais exclusivamente passivos e sujeitos impotentes.

Do ponto de vista da espécie, isto é, da possibilidade da continuação da reprodução humana, as normas sexuais de um indivíduo seriam: (i) ter um objeto sexual de outro sexo que atraia o indivíduo sexualmente; (ii) ser capaz de realizar satisfatoriamente o encontro dos genitais. Claramente o psicanalista nota o caráter ideal dessa concepção, visto que o campo da sexualidade humana é o campo por excelência dos desvios em relação a essas duas normas. E ainda, atualmente, com a invenção da fertilização *in vitro*, concordar com tais normas seria ignorância. Notamos ainda que o homem é capaz de inserir as coisas mais “desviantes” em relação a reprodução entre seus objetos sexuais, como pessoas do mesmo sexo (homossexuais), crianças (pedófilos) e animais (zoofílicos). O que nos leva a entender certas características da pulsão sexual humana: a atração sexual do homem transpassa a espécie, admite uma variação de objetos, não possui um objeto definido, admite um rebaixamento do objeto (de sua classe e seu valor). Importantes observações que ilustram que aquilo que exerce atração sexual no homem pode ser da ordem do grotesco, antinatural e inumano.

Ademais, no que se refere aos desvios em relação à meta sexual, as áreas anatômicas destinadas ao encontro dos sexos frequentemente são substituídas, e outras zonas erógenas como ânus e boca podem assumir provisoriamente a atividade sexual, ou até mesmo “se fixar” e se tornar a meta principal. Para que esses objetos mais distintos e as metas sexuais mais incomuns sejam dotados de atração sexual, o sujeito se utiliza de uma tendência que Freud nomeia “supervalorização do objeto sexual”.

Essa supervalorização seria a responsável por “adornar” o objeto sexual como um todo e fazer com que o sujeito se encante com todas as suas partes corpóreas e incorpóreas (até mesmo a voz, o odor, o “jeito”, o “brilho”, suas palavras). Esse acento no objeto pode nos levar a uma espécie de cegueira e obediência desmedida, o que leva Freud a afirmar que “[...] a credulidade do amor passa a ser assim a fonte importante, se não a fonte originária, de toda autoridade” (1905/1992i, p. 137, tradução nossa). É apenas porque há supervalorização do objeto sexual, em outras palavras, porque o objeto sexual pode adquirir essa função de encanto, que a norma sexual parece não funcionar, e o mais antinatural se torna sexual. Notamos que a supervalorização do objeto sexual é uma tendência própria da sexualidade humana que afasta o domínio da sexualidade de qualquer norma, como a união dos genitais no coito.

Encantado pelo objeto, o homem pode se demorar nas etapas preliminares à penetração, fixar-se nelas, ou até mesmo tomá-las como fim. O que leva a essa demora e ao desvio do ato

sexual normativo? A resposta que Freud nos dá é: condições internas e externas como o preço elevado do objeto sexual, os perigos do ato sexual e... a impotência sexual. Isto é, quanto mais valioso o objeto sexual for para o sujeito, quanto mais ele estiver investido desta “supervalorização”, tanto mais o sujeito se afastará do ato da penetração. Esse trecho antecipa o último comentário que o autor faz da impotência sexual em sua obra, lê esse problema à luz de sua teoria das pulsões agressivas e de vida. Ao ponto de afirmar: “[...] um forte suplemento de agressão sexual faz do amante um assassino estuprador; um intenso rebaixamento do fator agressivo faz dele um tímido ou impotente” (FREUD, 1940/1991m, p. 147).

Poderíamos apontar que não é apenas do ato da penetração que o sujeito se defende, mas da agressividade a ele implicado. Isso se confirma pelas teorias sexuais infantis, momento em que a criança busca dar inteligibilidade para as ideias de sexo, intimidade, penetração, diferença sexual. Neste processo, o ato sexual poderá ser significado pela criança como um ato hostil e agressivo (FREUD, 1908). Parece óbvio afirmar isso, mas a criança não vem ao mundo sabendo o que é a penetração, essa ideia será construída com o auxílio de fantasias.

A masturbação e as preliminares parecem oferecer certa “margem de segurança” para o sujeito, que se fixa nelas não por causa da impotência em si, mas pelo temor do fracasso, pela ameaça de um perigo (a violência fantasiada do ato), ou pela distância implicada pela supervalorização do objeto sexual (o rebaixamento de suas pulsões agressivas). Através das preliminares é capaz de desfrutar dos prazeres parciais das zonas erógenas, excitar-se sexualmente através das fixações libidinais de sua história e, assim, através da atualização do autoerotismo, e de uma sexualidade narcísica, conservar uma relação com o objeto sexual em que a penetração perca seu valor, se distancie ou se evite.

Na clínica podemos ouvir de pacientes impotentes que a penetração anuncia um temor, visto que o pênis precisa estar “100% duro e forte”. Um homem relata que, no momento de penetrar a parceira, ela toma uma taça de vinho, e se vira, o que ele entende como “agora é contigo!”, e não consegue mais penetrar. Outro dia, iniciando a penetração, a parceira lhe diz: “você ainda nem me excitou”, seguido por outro fracasso. Outro rapaz relata que certo dia a namorada o questionou ao final do ato: “você está feliz com isso?”, e não conseguiu por meses penetrá-la. Por trás de todos esses relatos encontramos uma espécie de demanda subjacente: “dê-me tudo de si!”, ao qual o sujeito responde com sua impotência. Isso nos parece importante, pois a impotência ante a penetração ganha o contorno de um momento em que se apresenta uma

demanda do outro mais ou menos consciente, e o desejo sexual do sujeito se vê reduzido a ter que dar conta dessa demanda¹⁷.

Veremos no último capítulo como a fantasia ainda oferece um campo privilegiado para fixar o impotente nos atos masturbatórios, em que pode gozar a partir de características perversas de exibicionismo, voyeurismo, sadismo ou masoquismo que nem sempre se permite com sua parceira ou parceiro. Até este momento todas as observações a respeito da impotência sexual foram tangenciais na obra de Freud, isto é, breves comentários do autor sobre o tema, que não lhe despertaram grande interesse. Fizemos um esforço para extrapolar essas aproximações a fim de abrir um campo de compreensão desse fenômeno. Em suas *Contribuições à psicologia do amor* é que entrevemos o psicanalista se debruçar teoricamente pela primeira vez sobre a etiologia da impotência sexual.

2.3 A Psicologia do Amor: uma teoria psicanalítica da impotência sexual masculina

Sob o título de *Contribuições à psicologia do amor* (1910-1917), Freud escolhe reunir três textos que foram redigidos ao longo de vários anos: *Sobre um tipo particular de escolha de objeto no homem* (1910), *Sobre a mais generalizada degradação da vida amorosa* (1912) e, por último, *O tabu da virgindade* (1918). Ao tratar da vida amorosa do homem, o psicanalista é levado nesses textos respectivamente a três problemas fundamentais: quais as condições que levam os homens a eleger seu objeto sexual; por que eles se veem impotentes durante o ato sexual; e qual a origem do medo deles no que se refere à virgindade da mulher.

No texto de 1910, Freud analisa as origens de certas condições e condutas de amor que alguns homens se colocam na escolha de seu objeto sexual. Eles escolhem sempre segundo um mesmo perfil:

- (i) elegem uma mulher comprometida com um terceiro que fica prejudicado (marido, namorado);
- (ii) sentem-se atraídos por mulheres de que desconfiam, que aparentam infidelidade, preferindo “mulheres fáceis”.

A partir do momento em que conseguem encontrar tal objeto sexual, agem de uma forma também particular:

¹⁷ Recentemente passei a me questionar se penetração não anuncia um perigo também por sua conexão com a ideia de fecundação. A escuta de um paciente, que sofria com sua impotência sexual, me direcionou a isso. Já havia se queixado do fato de que sempre que colocava a camisinha brochava, mas apenas muito tempo depois foi capaz de associar que sua impotência sexual surgiu na época em que fez um espermograma e descobriu que era infértil. O uso da camisinha com a atual namorada o lembrava dessa difícil associação: “não posso ser pai”.

- (i) consideram valiosíssimo esse objeto, dedicam-se de maneira supervalorizada, intensa e restrita a essa mulher, cobrando de si fidelidade nos mínimos aspectos (apesar de frequentemente serem infiéis), e quando terminam o relacionamento repetem esse *modus operandi* diversas vezes;
- (ii) gostam de sentir que estão resgatando essas mulheres, seja da pobreza, seja do perigo, do sofrimento.

Freud é levado a ver nesse tipo de perfil de escolha um das formas de se posicionar na relação amorosa que brota da fixação infantil nas relações primordiais da criança com os pais. Nesse caso, ele busca as explicações na ligação terna com a mãe: a energia libidinal permaneceu direcionada à cuidadora durante muito tempo, e até mesmo após a puberdade, todos os objetos que vieram em seguida foram cunhados por essa relação marcante. A explicação da primeira característica estaria no fato de a mãe naquela época da infância ser comprometida com o pai, o terceiro prejudicado. Para que uma mulher seja escolhida é necessário “entrar em cena” a ideia de que ela pertence a outro. A explicação da segunda característica, a atração pela mulher “infiel”, estaria no fato de a investigação infantil ter concluído que a mãe concedia amor a outro homem, e não ao filho. E, normalmente, quando se investiga o ciúme excessivo decorrente dessas relações, descobre-se que o possível amante apresenta características do próprio Eu do antigo filho ciumento, agora idealizado e amadurecido¹⁸.

Já o fato de a amada ser colocada num lugar tido como único e insubstituível que, paradoxalmente, é constantemente substituído, é explicado pelo caráter marcante que a experiência de satisfação com o primeiro objeto de amor deixou para a criança. Todas as outras experiências se constituíram como meras substituições que não alcançaram a primeira:

[...] Se em nosso tipo todos os objetos de amor estão destinados a ser principalmente substitutos da mãe, faz-se compreensível a formação de séries [...] Em efeito, a psicanálise nos ensina, também por meio de outros exemplos, que o insubstituível eficaz dentro do inconsciente normalmente se anuncia mediante um acento sucessivo em uma série interminável, deste modo, justamente, porque em cada substituto sente a falta da satisfação desejada. (FREUD, 1910[1909]/1991f[,], p. 163, tradução nossa)

¹⁸ A fantasia de salvação se explica por uma série de desdobramentos, mas, resumidamente, o filho em sua investigação sexual infantil se dá conta do papel do pai no coito, e então se sente em dívida em relação ao pai e à mãe por ter nascido, constrói então a fantasia de salvar a vida do pai, de ser seu herói e assim quitar sua dívida, do lado materno constrói a fantasia de dar a vida para a mãe, isto é, dar-lhe um filho como ele. Essa fantasia encerra o desejo de ser seu próprio pai.

Como ressalta Miller (2010) nesse trecho, podemos perceber que Freud entende a origem das condições de amor não apenas na “organização do Complexo de Édipo”, mas também a partir da “experiência primeira de satisfação”. Sobre essas condições impostas à escolha do objeto de amor, o autor nos relembra ainda um exemplo elucidativo de Freud sobre o Homem dos Lobos:

Quando ele encontra uma mulher jovem agachada limpando o piso, tem aí – diz Freud – uma imagem que produz nele uma excitação sexual e, imediatamente, a escolha de objeto. Isso mostra o que significa a “condição” para Freud: uma disposição que desencadeia automaticamente o desejo sexual e a escolha desse objeto como objeto de amor. Esse é o uso do termo “amor” em Freud. A propósito disso ele fala em compulsão, *Zwang*. Isso quer dizer que não há liberdade do sujeito e que, ao contrário, no momento em que se realiza “condição”, desencadeia uma compulsão. (MILLER, 2010, p. 16)

Ressalta-se a importância da visão dessa imagem para se realizar a condição de amor, a escolha de objeto e a excitação sexual. Essa condição se realiza a partir da história infantil, do Complexo de Édipo, das imagens e fantasias inconscientes daquele período que construíram um roteiro que se fixou e se repetiu nas diversas outras escolhas amorosas. Já o caráter compulsivo dessa repetição deve ser buscado nos domínios da experiência primeira de satisfação. Com esse roteiro o sujeito busca um objeto capaz de atualizar a primeira experiência. É importante destacar que, se a escolha desse objeto não é direta, e deve passar pela mediação da fantasia, do Complexo de Édipo, à medida que essa mediação cessa, o objeto cai e o amor se encerra.

Vemos que nesse tipo particular de escolha de objeto o homem não conseguiu abandonar por completo o objeto incestuoso – a mãe – e se utiliza de certo roteiro fantasmático inconsciente na sua escolha de objeto para reencontrá-lo, mas frisamos que o acesso não é direto, é preciso que outras fantasias incidam sobre essa, como a infidelidade da companheira, sua inferioridade. Podemos inferir que a impotência sexual neste certo tipo de homem poderia se dar em uma série de situações em que as fantasias sofrem um abalo, fazem cair a mediação necessária para o encontro com o objeto. Por exemplo, se para este tipo de homem a amada se mostrar fiel ao extremo, esclarecer que está completamente “entregue” a ele, se mostrar pudica e casta, ou algum indício de tal posição se fizer presente durante o ato sexual, o homem terá que contornar com sua fantasia tal manifestação, caso contrário se sentirá impotente. A impotência nesse caso é consequência da aparição na cena sexual de um traço corrosivo, do objeto incestuoso, incontornável que desestabiliza sua condição amorosa.

O texto de 1912, *Sobre a mais generalizada degradação da vida amorosa*, é dedicado especificamente ao “estranho transtorno” da impotência sexual. Salientamos que Freud não se

refere diretamente a impotência como sintoma em momento algum no texto, mas a trata como uma inibição da função da potência (ereção). Isso reforça nossa ideia de que ele não pretende interpretar e tampouco fornecer uma teoria da cura da impotência sexual, mas articular seus possíveis motivos, sua estrutura. Freud acredita que esse efeito inibidor pode ser encontrado em certos complexos psíquicos inconscientes. Pensa a origem da inibição da potência em três vias:

- (i) a fixação com a mãe (ou irmãs) impediria inconscientemente a realização plena do ato sexual.
- (ii) as influências de “impressões penosas” da vida sexual infantil;
- (iii) outros fatores que pudessem reduzir a libido para se dirigir ao “sexo feminino”.¹⁹

Freud parte da consideração de que parece haver, nos homens que sofrem com a impotência, uma divisão operando neles, tendo em vista que não conseguem se relacionar sexualmente com as amadas, mas logram com prostitutas ou mulheres as quais depreciam. Para ele a explicação dessa divisão estaria em uma disjunção entre a corrente terna e a corrente sensual da sexualidade, que apresentamos no início do capítulo, a impotência seria consequência de uma dificuldade do sujeito em unir sua tendência terna e sensual em um mesmo objeto (Figura 2). Esta dificuldade seria resultado do não abandono do objeto incestuoso. Fixado na mãe, o sujeito não se permite vivenciar sua sensualidade em nenhuma relação amorosa “nova”, pois para ele toda mulher acaba ocupando o lugar da mãe.

Na história do sujeito este abandono poderia vir a fracassar por dois motivos: pela frustração do sujeito em não ter encontrado um objeto disponível no mundo exterior para investir libidinalmente e/ou pelo grau de atração que exerceu o primeiro objeto, visto que, quanto maior tenha sido esse poder de atração, mais difícil se torna esquecê-lo. Esses dois fatores atuando juntos dariam início à formação da neurose:

A libido [energia sexual] se aparta da realidade, é *acolhida pela atividade da fantasia* (introversão), reforça as imagens dos primeiros objetos sexuais, se fixa a eles. Agora bem, a barreira do incesto constrange a libido direcionada a esses objetos a permanecer no inconsciente. Por sua vez contribuem para reforçar essa fixação os atos masturbatórios, o fazer da corrente sensual que agora é súdita do inconsciente. (FREUD, 1912/1992k, p. 175, tradução nossa, grifo nosso)

¹⁹ Essas três vias correspondem as três primeiras hipóteses etiológicas da impotência sexual masculina (hipótese da fixação incestuosa, hipótese da ameaça de castração, hipótese do horror ao feminino). No capítulo 4 acrescentaremos uma quarta: a hipótese da atitude masoquista. Neste capítulo abordamos apenas a primeira delas.

Destacamos a importância que Freud dá à atividade da fantasia nesta etapa do desenvolvimento da sexualidade. Ela seria responsável por acolher a libido frustrada na realidade e investi-la nos primeiros objetos sexuais e se fixar neles. A corrente sensual fica, portanto, submetida ao inconsciente. Assim, não por acaso o ato sexual fica impossibilitado, tendo em vista que a libido necessária para tal fica retida no inconsciente, não despertando a excitação suficiente do órgão sexual. Dependendo do nível da frustração, a sexualidade do sujeito pode estar tão restrita à fantasia inconsciente, a ponto de fazer surgir uma impotência sexual total, uma espécie de prolongamento da fase de latência, e ele perder toda a capacidade excitatória, ou conseguir vivenciar apenas a corrente terna da sexualidade, e toda sua sexualidade ser tingida por um tom terno, puro e sem erotismo.

Entretanto, nos casos de impotência psíquica do adulto, notamos que nem toda a atividade sexual do sujeito se restringiu à atividade fantasmática, já que com a masturbação ou com algumas pessoas específicas a potência se mantém. A corrente sensual, no caso do impotente, não foi substituída completamente pela corrente terna, pois ainda tem algum escoamento para a realidade. Entretanto, sua sensualidade parece delicada:

Contudo, a atividade sexual dessas pessoas permite discernir, pelos mais nítidos indícios, que não estão respaldadas por toda a força psíquica. Sua atividade sexual é caprichosa, pode ser perturbada com facilidade, frequentemente falha na execução, permite um prazer escasso. Mas, sobretudo, se veem necessitando se esquivar da corrente terna. Portanto, se produziu uma limitação na escolha de objeto. A corrente sensual, que permaneceu ativa, só busca objetos que não recordem as pessoas incestuosas proibidas; se de certa pessoa emana *uma impressão* que pudesse levar a sua elevada estima psíquica, isso não desemboca em uma excitação da sensualidade, mas em uma ternura ineficaz no erótico. A vida amorosa desses seres permaneceu dividida nas duas orientações que a arte personificou como amor celestial e terreno (ou animal). Quando amam não desejam, e quando desejam não podem amar. Buscam objetos aos que não necessitem amar, a fim de *manter a distância sua sensualidade dos objetos amados*. (FREUD, 1912/1992k, p. 176, tradução nossa, grifo nosso)

Com esse trecho podemos responder a questão que colocamos no início deste capítulo. Qual a propriedade do objeto capaz de inibir a potência viril do homem? **A hipótese da fixação incestuosa** entende que essa propriedade seria uma impressão, um traço perceptivo, que leve o sujeito a estimar o objeto ternamente. Após essa exposição Freud fornece a explicação mais elucidativa a respeito do traço que inibe a potência viril:

[...] se um traço frequentemente mínimo do objeto escolhido para evitar o incesto recorda o objeto que devia se evitar, sobrevém, de acordo com as leis da “sensibilidade do complexo” e do “retorno do reprimido”, essa estranha denegação que é a impotência psíquica. (FREUD, 1912/1992k, p. 177, tradução nossa)

A atividade sexual dos homens que sofrem de impotência sexual revelaria uma baixa energia libidinal e seria facilmente perturbável. Nesse cenário, o impotente buscará se afastar ao máximo desse traço e sua principal maneira de se defender dele é a “depreciação psíquica do objeto sexual”. Na medida em que o objeto é rebaixado, a sensualidade pode se manifestar e realizar a atividade sexual (Figura 2). Esse mecanismo pode levar o paciente impotente a recorrer e a estar refém de práticas perversas para manifestar sua corrente sensual, pois com a realização dessas fantasias logra afastar os traços mínimos do objeto incestuoso. Dessa forma, vemos que a intuição freudiana de que a pedofilia e a zoofilia teriam ligação com a impotência sexual pode ser esclarecida tendo em vista que a criança pode ser tomada por objeto sem os traços sexuais, os caracteres secundários, os pelos, já o animal seria o objeto sem as características humanas. Cabe ressaltar ainda que tanto a criança quanto o animal podem ser “assujeitados” nesse caso, isto é, ser tomados como meros objetos instrumentos de gozo. O que tais práticas parecem querer eliminar é o mínimo traço de que há ali outro sujeito, para que seja possível o erotismo.

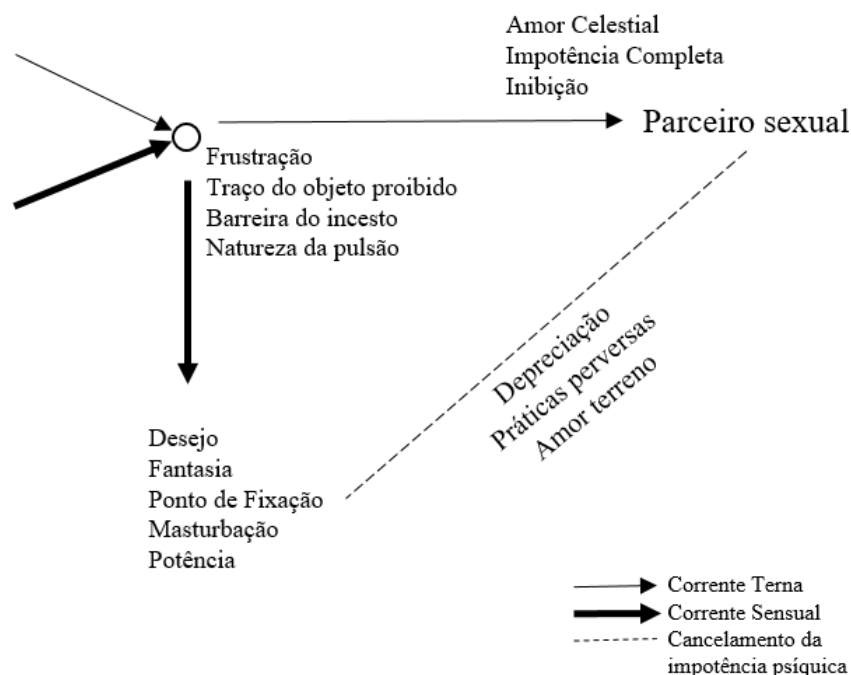


Figura 2. Esquema da Divisão Amorosa.

No Esquema da Divisão Amorosa (Figura 2) procuramos condensar as ideias propostas em *Sobre a mais generalizada degradação da vida amorosa* (1912/1992k). Representamos as duas correntes, a terna e a sensual (que traz uma carga reforçada de libido). Ambas as correntes que se convergiam em busca do objeto, diante da frustração ocasionada pela proibição, ou pelo

traço do objeto proibido, ou por algo na própria natureza da pulsão (veremos no próximo tópico), são obrigadas a sofrer um desvio. A corrente sensual é direcionada ao campo da fantasia e a corrente terna ao campo do amor (sem o reforço da força libidinal). A consequência disso é que no amor o sujeito se apresenta totalmente impotente, sua relação com a parceira ganhará o aspecto do que Freud chama de “Amor celestial”. Do lado da fantasia, o sujeito investirá sua sensualidade nos pontos de fixação que guardam os objetos incestuosos, terá a potência, mas ao preço da masturbação solitária. A única via proposta por Freud de união de ambas as correntes, e, portanto, de um amor que seja sensual, e de uma sensualidade que permita a presença de um parceiro, é a via da depreciação/degradação amorosa: o sujeito recorre a uma prática perversa durante o sexo que afasta os traços de ternura do parceiro. Em outras palavras, isso é o mesmo que afirmar que as correntes nunca se encontram – representamos isso pela linha pontilhada –, visto que no sexo o homem não goza da parceira amada, mas do objeto pelo qual, em sua fantasia, ele a transformou. A depreciação permitiria assim uma “ligação-desligada” que cancela a impotência psíquica momentaneamente. A potência sexual parece poder ser definida, neste caso, como o cancelamento da impotência.

Havíamos dito, a partir do texto de 1910, que alguns homens escolhem suas parceiras a partir dos traços do objeto incestuoso (a mãe), mas que para isso precisam agregar a essa fantasia elementos que a rebaixem ao nível de uma “mulher fácil”, infiel, ou prostituta. Essa construção é um esforço fantasmático de unir as correntes ternas e sensuais da vida amorosa, de ter acesso aos traços ternos sensualmente, mas não sem a via da depreciação. Isto é, para que haja uma confluência das correntes, a depreciação faz com que a sensualidade esteja remetida a outro “objeto” – mesmo que seja o mesmo! –, nesse caso a parceira é tanto mãe quanto “uma mulher fácil”. O objetivo dessa degradação é cancelar a impotência psíquica, driblar a barreira do incesto, para possibilitar a atividade sexual com o objeto.

Mas parece haver outro tipo de homem em que há um esforço contrário, não de confluir, mas de separar ao máximo cada uma das correntes da sexualidade, não deixar que uma contamine a outra, que de um lado fique a fantasia da esposa santa Mãe, objeto de supervalorização e amor, e do outro a fantasia da amante, a Madalena, objeto depreciado e de gozo. Em ambos os tipos de homem podemos encontrar a queixa da impotência sexual, no entanto, o segundo parece estar mais suscetível à perda da potência, pois parece se impedir de utilizar o mecanismo da degradação do objeto sexual. É o caso, por exemplo, do rapaz que possui a fantasia persistente de que sua parceira é uma santa, e com isso não consegue ter

relações sexuais com ela. A dificuldade desse caso é o paciente aceitar que sua parceira não é toda santa, e poder gozar de uma parte dela que sua estima parece velar.

2.4 A questão universal da impotência: uma perda de gozo

Na segunda parte de *Sobre a mais generalizada degradação da vida amorosa* (1912/1992k), o autor se dá conta de que sua explicação da impotência sexual baseada na não convergência das correntes da sexualidade não permite discernir o patológico do normal, tendo em vista que todos os homens passam pelas hipóteses articuladas: a intensa fixação infantil, a barreira do incesto e a frustração na puberdade. Logo, seria de esperar que encontrássemos a impotência sexual em todos os homens, por isso defenderá que a impotência é característica fundamental da vida amorosa do homem civilizado. O conceito de impotência acaba por ganhar um alcance maior do que aquele restrito à perda da função de ereção, torna-se um *pathos* fundamental da sexualidade humana.

Não é pequeno o número de homens que têm dificuldade de desfrutar sexualmente da esposa, namorada. A maior parte dos relacionamentos, com o tempo, parece caminhar para um tédio repetitivo, o erotismo se enfraquece, os parceiros acabam por sentir que gozavam “de verdade” apenas no passado, ou quando atualmente se entregam em relações esporádicas, sem tanto amor envolvido. Há também os homens que começam a se interessar apenas por mulheres mais jovens, que consideram inferiores, ou que precisem deles. Todas essas práticas, o comportamento sexual do homem como um todo, para Freud levam a marca da impotência *in potentia*: uma possibilidade que vive à espreita da sexualidade de todos eles.

O autor chega até mesmo a falar que, para cancelar sua impotência psíquica, o “homem deve superar o respeito pela mulher” e se familiarizar com a ideia do incesto para desfrutar normalmente de sua sexualidade. Frase paradoxal, que não deve ser compreendida como apologia ao insulto ou violência, mas que indica que o homem precisa ultrapassar a supervalorização do objeto, sua sacralização, a redução da mulher à mãe-santa. Superar esse respeito, em outras palavras, é furar essa imagem completa, distanciar-se dela, abrir a possibilidade da diferença na relação²⁰.

²⁰Além disso, pensa que a compreensão da frigidez também poderia se beneficiar da expansão do conceito de impotência psíquica, visto que teria a mesma estrutura, mas com uma particularidade. A não convergência da corrente sensual e terna também ocorreria no caso das mulheres, mas sua estratégia para exercer a sensualidade e eliminar a impotência seria não a depreciação do objeto, mas “o sentimento de proibição”. Para exercer a sensualidade, necessitam recorrer a esse sentimento. É o caso das mulheres que mantêm em segredo uma relação que facilmente seria aceita por amigos e familiares, ou da esposa que solicita ao marido que realize com ela a fantasia de fazer sexo em locais públicos. A impotência no caso da mulher, segundo Freud, poderia vir a partir do

Nesse cenário, Freud é levado à conclusão de que, no caso da sexualidade humana, permissão não é sinônimo de satisfação, mas frequentemente do contrário, os fracassos dos casamentos, dos namoros mostram isso. Por outro lado, mesmo que o homem se permita usufruir de todas as suas fantasias sexuais, e viva sua liberação sexual, isso não será sinônimo de plena satisfação. Parece que a autorização sempre leva a uma perda de valor, e a insatisfação permanece. Acredita que por isso a cultura sempre introduziu obstáculos em relação ao amor, criou resistências para fruir dele. O próprio cristianismo, que não apenas criou o principal obstáculo à realização amorosa, mas foi o que mais contribuiu para a sua valorização (Deus é Amor!), visto que a cultura pré-cristã nunca deu tanto valor ao amor como depois foi dado.

Não obstante, e aqui reside a questão fundamental, a insatisfação sexual do homem não pode ser reduzida aos obstáculos externos que impedem sua realização (como a moral, a educação, a religião). Freud é levado a concluir que parece haver algo da própria natureza da pulsão que não se satisfaz. Fornece dois exemplos: o que se passa com o sujeito durante a fome e o que se passa com o alcoólatra na sua relação com o vinho. No primeiro, sobre a pulsão de nutrição afirma que, quanto mais cresce a frustração, mais o sujeito se concentra em um único e uniforme objetivo: comer para passar a fome. Ao se satisfazer, a pulsão é apaziguada. Mas se esse apaziguamento ocorre com a pulsão de nutrição, nem sempre procede assim em outras situações. É o caso da relação do alcoólatra com o álcool, em que o não apaziguamento parece ser constante. Essa relação apresenta uma peculiaridade que leva Freud a compará-la com a relação do homem com seu objeto sexual. O alcoólatra apresenta uma fidelidade absoluta ao seu objeto, ele não precisa mudar de bebida, é fiel a sua garrafa de *whisky*. O hábito, a repetição, parece estreitar a sua relação com o objeto, em outras palavras, parece estar feliz com esse “casamento”, e não entediado. Enquanto no homem, com seu objeto sexual, encontramos o oposto: a infidelidade ao objeto, a perda da libido com o hábito, a infelicidade no casamento. A diferença reside no fato de que a pulsão envolvida no segundo caso parece não permitir uma plena satisfação: “Creio que, por estranho que soe, haveria que ocuparmo-nos da possibilidade de que há algo na natureza da pulsão sexual mesma desfavorável à satisfação plena” (FREUD, 1912/1992k, p. 182, tradução nossa).

Para a pulsão sexual dois fatores parecem obstaculizar sua plena satisfação: a proibição da barreira do incesto e a natureza da própria pulsão. A barreira do incesto impõe que o objeto

momento em que tudo é permitido. A fidelidade de muitas mulheres aos amantes teria como pano de fundo também o sentimento e a proibição, que lhe permitem desfrutar da relação de uma forma que não se permite no casamento. A permissão do homem desejado entra em contato com a barreira do incesto e atualiza a necessidade de esconder tal relação.

original não poderá ser acessado, está interdito, proibido, e os outros serão meros substitutos. Como acontece no mecanismo de repressão, aquele objeto de desejo que foi reprimido será representado no inconsciente por uma série interminável de substitutos, e nenhum será capaz de gerar satisfação. Já em sua natureza, a pulsão sexual nasce de uma série de zonas erógenas, de prazer parcial, oral, anal, genital, e nem todas essas formas de satisfação serão incorporadas ao desenvolvimento sexual, algumas terão que ser suprimidas, como os elementos coprófilos e os impulsos sádicos.

Essa supressão só acontece nas camadas mais superiores da alma, pois na sexualidade o que produz a excitação sexual normalmente permanece ligado de alguma maneira ao “animalesco”, e a anatomia reforça essa ligação ao aproximar os genitais das funções excretoras. O abandono dessas primeiras metas e objetos de satisfação obriga o sujeito em seu desenvolvimento a vivenciar uma “perda de gozo” proveniente desses prazeres parciais, uma perda inclusive do modo de relação que estabelecia com o outro antes da castração. Sempre que houver uma relação sexual esses prazeres inacessíveis serão sentidos como insatisfação, cobrarão sua presença. A fantasia, o mito individual do sujeito, parece ser principal mecanismo para tentar recuperar, por meio do investimento libidinal nos objetos incestuosos infantis, a perda desse gozo primeiro e parcial. Podemos concluir que não é apenas a barreira do incesto a responsável pelo desencontro das correntes terna e sensual, mas a própria pulsão parece nunca alcançar seu objeto (Figura 2), pois toda relação sexual com um objeto sexual guardará uma insuficiência. Em outras palavras, não é apenas o objeto que foi interdito, proibido, mas a partir do momento em que a pulsão se descolou do instinto, recuperar o gozo perdido é impossível (COUTINHO JORGE, 2000). Podemos até mesmo dizer que o objeto proibido é já uma forma de forjar a possibilidade de um objeto que possibilitaria o gozo.

Resumidamente podemos elencar quais desenvolvimentos teóricos sobre a impotência vimos até aqui: (i) a impotência parece se originar de uma fixação incestuosa, impressões penosas infantis e a um sentimento de aversão ao sexo feminino; (ii) os impotentes parecem demonstrar uma dificuldade em unir sua tendência terna e sensual em um mesmo objeto; (iii) a fantasia seria responsável por acolher a libido frustrada na realidade e investi-la nos primeiros objetos sexuais e se fixar neles, tentando recuperar um gozo perdido; (iv) a propriedade do objeto sexual capaz de inibir a potência viril é uma mínima impressão, um traço perceptivo, que leve o sujeito a estimar o objeto ternamente, e o aproxime do objeto incestuoso; (v) a depreciação psíquica do objeto sexual é o principal mecanismo do sujeito para cancelar a impotência psíquica e possibilitar o acesso à corrente sensual da sexualidade; (vi) no fundo

todos somos impotentes, não pela proibição do objeto, mas por uma impossibilidade inerente a pulsão.

2.5 A matriz da impotência a partir da análise de um sonho

A fim de demonstrar o potencial da teoria freudiana a respeito da impotência sexual, a dimensão das fantasias inconscientes incestuosas, do proibido e do impossível, apresentamos uma vinheta clínica. Trata-se do sonho de um paciente que sofre de uma impotência intermitente que o acomete há alguns anos. Não pretendemos interpretar o sonho, mas localizar a matriz estrutural que o constrói, seus elementos e as associações permitidas, que regem sua impotência:

Eu e meus primos estamos buscando uma floresta em que seremos os *Power rangers*, parece que sou o líder. Encontramos um prédio, com uma placa escrita TJ, ao lado havia uma escada muito íngreme. Tínhamos que subir pois a floresta ficava ao final da escada. No final da escada encontramos uma mulher que me diz que eu não poderia passar, ali estava interditado, me lembro que tinha um homem com ela, mas ele não dizia nada. Tento voltar para trás, mas nesse momento as paredes começam a ficar com uma estrutura de papelão, a estrutura parece cair a qualquer momento. Fico preso, eu precisava dar um impulso para sair dali, mas se fosse forte demais, a estrutura cedia, se fosse delicado demais o tempo não ia dar. Dou um impulso, acho que ia cair, acordo.

Após relatar esse sonho em análise, o analisando convocado pelo analista associa uma série de elementos. Os *Power rangers* tinham relação com sua potência sexual, complementando que no sonho ele está em busca do relógio dos *Power rangers* que possibilita morfar²¹, como se estivesse buscando uma coisa que lhe daria poder. Não entende o porquê de ter sonhado com o prédio chamado TJ, mas associa que pode ser a sigla de Tribunal de Justiça.

Afirma que, enquanto relatava o sonho, chamou-lhe a atenção a palavra que utilizou para se referir ao lugar ao final da escada, “interditado”, pois não havia anotado essa palavra em seu diário de sonhos. Com essa palavra lê que talvez a mulher que dizia “aqui você não poderá passar” era de certa forma uma mulher interditada e estava acompanhada. Nesse momento ri muito, e acrescenta em tom de deboche que a floresta talvez seja os pelos pubianos.

O analisando se dá conta de que aquele momento de encontro com a mulher no sonho parece decisivo, porque a partir dele tudo no sonho começa a se desmanchar, a ruir, tudo fica instável. Ele complementa dizendo que seus primos saíram daquilo, mas ele ficou preso, que por não saber dar o impulso, ou por não ter sido rápido o suficiente. A palavra “impulso” o

²¹ É interessante que Morfar seja um anagrama de Formar. E que *Power* em inglês signifique potência.

remete à expressão “fazer as coisas por impulso”, por instinto, o que associa ao seu instinto sexual. Então se pergunta se faltava a ele mais instinto sexual. Esse fragmento é capaz de evocar uma lembrança de sua infância.

Apesar de algumas ocasiões, não se sentia um rapaz muito sexual. Lembra-se de que, desde menino, nunca foi muito sexual, pelo contrário, sempre se afastava desse tema, gostava de brincar com as meninas no jardim de infância, mas sempre num tom muito puro, evitava brincar com os meninos porque sentia que tinha alguma coisa sexual naqueles que brincavam sem camisa. Nesse momento recorda que aquela escada íngreme no sonho podia remeter à escada dessa “escolha de infância”²² (escola de infância). Seu ato falho indicava o momento de que se tratava o sonho: sua escolha sexual.

Ele chama a atenção do analista para esse ponto, dizendo como o surpreendia uma coisa, que ele tinha a sensação de ter passado tempo demais naquela escola, que já estava na hora de crescer. É nesse momento que inicia um relato decisivo para nossos propósitos. Ele começa a dizer admirava essa irmã, que ela sempre foi uma menina despojada, livre, engraçada, que invejava isso nela, pois ele era muito tímido e fechado, enquanto todo mundo a reconhecia por apelido e sobrenome. Ele chora muito ao se lembrar disso.

Diz que sentia que nunca iria alcançá-la, que ela sempre estava à frente dele, que ao mesmo tempo isso o impulsionava a ser melhor, mas que ela era mais velha, e que com a diferença de idade ele nunca iria alcançá-la a tempo. Espanta-se, não entendendo como aquele sentimento estava tão escondido, não se lembrava de como ela foi importante para ele, era como um modelo, e se havia alguém para ele admirar na família era ela. Ele então associa que aquela mulher interdita no sonho podia remeter a ela, pois até hoje ele não se sente ao seu alcance.

O paciente começa a associar sobre a mudança de escola. Sentia que estudar naquela nova escola devia ter sido realmente importante, pois nela havia tentado investir libidinalmente em duas meninas pelas quais tinha se apaixonado. Coisa rara, pois sempre evitou as meninas. Na primeira tentativa, ele quis falar com ela e beijá-la, mas ela o recusou. Após essa recusa ele se lembra de ter ficado um bom momento com um grande ponto de interrogação, sem saber se queria ou não aquilo. O analista pontua que essa indecisão parece que só veio depois, como no sonho diante daquela mulher, que dizia: “ali não”, as coisas ficavam instáveis, ele não sabia se dava ou não o impulso. O analisando confirma essa interpretação, ao trazer um segundo exemplo. A segunda menina em quem havia tentado investir, ele sabia que ela tinha fama de “mais sexual”, conhecida na escola por isso. Chegaram ao quarto dela, mas na hora do sexo ele

²² Destacamos o ato falho, o analisando gostaria de ter dito “Escola de infância”.

se sentiu enojado, “ela era muito pra frente”. Concluiu espantado como havia se esquecido desses ensaios com as meninas, como havia ido até longe com elas, queria alguma coisa com elas, mas não conseguia. Ao final da sessão, o paciente me manda uma mensagem, dizendo que algo o surpreendia, que o nome das duas meninas que ele tentou conquistar na escola era o mesmo da irmã.

O interesse em trazer esse sonho é, em primeiro lugar, alertar o leitor de que, apesar de fornecermos neste estudo algumas balizas teóricas em relação à impotência sexual, é apenas no discurso do analisando que se faz a análise. A partir das associações é que ele será capaz de ganhar alguns fragmentos de saber sobre seu sofrimento, e é esse trabalho de análise que incide sobre seus sintomas e sobre suas inibições. O sonho é capaz de nos trazer uma série de elementos estruturais edípicos da concepção freudiana de escolha de objeto e da teoria da impotência sexual que apresentamos: O lugar da lei (TJ), a mulher interditada/inalcancável (a barreira do incesto), a fixação ao objeto incestuoso (irmã), a presença do traço de ternura que causa a repulsa (a mulher “pra frente”). Encontramos ainda a frustração diante do objeto de amor. Se seguirmos teoricamente a elaboração freudiana, essa dupla frustração sofrida levou o sujeito a investir sua corrente sensual em objetos incestuosos no campo da fantasia. Não por acaso, é nesta idade que aquele menino, apesar de não ser homossexual, passará a se masturbar a partir de fantasias homossexuais.

Há um ponto enigmático no sonho, como aquele ponto de “umbigo do sonho”, que não levanta associações suficientes do paciente, para o qual seu silêncio convergiu: o homem que acompanhava a mulher não dizia nada e é a partir disso que a estrutura se esvai. É justamente sobre esse silêncio do homem – também silenciado em ato pelo paciente em suas associações – que podemos encontrar um ponto essencial da sua impotência. A análise posteriormente revelou esse homem como sendo seu pai, que sempre se silenciou ao lado da mãe, que nunca a tomou “como um homem faria” com sua mulher. O silêncio do pai aparece associado ao desmoronamento da estrutura, à incerteza em relação à própria masculinidade. É curioso que é justamente no ponto mais silenciado do sonho que encontramos a problemática do pai. Nós no dedicaremos no próximo capítulo à função paterna na constituição da sexualidade do homem.

3 INIBIÇÃO E AMEAÇA DE CASTRAÇÃO

No capítulo anterior elencamos três hipóteses etiológicas da impotência sexual masculina trabalhada por Freud em 1912 e trabalhamos a primeira delas: a hipótese da fixação incestuosa com a mãe (ou irmãs), na qual um traço do objeto incestuoso, ao aparecer na relação sexual, dava lugar a uma ternura e um afastamento da libido devido ao impedimento da barreira do incesto. Neste capítulo abordaremos outro nome para esse impedimento, a partir de duas hipóteses: **a hipótese da ameaça de castração e a hipótese do horror ao feminino.**

Partiremos de seu trabalho intitulado *Inibição, sintoma e angústia* (1926[1925]/1991k), pois nele encontramos uma indicação de Freud a respeito da etiologia da impotência sexual masculina: “a fantasia de regresso ao ventre materno é o substituto do coito no impotente (inibido pela ameaça de castração)” (FREUD, 1926[1925]/1991k, p. 131). Buscaremos esclarecer como a impotência pode ser entendida como uma inibição ocasionada pela ameaça de castração. No capítulo seguinte, “Fantasia e mais além”, discutiremos o que ele entende por fantasia de regresso ao ventre materno.

Neste caminho, procederemos com a hipótese lançada em sua análise de uma recordação de Leonardo da Vinci (FREUD, 1910/1991c), em que indicava que a impotência psíquica pode ser causada pelo horror ao descobrimento da diferença sexual, ao reconhecimento de que a mulher não possui um falo, pois essa constatação produziria um efeito indelével no psiquismo:

a atração erótica que partia da pessoa da mãe culminou logo no desejo de seus genitais, que ele acreditava ser um pênis. Com o discernimento, adquirido só mais tarde, de que a mulher não possui um pênis, esse desejo se transforma em seu oposto, dá lugar a um *horror* que na puberdade pode converter-se na *causa* da impotência psíquica, da misoginia e da homossexualidade duradoura. (FREUD, 1918/1991e, p. 93, tradução nossa, grifo nosso)

3.1 Impotência: efeito da inibição e da ameaça de “ser castrado”

Em *Inibição, sintoma e angústia* (1926[1925]/1991k), encontramos duas ideias importantes sobre a impotência sexual que discutiremos a seguir: (i) a impotência sexual como uma inibição; (ii) inibição, especificamente, pela ameaça de castração. De partida constatamos que existe uma diferença entre sintoma e inibição. A inibição está ligada particularmente a uma função, e não é necessariamente patológica, visto que se pode chamar de “inibição” limitações normais da função (FREUD, 1926[1925]/1991k, p. 83), por exemplo, aquelas ocasionadas pela velhice. Enquanto isso, o sintoma equivaleria ao indício de um processo patológico. Desta forma, vemos que, para uma inibição ser concebida como sintoma, é necessário não apenas o

rebaixamento da função, mas esse rebaixamento ser uma variação patológica da função. A impotência sexual masculina não é necessariamente um sintoma, torna-se um sintoma a partir do momento em que se faz indício de um processo patológico.

São basicamente quatro as funções que podem sofrer inibição: a sexual, a da alimentação, a da locomoção e a do trabalho. Para Freud, o Eu é a instância psíquica responsável pelo desempenho de cada uma dessas funções. Especificamente sobre a função sexual, descreve de quais formas a inibição pode incidir:

A função sexual sofre diversas perturbações, a maioria das quais apresenta o caráter de inibições simples. *São resumidas como impotência psíquica*. O sucesso da operação sexual normal pressupõe um curso muito complicado, e a perturbação pode intervir em qualquer ponto dele. As estações principais da inibição são, no homem: o afastamento da libido no início do processo (desprazer psíquico), a falta de preparação física (ausência de ereção), a abreviação do ato (ejaculação precoce) – que igualmente pode descrever-se como sintoma positivo –, a detenção do ato antes do desenlace natural (falta de ejaculação), a não consumação do efeito psíquico (ausência de sensação de prazer do orgasmo). *Outras perturbações resultam do enlace da função a condições particulares de natureza perversa ou fetichista*. (FREUD, 1926[1925]1991k, p. 83-84, tradução nossa, grifo nosso)

Notamos que o autor entende a impotência psíquica como uma inibição de caráter simples, que pode incidir sobre qualquer uma ou em todas as “estações” da atividade sexual, e as inibições de caráter complexo seriam aquelas que resultam da ligação da função com uma condição perversa ou fetichista (abordaremos no último capítulo).

Uma das hipóteses desenvolvidas neste texto sobre o motivo de uma inibição no geral é a compreensão de que estas seriam renúncias operadas pelo Eu a uma função, pois a realização dessa função desenvolveria angústia. Por exemplo, o autor cita o caso de um escritor que sofre de uma inibição ao escrever. Simbolicamente, o ato de escrever, que consiste em “fluir algo líquido de um tubo sobre o papel branco”, neste caso foi tomado como símbolo do coito. Esse ato, ao ser vivenciado como algo “proibido” por esse homem, sofreu uma inibição. O proibido aqui é o sinal de angústia que o leva à inibição. Para essa inibição o Eu pode seguir uma série de procedimentos: afastando a libido, obstaculizando ou desviando a execução, prevenindo, interrompendo por angústia, ou desfazendo a função já executada (FREUD, 1926[1925]/1991k, p. 85). Mas cabe nos perguntarmos de que natureza é esse proibido, ou esse medo/angústia ao fundo de toda inibição a fim de esclarecermos a que corresponde a inibição da potência sexual.

Encontramos nesse texto (FREUD, 1926[1925]/1991k, p. 86) três conflitos que levariam o sujeito a se angustiar, e por consequência sofrer uma inibição, dois deles conflitos tópicos, e outro, conviria chama-lo, econômico:

- (i) *Inibição por angústia do Isso*: o Eu renuncia a funções que lhe competem para não necessitar realizar uma nova repressão, e assim evitar um conflito com o Isso.²³
- (ii) *Inibição por angústia do Supereu*: o Eu não se permite realizar algumas atividades, visto que estas poderiam proporcionar proveito e êxito ao sujeito, que seu severo Supereu o impede de desfrutar. O Eu renuncia a essas operações para não entrar em conflito.
- (iii) *Inibição por angústia de desvalimento*: se o Eu tiver que realizar uma tarefa psíquica que exige um alto grau de energia, ele se empobrece tanto em sua energia disponível que se vê obrigado a limitar seu gasto. O luto, a sufocação de um afeto, a necessidade de frear fantasias sexuais são tarefas que exigem alto grau de energia.

No discurso dos pacientes impotentes é fácil encontrarmos essa *Inibição por angústia do Supereu* numa espécie de voz interna que insiste em repetir: “você não vai conseguir”, “você não vai dar conta”. Dar conta neste caso seria desafiar esse supereu, os ideais, a consciência moral. O eu, em respeito a esse Supereu, renuncia à função sexual da ereção para não entrar em conflito com essa instância.

É comum que haja diminuição do interesse libidinal em épocas de luto, perdas, pelo empobrecimento da energia sexual, e conseqüentemente uma possível impotência sexual pela *Inibição por angústia de desvalimento*. No entanto, esse empobrecimento de energia por conta de um luto pode aparecer de forma inconsciente ao sujeito, e após algum tempo em análise ele pode se dar conta de que, na mesma época em que começou a sofrer de impotência, seu pai havia falecido, ou concluir que de alguma forma não havia terminado o luto por essa perda.

Por outro lado, essa baixa na energia libidinal pode se relacionar com a necessidade do sujeito de reprimir fantasias sexuais que ele não se permite vivenciar naquela relação sexual. Desse modo, o psiquismo está tão direcionado a reprimir tais fantasias que a energia para lograr o exercício sexual não se acha disponível, gerando uma possível impotência associada a um quadro depressivo.

Apesar de apreendermos que o conflito evitado com o Isso, o Supereu e o desvalimento podem ameaçar o Eu gerando inibições, ainda não respondemos à natureza dessa ameaça, suas razões dinâmicas e econômicas. É na parte cinco de *Inibição, sintoma e angústia*

²³ Nos parece que a impotência estruturada por uma angústia do Isso, deve ser buscada nas discussões sobre a pulsão de morte, pulsões agressivas, e do masoquismo secundário.

(1926[1925]/1991k), ao discutir sobre o caso Hans e o Homem dos Ratos, que encontramos uma indicação de que ordem é esse medo/angústia que afeta as funções do Eu. Ali Freud busca esclarecer qual era o desejo reprimido e o motivo da repressão²⁴.

Freud encontrará nas vicissitudes do Édipo os desejos reprimidos de ambos os pacientes. Para ele a moção pulsional que sofre repressão em Hanns é o impulso hostil ante o pai. A ideia determinada de que o cavalo o morderá é um deslocamento da ideia de ter visto um cavalo caindo, conectado ao desejo de fazer cair o pai. Aquele desejo hostil diante do pai retorna em Hans como angústia de ser punido por ele. Seu objetivo era se defender de uma moção pulsional ativa e agressiva ante o pai. Seus meios foram a repressão, pois, em vez de agressão ao pai, dirige a agressão contra si mesmo; e a regressão, o ser mordido pelo cavalo, como retorno à fase oral. Já o Homem dos Ratos possui outro tipo de desejo: o desejo de ser amado pelo pai como objeto sexual. Deve então renunciar, pela angústia ante o pai, pois para manter um desejo assim entendido teria que sacrificar seus genitais, ser sua mulher. O motor da repressão nos dois casos é a angústia de castração iminente. Em resumo, podemos extrair, destes dois exemplos, dois tipos de angústia de castração (FREUD, 1926[1925]/1991k, p. 103):

- (i) angústia de castração despertada pelo desejo de agressão ao pai (configuração normal, ativa);
- (ii) angústia de castração despertada pelo desejo de ser amado como objeto sexual pelo pai, abrindo mão do falo (configuração invertida, passiva).

No primeiro caso, podemos usar como exemplo de um homem que se divorciou e foi tomado por um pensamento obsessivo de que o novo marido de sua ex-mulher seria “brocha” e não daria conta dela na cama. Coisa curiosa ocorre com esse desejo hostil, visto que atualmente quem se encontra brocha com todas as mulheres é ele. O feitiço se virou contra o feiticeiro. Neste caso o desejo hostil em relação ao terceiro atualizou a sua vivência edípica, e seu atual sintoma da impotência “eu não vou dar conta” é um deslocamento da ideia hostil “ele

²⁴Freud aplicava uma diferenciação entre sintoma e inibição em Hanns proveitosa para nosso estudo. Para ele, o sintoma em Hanns é o medo/angústia de cavalos, já sua incapacidade de sair à rua é uma inibição, uma limitação que o Eu se impõe a fim de não entrar em contato com essa angústia. Em seguida, considera algo de extrema relevância para a escuta clínica dos sintomas. Alerta-nos para que o sintoma de Hanns não é bem o medo indeterminado de cavalos, mas um medo determinado e singular: a ideia de que “o cavalo o morderá”. A indeterminação “medo de cavalos” esconde esse medo determinado. Em nossa escuta da impotência sexual, devemos buscar essa *mínima determinação* na indeterminação do sintoma do paciente. O sintoma “tenho medo de brochar” (indeterminado) pode revelar uma singularidade do paciente, “é como se eu virasse um menino na hora”.

não vai dar conta”. Reprime e regride invertendo seu desejo ativo em uma atitude passiva diante da mulher. Seu sintoma é o retorno da angústia de castração, como ocorre em Hans.

No segundo caso, podemos exemplificar a partir da fala de um paciente homossexual que, ao ter sua primeira experiência sexual com outro homem, que considerava “homem de verdade”, se viu impossibilitado de ser ativo nas relações seguintes com esse parceiro, sentia-se sempre “um menino diante daquele ‘homem’”. Vemos que o desejo erótico de ser amado como objeto atualiza neste caso a angústia de castração, que o ameaça com a perda de sua virilidade. O homem é um deslocamento da figura paterna, e o “menino” é resultado de um movimento regressivo a uma etapa de sua infância em que não se cobrava “agir como homem”. Em ambos os casos vemos como a neurose é capaz de se valer dos conflitos infantis para formar sintomas atuais. Mesmo que não haja mais, ou nunca tenha havido, o perigo de punição real por um pai colérico, esse perigo se faz presente na atmosfera psíquica do neurótico. Na escuta do paciente impotente, devemos buscar qual desejo subjaz ao sintoma, se a angústia de castração incide sobre um desejo hostil ou erótico, comumente direcionado à figura paterna.

Freud acreditava que os conteúdos angustiantes que geram as inibições apresentam de forma desfigurada e deslocada um conteúdo específico: “ser castrado pelo pai” (1926[1925]/1991k, p. 103). A angústia não provém, então, como pensava, da libido represada – como na primeira teoria da angústia (Capítulo 1) –, mas do repressor mesmo: o perigo da ameaça de castração (1926[1925]/1991k, p. 104). Entretanto, a fim de não sobrestimar o poder da angústia de castração nos sintomas neuróticos. Acaba por investigar outros tipos de angústia, como a angústia infantil, o medo dos bebês de ficarem sozinhos, em lugares escuros, ou na presença de uma figura estranha (diferente da mãe). Suas investigações o direcionam à constatação de que a angústia se apresenta como uma reação ante a ausência do objeto amado.

Da mesma forma, a angústia de castração implica também uma separação a respeito de um objeto estimado. Seja no caso da separação em relação à mãe, seja em relação ao falo, o perigo vivenciado pelo sujeito é o surgimento da insatisfação pela ausência ou perda do objeto. A perda do falo representa na angústia de castração, por um lado, a perda daquele órgão que poderia levar o sujeito à satisfação sexual (uma nova reunião com uma figura que ocupe o lugar materno) e a privação desse membro equivale a uma nova separação da mãe.

3.2 O sepultamento do Complexo de Édipo e as figuras da ameaça

Em *O sepultamento do Complexo de Édipo* (1924), a ameaça de castração é tomada não apenas por sua realidade, mas como uma fantasia fundamental, que opera a repressão dos desejos incestuosos infantis, dando início ao período de latência. Depreendemos dois tempos do que entende por ameaça de castração: se em um primeiro momento a castração é a vivência do desamparo, a separação dos cuidados maternos, em um segundo, a castração propriamente dita, aquela em que a figura do pai castrador surge ameaçando a perda viril ou do falo no menino, só surgirá a partir do momento em que a criança passou pela experiência da visualização do órgão feminino, da constatação da diferença sexual, adquirindo assim representação imaginária da castração.

No primeiro tempo da castração, a menina que queria ser considerada a amante favorita do pai forçosamente será retirada desse lugar, sofrerá um afastamento. O menino, que considerava a mãe sua propriedade, terá a experiência de que ela lhe retira o amor e os cuidados para entregar a um outro, o pai, ou ao irmãozinho. A criança perde o lugar de “his majesty the baby”²⁵. Mas não somente são esses os lugares e direções para os quais apontam os desejos infantis, visto que o Complexo de Édipo oferecia à criança, menina ou menino, duas possibilidades de satisfação distintas: uma via ativa e outra passiva. Esse ponto nem sempre é considerado nas leituras do Complexo de Édipo. Freud nesse texto esclarece: na via ativa, a criança se situava *no lugar do pai*, queria ser o pai para manter a troca sexual com a mãe, e, na medida em que o pai impunha limites a esse vínculo, ele passou a ser sentido como uma figura que cria entraves à relação com a mãe. Na segunda, a via passiva, a criança (menina ou menino) se situava *no lugar da mãe*, queria substituí-la para assim se fazer amada pelo pai, e a mãe com isso foi deixada de lado.

No segundo tempo, para o menino a satisfação amorosa com seu objeto de desejo passa a custar um preço: a perda fantasiosa do pênis. Um conflito se instala entre o interesse narcisista e o investimento libidinal dos objetos parentais: ou abro mão do falo para ter acesso ao objeto, ou conservo o falo e abro mão do objeto e do investimento libidinal. Com a angústia inconsciente despertada pela ameaça, o Édipo é encaminhado ao seu sepultamento. Por um lado os investimentos libidinais de objeto serão substituídos por identificação, a figura do pai dará lugar a uma nova instância psíquica, o supereu, “herdeiro do complexo de Édipo”. Por outro, a

²⁵ É importante frisar, como o faz Alfredo Eidelsztein, o “his” desta máxima, que indica que este lugar de majestade é ofertado pelo narcisismo dos pais (1995, p.90).

ameaça que incidia sobre o genital masculino afastou o menino do objeto incestuoso, e por seu distanciamento o salvou da perda imaginária desse órgão. Assim, o menino é lançado no período de latência de sua sexualidade (FREUD, 1924/1991i, p. 184). A saída ideal na visão de Freud (1924/1991i) é quando já não subsiste nenhum Complexo de Édipo no inconsciente, isto é, os objetos incestuosos foram abonados, dando lugar ao supereu²⁶. Destacamos que, ao contrário da saída ideal de Freud, são justamente os resquícios dos desejos edípicos que fazem retornar a todo custo a angústia de castração, angústia que incide sobre o sujeito neurótico em seus sintomas.

É essa posição que Nasio (2007), em sua discussão sobre o Complexo de Édipo freudiano, sustenta. Acredita que, na vida adulta, a preocupação em torno da potência, que se torna um verdadeiro temor para alguns homens, é o retorno da angústia de castração não recalçada na infância. Frente a seu objeto de desejo, ao sentir-se ameaçado, o homem opta por abrir mão de tal objeto, para salvar sua relação com o falo. Essa tentativa de garantir a sua virilidade e potência a todo custo constituirá um traço de caráter do homem. Para o autor, duas são as figuras fundamentais que ameaçam o poder e a virilidade, e que podem humilhar um homem: o pai e a mulher que não desejam seu falo. Kardous confirma esta última ideia ao dizer que: “o homem só consegue ser potente na medida em que a mulher não tenha algo que ele tem, podendo oferecer-lhe assim aquilo que lhe falta” (2004, p. 40). Vejamos cada um delas.

Se em nossa leitura de *Inibição, Sintoma e Angústia* havíamos destacado dois tipos de desejos que sofrem uma inibição a partir da ameaça de castração, Nasio (2007) acrescentará um novo à lista. Para ele o desejo masculino se estrutura a partir de três fantasias fundamentais: fantasia de posse (desejo de se apoderar do outro), além da fantasia de sedução (desejo erótico de ser objeto sexual do outro), fantasia de supressão (desejo hostil de destruir o outro). Cada uma dessas fantasias possui como seu corolário uma figura ameaçante: o pai interditor/repressor, que ameaça o falo (na fantasia de posse), o pai sedutor, que ameaça a virilidade do filho (na fantasia de sedução), o pai odiado, que ameaça o falo e os impulsos agressivos da criança.

Além destas três figuras, autores têm destacado a importância de outra figura: a mãe indiferente ou a mulher que não deseja o falo. Da importância que primeiro tempo da angústia de castração possui na causação da impotência sexual masculina (BLEICHMAR, 2009; KERN,

²⁶ Nesta saída ideal a importância do pênis e o abandono do objeto são justificados por um argumento biológico, a significação do valor da reprodução da espécie prevaleceu, garantiu assim o afastamento do incesto, a instituição da consciência moral e a moral do indivíduo (FREUD, 1924/1991i, p. 275). Como se, em nome da reprodução, todos os desejos incestuosos fossem reprimidos e não retornassem.

2010) destacam o papel da mãe neste processo de construção da masculinidade. Destacam a importância da narcisização do menino pela figura materna, “a significação que o pênis do filho cobra para a mãe” (BLEICHMAR, 2009, p. 29), que nesse período não apenas fornece os cuidados, mas eleva o corpo da criança, incluindo seu órgão genital, a um valor de interesse e importância. Nessa narcisização do corpo masculino operada pela figura materna, o menino dá início a um processo de estrutura e constituição da sua imagem corporal.

Um paciente certa vez se recordou de que, quando era muito jovem, as tias sempre comentavam sobre o sobrinho “pirocudo”, e brincavam com esse significante entre elas. Não entendia por que sua mãe não fazia a mesma brincadeira, pelo contrário, quando o assunto era o seu pênis, o que as tias e sua mãe sempre comentavam é que era necessário ele “operar a fimose”, e lembra-se da dificuldade que possuía em entender o que era isso. A falha na narcisização dessa parte de seu corpo o fez, em seu desenvolvimento, associar seu pênis a algo “errado”, disforme, que merecia ser escondido. Não conseguia ficar de sunga na frente dos colegas na escola, na natação, na praia. Foi essa curiosidade em saber o que despertava a atenção das tias que o levou a ter experiências sexuais com colegas na escola. Essas experiências se constituíram como verdadeiros fantasmas homossexuais na puberdade e, quando enfrentou suas primeiras experiências sexuais com mulheres, sentiu-se menos homem, com vergonha de seu pênis. Seu pênis sempre lhe pareceu marcado por um sinal de menos, de inferioridade.

Kern (2010) aponta a importância da valorização positiva nessa narcisização, visto que ela é um passo para que o menino vá além da mãe, oferecendo-se para outros olhares. Sem isso, ele se restringe cada vez mais à relação materna, submetendo-se às barras da saia da mãe, para ali se vestir e tampar sua suposta insuficiência. Essa relação pode criar espaço para uma fixação infantil em que no futuro ele recorra a mulheres do tipo controladoras (KERN, 2010), que exercem uma espécie de controle sobre ele, o submetam aos serviços de suas vontades em troca de oferecerem um espaço maternal de acolhimento de seus temores; ou ainda, serem facilmente ameaçados por figuras que não desejem seu falo, pois assim atualizam a angústia primária de sua falta de narcisização.

Além da falha na narcisização do menino, e da ameaça vivida por seus desejos que retornam ocasionalmente sob a angústia de castração no sujeito impotente, ainda nos resta esclarecer se é possível uma saída do Édipo para que o menino possa assumir sua virilidade, sua potência genital, enfrentar tais retornos sem grandes preocupações. Todavia, antes de adentrarmos a essa questão, faremos um parêntese para esclarecer a hipótese do horror ao feminino proposta por Freud como etiologia da impotência.

3.3 O primado do falo e o horror da diferença sexual

Voltemos a considerar a hipótese do horror ao feminino. Nela, Freud é taxativo: “com o discernimento, adquirido só mais tarde, de que a mulher não possui um pênis, esse desejo [de ver seus genitais] se transforma em seu oposto, dá lugar a um *horror* que na puberdade pode converter-se na *causa* da impotência psíquica (...)” (FREUD, 1918/1991e, p. 93, tradução nossa, grifo nosso). Isso implica termos que nos debruçar sobre o momento de reconhecimento da diferença sexual e do papel do pênis e do falo na dinâmica subjetiva. Concordamos com Kardous (2007) ao dizer que é impossível fazer uma discussão sobre a impotência sexual sem tocar na problemática do falo. Apesar de Freud se utilizar mais do termo “pênis”, e servir-se normalmente da forma adjetiva “fálico/a”, é possível notarmos, como salienta Costa (2014), que em Freud o que é sustentado como elemento organizador da sexualidade não é o órgão genital masculino, mas a representação psíquica imaginária e simbólica construída a partir dessa região corporal do homem, o pênis tomado por um elemento que possui um valor.

Na história antiga é conhecido o valor na representação do pênis alado, do pássaro-falo utilizada pelos gregos desde 400 a.C. para rituais de fertilidade e celebrações dionisíacas, em que os participantes levavam estandartes fálicos (CABRERA, 2009). Essas imagens fálicas eram utilizadas como monumentos, decoração nas portas de casa, muros, jardins, tumbas, como amuletos, brincos e serviam para proteção do mau-olhado e da má sorte. Já para os romanos, por outro lado, a imagem do falo era conhecida como *fascinum*, promovia a fortuna e espantava o azar (CABRERA, 2009). Na Idade Média essa representação ganhará um tom satírico, anticlerical, contra as imposições da igreja (CABRERA, 2009)²⁷.

Vemos que o falo opera uma função decisiva: ser uma vestimenta que protege. Protege os homens da infertilidade, da inveja, de um olhar maligno. Costa (2014) é capaz de afirmar que, de acordo com o lugar atribuído ao falo na antiguidade, é possível considerar sua implicação com a sexualidade, visto que o culto ao falo, manifesto em procissões religiosas (falofórias), servia como antídoto contra a impotência. Para a autora, “caso não haja a veneração

²⁷ Pouco conhecida, no entanto, é a representação do caracol da Idade Média (CABRERA, 2009). A mais recorrente é a figura de um cavaleiro, a pé ou montando um cavalo, frente a frente com um caracol, como em um combate entre iguais. A debilidade do caracol está associada nesta tradição à covardia, ao medo, à incapacidade de movimentar-se, a esse ser que se encolhe todo dentro de sua casca quando diante do perigo. Com isso, o caracol nos manuscritos medievais é símbolo da impotência sexual masculina. Neste sentido, o cavaleiro que enfrenta o caracol de igual para igual toma o sentido do homem, que, apesar de deter a maior das armas, ao enfrentar sua impotência sexual, encontra um inimigo à altura. Lembro-me de um paciente que descreveu sua impotência dizendo que seu pênis não apenas perdia a ereção, mas encolhia, ficava menor do que era normalmente “como um caramujo”.

ao objeto fálico, a virilidade fica ameaçada” (COSTA, 2014), e não por acaso Freud se lembrou dessa referência antiga.

Para a psicanálise é evidente que as preocupações do homem com sua virilidade, e com seu falo, não são exclusivas dos adultos impotentes. No texto “A organização genital infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade)” (1923/1991g), notamos que desde muito cedo a criança mantém uma curiosidade em relação a esse órgão, já compara, investiga, busca, suspeita, faz um esforço de investigação sobre este órgão. É importante destacar que o órgão de interesse normalmente é o órgão masculino:

O caráter principal desta “organização genital infantil” é, ao mesmo tempo, sua diferença a respeito da organização genital definitiva do adulto. Reside no fato de que, para ambos os sexos, só desempenha um papel um genital, o masculino. Portanto, não há um primado genital, mas sim um primado do falo. (FREUD, 1923/1991g, p. 146, tradução nossa)

Em um segundo momento, esse interesse leva a criança a se debruçar sobre o problema da diferença sexual. Evidente que as crianças já percebem uma diferença entre os sexos, mas nada indica que elas a relacionem primeiramente à diferença anatômica, ao contrário, o menino acredita que tal órgão está presente em todos, inclusive nos animais e até mesmo em objetos inanimados. À medida que a vida lhe oferece ocasiões para se confrontar com a diferença sexual, a primeira atitude do menino é recusar/desmentir o que é visto. Sua primeira reação é entender que “há ali um pênis”, mesmo que seja pequeno, pois poderá crescer um dia, ou que ali havia um pênis, mas este foi removido por algum motivo. Fica evidente nesse momento que o pênis constatado pelo menino não é o órgão masculino, mas uma espécie de ideia/fantasia imaginária. A intelecção de que “ali falta” um pênis ou de que “ali é diferente” não é reconhecível.

É neste primado do falo que encontramos um ponto relevante para a compreensão da impotência sexual. Vimos que os meninos não se dão conta imediatamente da diferença, em vez disso constroem uma série de ideias, representações e teorias sobre aquilo que (não) notaram. Uma das artimanhas imaginárias apontadas por Freud é acreditar que as meninas são seres depreciáveis, que certamente fizeram algo de errado (desejaram algo proibido como ele um dia desejou) e por isso foram punidas pelos pais com a perda do pênis. Uma atitude curiosa nesta etapa é que, ao mesmo tempo que para tais meninas admitem isso, para outras mulheres, como a mãe, conservam a ideia de que estas são seres respeitáveis que ainda possuem o falo. Vemos aqui talvez a gênese da divisão que encontramos operando em certo tipo de homem, entre a mulher depreciável e a mulher respeitável (no capítulo anterior). Oposição que a esse

nível ganha um novo contorno: a criança-menina que não possui o pênis (foi punida/castrada) *versus* a mãe que possui o falo. Notamos que nesse momento não há um reconhecimento da diferença sexual, mas a preservação do primado do falo na fantasia da mãe fálica e das meninas punidas. Mas devemos nos perguntar por que, no caso da mãe, a criança é reticente em admitir que ela não possui o falo. Do que a criança se protege com essa denegação?

3.4 Três tempos da constituição sexual: criança-falo, menino-ameaçado e tornar-se

Para alcançarmos a resposta à pergunta formulada acima, empreendemos uma releitura do Édipo baseada nos autores Dunker (2006), Bleichmar (2009), Seganfredo (2002), e Betts (2014). Esses autores fazem uma leitura lacaniana do Complexo de Édipo e do Complexo de Castração. Contribuição que foi fundamental para avançarmos na função paterna nesses dois complexos Além disso, podemos justificar esse reforço ao entendermos que a questão do pai foi um limite para o próprio Freud, remanescendo nele a figura de um pai idealizado (SEGANFREDO, 2002). Pretendemos destacar nesta releitura três tempos pelos quais o menino deve passar, em sua constituição sexual, para alcançar por um lado o “direito à virilidade” na sua posição sexuada, e se essa constituição explica sua assunção da potência sexual. Esses três tempos podem ser entendidos ao modo de um “um processo lógico no qual se tenta, progressiva e regressivamente, lidar com o que se perdeu” (DUNKER, 2006, p. 2).

O primeiro tempo podemos conceber como o momento em que a criança, o filho, obtinha os cuidados e o amor materno, identificando-se com as imagens que despertam o olhar da mãe, tentando capturar a atenção da mãe se vestindo de “falo” e fornecendo a ela as imagens que lhe despertam interesse, como a do filho-fofinho, filho-safado, filho-educado, ou outras imagens de acordo com a subjetividade materna. No entanto, na medida em que o “além do filho” começa a se fazer notar, o menino reforçará essa identificação na tentativa de forjar um objeto capaz de atrair o outro materno. É nesta tentativa que dá início a sua investigação sexual. Durante essa investigação nega o reconhecimento da diferença sexual na mãe, apesar de admiti-lo em alguma medida para outras meninas. Isso se justifica ao compreendermos que, através da mesma lógica que aplica às meninas travessas, admitir a falta do falo na mãe seria o mesmo que admitir que a mãe um dia possuiu desejos proibidos, além do filho, e foi punida por esses desejos.

Em outras palavras, a criança se protege com a fantasia-falo do desejo da mãe. Manter a mãe fálica é postergar a pergunta sobre seu desejo. No entanto, uma passagem será produzida

a partir do momento em que essas identificações não bastarem mais para atrair o outro materno. O “além do filho”, lugar terceiro para o qual se direciona a mãe, será dotado de um valor. Valor esse que aponta para a precariedade das imagens para atração do desejo materno²⁸. Esse primeiro tempo podemos resumi-lo com a seguinte frase que indica a passagem efetuada: *Me sinto ameaçado pela ausência do objeto (desamparo), não basta mais ser o falo, então busco um objeto de valor.*

O segundo tempo é marcado pela presença do pai, que poderá ocupar esse lugar terceiro na relação da mãe com o filho e produzir uma separação que será vivida como um verdadeiro arrancamento que interdita a ambos, apontando que a mãe depende de algo além do filho, e para o filho, que não basta apenas “ser uma imagem” para atingir seus objetivos libidinais. O pai nesse momento surge como uma figura além da imagem, uma figura diferente do filho, que possui seu valor.

É nesse momento que a investigação sexual infantil estará às voltas com o problema do falo. O pai surgirá como a instância que não apenas é, mas possui aquilo que desperta e direciona o desejo do outro materno, atrai a mãe não por sua imagem, mas por um valor simbólico. O falo entra no jogo subjetivo da criança a partir de um valor que é atribuído a ele, que se torna um representante da falta e do desejo da mãe (DUNKER, 2006). Neste momento há uma mudança na posição da criança frente a essa mãe, ela não é mais o objeto que realiza o desejo da mãe, esse objeto quem o porta é o pai.

A figura do pai que castra, só surgirá, segundo Freud, a partir do momento em que a criança passou passar pela experiência da visualização do órgão feminino, da constatação da falta na mãe, adquirindo assim representação imaginária da castração. A mãe perdeu o falo, assim o menino realiza que também pode perdê-lo. Nessa etapa somente o pai tem direito de ter acesso a esse objeto de desejo do outro. O filho passará a se filiar a ele, na busca de obter o falo. O horror ao sexo feminino estará ligado a essa fantasia do pai castrador, pois aquela diferença antes observada será ressignificada como: a menina foi castrada. A máxima deste tempo poderia ser: *Me sinto ameaçado pela castração, só o Pai pode portar o falo, então me filio a ele.*

O terceiro tempo da constituição sexual demarcará a posição sexual do sujeito. Nele, a figura do pai castrador, onipotente, que priva o menino e a mãe do falo, ganhará um novo contorno. A criança se deparará com a presença da castração paterna, pois o pai também está

²⁸ A criança poderá buscar ser esse falo-materno por outras vias como através da perversão que pretende forjar um objeto que ocupe para essa mãe o lugar desse terceiro e oferecer a ela este objeto, “eis aqui” o objeto do desejo: o fetiche ou o próprio corpo.

submetido à lei do desejo: o pai deseja algo além da mãe, e a mãe não deseja apenas seu falo. Podemos conjecturar que neste momento surja uma questão para o menino: se ele também é castrado, como ele foi capaz de enfrentar a castração? Poderá ele me transmitir isso?

No filme *Boyhood* (2014), temos uma cena que revela o que nos parece estar em jogo nessa terceira fase. O enredo do filme é muito simples, não há malabarismos, é a história *da Infância à Juventude* de um menino chamado Manson, filho de pais divorciados. Destacamos a cena do acampamento. Aos seus 10 anos o pai convida o filho para acampar no final de semana em que tem o direito de ficar com ele. Este pai, que possui um estilo de vida desajustado, um carro caindo aos pedaços, é um músico fracassado, não possui um emprego fixo, aparentemente sem nada a oferecer, chama o filho para acampar, espontaneamente, sem pretensões, ou compensações, só vontade de acampar, os dois, sem a irmã, sem a mãe.

Enquanto estão num bosque desbravando a mata, parece que algo naquela ocasião convida o filho a fazer uma pergunta ao pai. Pergunta se a moça que haviam encontrado juntos no boliche recentemente, por acaso, era sua namorada. O pai, aparentemente receoso em responder, afirma que sim. Ali inicia um belíssimo diálogo entre pai e filho. O filho continua, pergunta se ele já a beijou. O pai, novamente, diz apenas “sim”, e continuam a cortar os galhos. Percebemos – sem saber explicar muito bem o porquê – que as respostas silábicas do pai não revelam aquele medo do pai-santo que esconde a sexualidade do filho, ou do pai-severo, único que tem direito a falar sobre aqueles assuntos, mas o fato de que aquele namoro, questionado pelo filho, havia terminado. E, apesar do fracasso daquele namoro, o que o pai responde é “sim”.

Esse “sim” mentiroso é afirmação da verdade do desejo, aquela mulher foi sim sua namorada, namorada essa que até hoje fazia palpitar seu coração (no decorrer do filme eles ficam juntos). O filho, então para de perguntar. Faz-se um silêncio. É então o pai que pergunta ao filho se ele também tinha uma namorada. O filho, como o pai, diz “sim”. O pai, sem saber o que perguntar, faz uma pergunta aberta, se eles já haviam feito alguma coisa. O filho novamente responde “sim” e acrescenta que haviam conversado ao telefone. O pai, interessado, pergunta como foi, e o filho responde um seco “terrível”. O pai espera, e o filho acrescenta que essa menina não gostava dos mesmos desenhos que ele, dos mesmos jogos, não tinham assunto. Indicando o tom narcísico presente na escolha amorosa do menino.

Mas é interessante a postura do pai nesse momento. Ele pergunta curioso sobre o que a menina gostava, na tentativa (inconsciente?) de ir além do narcisismo do filho. Em seguida pergunta se ela era bonita. Nesse último “sim” do filho, o pai se permite finalmente articular uma frase mais longa, um conselho, mas sem tom de conselho, uma verdade que parece escapar

de si: “Eis o que precisa fazer. Primeiro, tem que fazer muitas perguntas. E escutar bem as respostas. Interessar-se por quem ela é. Se puder fazer isso, estará bem na frente dos outros”. O que tenta transmitir para o filho, em outras palavras, é que ele escute sem saber, que não limite a menina aos seus próprios gostos, que esteja aberto ao novo. E afinal acrescenta, caso consiga, é isso que te tornará alguém.

Essa dimensão do tornar-se é a essência daquilo que a função paterna promete ao filho nessa terceira fase, a de que ele poderá vir a ser alguém, um nome. Da mesma forma que Paul McCartney não nasceu Paul McCartney, Manson poderia vir a tornar-se alguém. Esse conselho é intrigante e encantador, visto que não sabemos se o pai é capaz disso, pelo contrário, sabemos de seu histórico de fracassos em relacionamentos. O pai parece querer transmitir ao filho o que ele mesmo não foi capaz de dar para as mulheres de sua vida.

Diferente do pai-santo que não quer saber disso, do pai severo único que “sabe”, do pai impotente que não sabe, o pai de Manson busca transmitir um saber-fazer adquirido pelos fracassos de sua história. As cenas seguintes são belíssimas, uma espécie de ritual de masculinização. Eles dormem juntos, fazem xixi juntos na fogueira, tomam banho num rio juntos, tiram as camisas juntos e brincam, conversam, compartilham fracassos e possíveis sucessos no amor.

O filme espanta por sua simplicidade, porém sabemos que essa posição em que se coloca o pai de Manson não é fácil para muitos homens. Muitos pais não fariam nem mesmo o convite de saírem sozinhos com o filho, outros não permitiriam de forma alguma determinados assuntos, outros iriam entupir os filhos de conselhos vazios. Contudo, o que o pai aqui considerado faz é oferecer o dom da castração (SEGANFREDO, 2002), um saber-fazer possível para que o filho, ele também tenha acesso a uma mulher um dia. A transmissão deste saber-fazer abre a possibilidade de metaforização na criança (DUNKER, 2006): a criança não quer mais ser o pai, mas ser “como” ele, descobrir por qual artimanha o pai teve acesso a sua mãe, para ele mesmo ter acesso a uma mulher “como a mãe”.

Com essa metaforização do objeto incestuoso, esse objeto perde o poder de opressão imagética, o pai deixa de ser uma imagem opressora e passa a ser uma operação, um tornar-se, adquire uma potência simbólica (DUNKER, 2006). A criança renuncia ao gozo da posição em relação à mãe sustentada pelo lugar de criança-falo, ao gozo em relação ao pai todo-poderoso sustentado pelo lugar de menino-ameaçado submisso a esse pai, e poderá recuperar uma parte dessas formas de gozo em suas futuras escolhas amorosas, nos ideais ou na sublimação

(DUNKER, 2006). O menino sai com títulos de posse do Édipo no bolso, para poder servir-se deles no futuro, a fim de reclamar o direito à virilidade (BETTS, 2014).

Os autores de que nos servimos nessa parte da nossa investigação são unânimes em relação a alguns pontos da função paterna: (i) o pai deve acreditar possuir o falo, em um primeiro momento, mesmo sob a forma de um disfarce; (ii) é preciso que o pai tenha algo a oferecer ao filho, um saber-fazer, não recuse ou denegue essa posição; (iii) é necessário que o pai tenha desejado algo além da mãe, a mulher na mãe, tenha dito sim ao desejo. A frase que define esse último tempo é: *Agora que não sou nada, poderei tornar-me alguém, sob ameaça do impossível.*

Não obstante, devemos considerar dois aspectos: apesar de sair do Édipo com os títulos de posse no bolso, essa função paterna nunca se apresenta sem falhas, há sempre um resto no processo de metaforização/simbolização do desejo; além disso, o menino pode reclamar a posse do falo, e se situar perante os homens, desejar como um homem, tornar-se alguém, mas nada indica que isso irá garantir a sua potência sexual. Concluimos que não é através da transmissão de um saber fazer com a própria castração, da identificação ao pai, da formação do supereu, que se tem acesso à potência sexual. Estas operações talvez assegurem estabilidade da posição sexuada do sujeito, o lugar pelo qual se identifica no jogo dos sexos, mas não garantem o que ocorre no encontro dos corpos. Esta parece ser a posição de Bleichmar em seu famoso texto *Paradoxos da masculinidade*. Nele a autora parte de duas questões fundamentais para nós: “que tipo de identificação deveria realizar o menino antes do sepultamento do Édipo (...) para poder exercer sua potência genital com o objeto de escolha?” (BLEICHMAR, 2009, p. 25); “através de que forma constitui, o filho homem, não só sua identidade de gênero senão sua potência genital[?]” (BLEICHMAR, 2009, p. 26). Para a autora, esta última estaria ligada a uma dimensão de oferta, de possibilidade de ofertar o prazer, a potência (BLEICHMAR, 2009, p. 25). Além disso, demonstra através de relatos clínicos que a potência genital pode ser tomada pelo menino a partir de uma fantasia, um desejo de masculinização.

Somos levados a concluir que os esclarecimentos para a potência sexual e para a impotência sexual devem ser buscados em outro lugar que não aquele da construção da posição sexuada do sujeito, mas em um mais além. O homem mais másculo pode em sua fantasia recorrer a uma posição feminina, masoquista, para atingir a dimensão do gozo. Essa uma posição diferente de gozo encontrada na fantasia pode até mesmo abalar o que ele entende por “ser homem”.

No entanto, antes de nos debruçarmos sobre o papel da fantasia na potência e impotência sexual do homem, iremos apresentar duas vinhetas clínicas que tentam ilustrar as consequências dos três tempos do Édipo no menino, a partir de uma pergunta central: quais são os efeitos produzidos no caminho dos três tempos do Édipo caso a figura paterna se recuse ou negue se apresentar sob suas diferentes faces para o menino? Isso pode trazer consequências sintomáticas para o sujeito?

3.5 Duas saídas ante a falha paterna: o filho santo e o humilhado

Sabemos que não existe um pai ideal, um pai sem falhas. Mas existem modos de um pai se posicionar ante as questões do filho relativas à sexualidade. Existem estilos de pai que podemos localizar superficialmente no cotidiano da clínica: o pai santo, o pai severo, o pai amoroso, o pai que rejeita a paternidade. Cada filho em análise possui a sua queixa em relação ao pai que teve. Haveria um vasto campo a ser explorado dos efeitos produzidos dessas posições sobre a constituição sexual do filho. Se é tarefa da função paterna a possibilidade metaforização e simbolização dos desejos sexuais infantis, de fornecer uma alternativa às posições de criança-falo da mãe e menino-ameaçado pelo pai castrador, essa operação sempre deixará um resto. A seguir poderemos conjecturar duas saídas sintomáticas do sujeito ante essa falha inerente à função paterna, ambos sofrem de impotência. O primeiro se refere a um caso de Freud, o segundo é uma vinheta clínica.

Podemos agora nos dedicar ao exemplo que Freud apresenta na *Psicopatologia da vida cotidiana*, a respeito do seu paciente impotente que tinha uma “mania” que lhe chamava a atenção:

Um homem afetado por uma impotência sexual que lhe ocorre em certas ocasiões, e cujas raízes se estendem à intimidade de suas relações infantis com a mãe, informa ter o costume de assinar escritos e anotações com uma S, a inicial do nome de sua mãe. Não suporta que as cartas que vêm de sua casa entrem em contato, sobre sua mesa de escritório, com outra correspondência *não santa*, e por isso se vê forçado a guardar separadamente as primeiras. (FREUD, 1901/1992g, p. 209, tradução nossa)

Podemos localizar o sintoma desse paciente como uma regressão ao primeiro tempo da constituição sexual, em que permanece criança-falo de uma mãe que não deseja, que permanece santa. Seu sintoma é uma forma de evitar a castração que se mostraria na possibilidade de ver além da mãe, de vê-la como uma mulher que deseja um homem. Este ponto pode indicar uma falha na constelação materna, que não direcionava seu desejo para um homem, como pode indicar uma falha do lado paterno, o pai não fez da mãe sua mulher.

Não temos informações suficientes sobre a história desse sujeito, mas podemos supor que ali, na possível falha do pai na transmissão simbólica, do nome, da possibilidade metafórica de um tornar-se alguém, é onde o sujeito regride a um modo de relação com o outro em que não houve a castração. Designar-se “S” é estancar a possibilidade de ser alguém, a letra isolada não faz frase, não possui sentido, não entra na rede simbólica, é resto que o faz remanescer identificado ao desejo da mãe.

Essa posição se cristalizou e, através de algumas fantasias, incide sobre seu sintoma obsessivo e possivelmente em sua impotência sexual. A hora do sexo é a hora em que o paciente se depara com o desejo de ambos os lados, o da parceira e o seu. O desejo, ao não encontrar maneira de circular na relação, se vê inibido. Mas cabe ainda supormos que esse encobrimento da castração materna pode ser uma forma de servir ao pai, protegê-lo do enigma da mulher, no ponto em que foi incapaz de transmitir sua potência, isto é, as peripécias que o fizeram ir ao encontro de uma mulher. Para Gobatto, essa fantasia pode ser uma tentativa de recobrir a falha paterna: “‘A mãe sem pecado’ é também uma maneira de subtrair o enigma da mulher do pai. (...) a feminilidade, a mulher como enigma não existe, só há mãe, o que é uma forma de ser amado pelo pai (...)” (2006, p. 35). Em seu sintoma ele não apenas se conserva santo em seu desejo, mas goza na posição de ser amado pelo Pai. Da mesma maneira que fomos capazes de fazer inferências da estrutura da impotência sexual do paciente de Freud a partir de conjecturas sobre seu sintoma obsessivo, tentemos avançar em duas lembranças infantis a partir de uma vinheta clínica.

Um analisando com queixa de impotência sexual, em determinado momento da análise, se recordou de dois fragmentos de seu processo de investigação infantil. Ainda menino, sempre que seus pais saíam para trabalhar, entrava no quarto deles “como um detetive” e escalava cada prateleira do armário, em busca de alguma coisa escondida. Na parte de sua mãe não encontrava nada, mas acabou encontrando uma VHS pornô no armário do pai. Nele os genitais dos homens e mulheres eram cobertos por estrelinhas. Sentia-se fazendo alguma coisa errada, mas gostava da sensação. Lembrou-se de que naquela época já tinha visto o pênis do pai durante o banho, muito maior que o seu. Mas o que lhe chamava atenção agora era o fato de ele estar escondido naquela capa da VHS. Ele, até aquele momento (7 anos), sabia mais ou menos o que era masturbação, e se perguntava se o pai se masturbava vendo aquilo. Lembra que assistia ao vídeo, mas não se lembra se se excitava. Ele se perguntava se sua mãe sabia que seu pai escondia aquilo.

Em seguida, recordou outro fragmento. O pai guardava dentro da gaveta um “objeto esquisito”, achava que era para fumar, visto que o pai fumava muito. Fumava durante a madrugada, logo após fazer sexo com sua mãe. Mas, ao perguntar para o pai, descobriu que aquilo era um instrumento de sopro e que não funcionava. O pai um dia tentou ensiná-lo a tocar aquele instrumento, mas faltava uma parte, ou o pai não sabia tocar. Lembra-se de pegar aquele instrumento várias vezes, tentando aprender a tocar, com o bico da boca mais fininho, mas era inútil, seu pai nunca comprou a parte que faltava. Aquilo parecia valioso para o pai, devia ser presente de um amigo. Nesse momento recordou que sentia um ódio pelo pai por ele nunca ter ensinado aquilo.

O que é possível fazer notar a partir dessas duas lembranças infantis? A primeira dessas lembranças, podemos situá-la no segundo tempo da constituição sexual, o menino busca o falo no pai, seu “segredo”, direciona a ele um particular interesse. Parece estar envolto por três questões: “O que meu pai tem que eu desconheço?”, “para que serve o pênis? ou “o que é masturbação?”, “meu pai compartilha seus segredos com minha mãe?”. Na visão do menino, ele possui dúvidas se o pai é capaz de se dirigir ao objeto materno, dirigir seu gozo masturbatório para outra mulher.

Na segunda lembrança, o que se mostra é uma tentativa do sujeito de compartilhar uma transmissão com o pai, as questões ganham um contorno fundamentalmente simbólico: “para que serve este instrumento?”, “como eu aprendo a usar isso?”, “Qual o valor isso possui para o meu pai?”, “ele é capaz de me ensinar?”. A primeira questão inicialmente é respondida pela criança de forma curiosa, acredita que tal objeto é o mesmo que aquele pelo qual o pai se satisfaz de madrugada (o cigarro), depois de transar com sua mãe. O objeto aparece assim destacado da relação sexual, como um gozo solitário do pai, complementar à atividade sexual. Mas o esclarecimento paterno de que aquilo não era feito para fumar, mas para tocar, atíça ainda mais a curiosidade da criança, operando uma divisão: esse objeto que meu pai guarda serve não apenas para o gozo solitário dele, mas para algo além disso (a sublimação da música?). Contudo, algo parece falhar justamente no momento em que a criança se mostra interessada nesse além. A associação seguinte do paciente é capaz de revelar a verdade em jogo.

Para ele, era como se houvesse pedido para o pai: “me ensina a tocar?”, e escutado: “deixa que eu toco sozinho”, como na brincadeira travessa das crianças que estendem a mão para o colega, dizendo: “toca aqui!”, e em seguida se esquivam, dizendo: “deixa que eu toco sozinho”, fazendo um movimento de tocar as cordas de um violão imaginário. Claramente nesta associação se insere uma fantasia por parte do paciente. Ali onde o pai fracassou na transmissão

de sua castração, isto é, no direcionamento de seu desejo por uma mulher, o filho insere a fantasia de um pai gozador, que promete a transmissão, e logo ri de sua cara de forma sádica, humilha-o. Não por acaso sua impotência sexual em seu atual relacionamento se apresenta conectada a uma série de pensamentos e devaneios em torno da parceira, nos quais ela aparece como uma figura ameaçadora, violenta e zombeteira. No próximo capítulo articularemos essa conexão entre fantasia e sintoma, a partir da hipótese da atitude masoquista na etiologia da impotência.

4 FANTASIA E MAIS ALÉM

Vimos que a fantasia se fez sempre presente em todas as discussões etiológicas de Freud sobre a impotência sexual masculina, embora não tenha sido destacada pelo próprio autor. Abordamos a fantasia: (i) como uma atividade do pensamento – em ação na masturbação, na relação sexual, nos sonhos diurnos – despertada no sujeito em momentos de frustração; (ii) como uma função, a de acolher a libido que não teve escoamento na realidade, confluir as correntes ternas e sensuais da sexualidade e preservar os objetos perdidos e as metas sexuais infantis; (iii) como roteiro, utilizado pelo sujeito na escolha amorosa, nas repetições, nos sintomas. Abordamos ainda algumas de suas características: a monotonia, a repetição, a exigência de um alto gasto de energia para ser reprimida.

No caso da impotência sexual masculina, a fantasia primeiramente apareceu cumprindo uma dupla função: (i) recolher a corrente sensual e investir nos pontos de fixação; (ii) afastar a ternura dos objetos sexuais. Indicando que, na hora do sexo, o amor não basta, o sujeito precisa recorrer a uma dimensão diferente para atingir sua potência, logra isso através da depreciação amorosa, a infiltração de uma agressividade de estilo perversa que reposiciona o objeto sexual. Em seguida, apresentamos outra dimensão da fantasia: aquela de dar contorno a um resto não simbolizado pela metaforização paterna, de onde o sujeito extrai a dimensão repetitiva e insistente do sintoma.

Daremos continuidade à exploração deste resto da operação de paterna, ao consideramos neste capítulo a última teoria da causa da impotência sexual masculina proposta por Freud: a hipótese da atitude masoquista. Buscaremos situar a importância da fantasia na formação dos sintomas neuróticos. Em seguida, ao considerar o dualismo das pulsões de vida e de morte, leremos o masoquismo originário como esse resto que incide sobre a impotência sexual, nutrindo seu caráter repetitivo, impossibilitando à pulsão agressiva se exteriorizar, regredindo o homem a um modo de satisfação infantil e obscuro. Veremos que a potência sexual não retira sua força apenas do campo da fantasia, mas é a exteriorização da pulsão agressiva. A impotência, por sua vez, pode ser consequência de uma não exteriorização dessa pulsão, de uma volta da pulsão agressiva sobre o sujeito, um gozo por fim masoquista. Em seguida discutiremos três fantasias frequentes na análise de pacientes impotentes, bem como o que pode estar em jogo em cada uma. Por fim, concluímos com uma análise do filme *O discurso do rei*, propondo um encaminhamento clínico da impotência sexual masculina.

4.1 O papel da fantasia na formação do sintoma da impotência

Elegemos a Conferência 23, *Os caminhos sobre a formação dos sintomas* (1917/1991d[]), como um texto estratégico para nossa discussão final sobre a impotência sexual masculina, tanto por sua importância no que tange à etiologia dos sintomas neuróticos quanto pelo esclarecimento em relação à importância da fantasia na formação de tais sintomas. Nesta conferência encontramos de forma condensada as principais teorias de Freud a respeito da formação de um sintoma. Que os sintomas surjam de um conflito psíquico, isso já se fazia presente desde os *Estudos sobre a Histeria* (1895/1990), mas que esse conflito conflui na formação de uma nova maneira de satisfação da libido é o que se sobressai neste momento. A libido insatisfeita, que não pode ser direcionada para a realidade, busca novos caminhos:

Se apesar da libido estar disposta a aceitar outro objeto no lugar do recusado (frustrado) a realidade permanecer inexorável, aquela se verá finalmente necessitada em empreender o caminho da regressão e aspirar a satisfazer-se dentro de organizações já superadas ou por meio de uns objetos que resignou antes. No caminho da regressão, a libido é armazenada pela fixação que ela deixou por trás de si nos lugares do desenvolvimento. (FREUD, 1917/1991d, p. 327, tradução nossa)

A frustração é a principal operação que conduz a libido por um caminho regressivo, na tentativa de se satisfazer por meio de fixações. Na neurose, o Eu não estaria de acordo com essa forma antiga encontrada de satisfação, e surgiria assim um conflito. Logo, com essa frustração tanto externa quanto interna, a libido seguiria regressivamente as fixações marcadas na história do sujeito, lembrando-se de “tempos melhores”, investindo nas representações inconscientes desse passado, obtendo uma forma de descarga (servindo ao princípio de prazer). Essas representações da libido no inconsciente estarão sujeitas aos mecanismos que regem o inconsciente (o deslocamento e a condensação). O sujeito consegue uma satisfação, ao preço da formação de um sintoma, e não a reconhece mais como satisfação.

Essas regressões são retornos a estágios de desenvolvimento anteriores ao da escolha de objeto e da posição sexuada do sujeito. Ele retorna a um ponto do passado em que a libido não carecia de satisfação. Busca em sua biografia por um momento em que a libido era satisfeita, mesmo que tenha que vasculhar tempos imemoriais:

Busca então ao largo de toda sua biografia até encontrar uma época assim, ainda que para isso tenha que retroceder ao período de lactância, tal como o recorda ou tal como imagina em virtude de suas incitações mais tardias. O sintoma repete de algum modo aquela modalidade de satisfação de sua temprana infância, desfigurada pela censura que nasce do conflito, por regra geral voltada a uma sensação de sofrimento e misturada com elementos que provêm da ocasião que o levou a contrair a doença. (FREUD, 1917/1991d, p. 333, tradução nossa)

Entretanto, aquele momento que antes lhe trazia satisfação conscientemente agora lhe gera resistência. Pois entre o passado e o presente houve um evento de efeito traumático: a castração. A antiga modalidade de satisfação possui certas características: desconsidera-se o objeto, é autoerótica, abandona o vínculo com a realidade. Além dessas, ao invés de gerar uma modificação da realidade exterior, faz uma modificação corporal, interior; ao invés de uma ação que o levaria à descarga, se adapta; e, assim como no sonho, o sintoma se apresenta como realizada uma satisfação (de forma deslocada e condensada).

Contudo, o ponto de virada deste texto corresponde ao salto operado por Freud ao constatar que as vivências traumáticas e sexuais primárias, relatadas por seus pacientes, nem sempre se revelavam factuais. Ao contrário, na maioria dos casos, apresentam verdadeiras contradições com a história de vida do paciente. Essas cenas se revelavam então invenções, fantasias. O psicanalista, ao fazer avançar o trabalho analítico, ao indicar ao analisando que não importa se tais memórias são reais ou não, esbarra em um núcleo de difícil articulação. É que os pacientes resistem em avançar sobre suas fantasias, como Miller aponta em seu texto (2007). Como se não dessem importância ao conteúdo de tais elucubrações, ou sentissem vergonha por um segredo que guardam a sete chaves.

Apesar de vivenciarem como o mais íntimo de suas singularidades (MILLER, 2007), algumas dessas fantasias possuem uma recorrência comum na clínica: a fantasia de ter observado os pais durante o ato sexual (violento, *coito a tergo*); a fantasia de ter sido seduzido por um adulto e a fantasia de ter sofrido ameaças de castração. Claro que tais acontecimentos podem ter ocorrido de fato, mas pela frequência, riqueza de detalhes e evidências históricas, Freud se convence de que tais memórias são construções (mais ou menos baseadas em fatos reais).

Cabe sublinharmos, como fizemos em estudo anterior (HENDERSON, CHATELARD & MAESSO, no prelo), que em tais fantasias há normalmente a presença de um núcleo comum, “um adulto submete um outro como seu objeto”. Essa consideração é de extrema relevância para pensarmos o núcleo perverso de tom masoquista e sádico que se encontra em toda fantasia. Em Freud, essas vivências: “[...] quando se encontram na realidade, ótimo [no sentido de constatado!]; mas quando a realidade não as fornece, são produzidas a partir de sugestões e complementadas pela fantasia” (FREUD, 1909[1908]/1993, p. 492, tradução nossa).

Se Freud entendia que os motivos e o material de tais fantasias podem ser encontrados nas vivências sexuais infantis, o caráter universal e comum das fantasias buscará em outro lugar. Para ele, as *fantasias primordiais*, que citamos anteriormente, são heranças filogenéticas de

nossos povos antepassados, que hipoteticamente vivenciavam tais situações de forma comum (observavam os parentes transando, eram seduzidos e ameaçados de castração). Apesar da tendência evolucionista de tal observação, constatamos que é possível que haja uma estrutura transindividual da fantasia, isto é, que perpassa não somente a história individual, mas se constitui como arcabouço universal dos seres que falam, uma estrutura.

Os motivos e a significação da fantasia estão ligados ao fato de o ser humano ter dificuldade de abandonar suas antigas metas e objetos de satisfação, sendo necessária a criação de uma atividade psíquica regida pelo princípio de prazer, livre da prova de realidade. Entendemos dessa forma a importância da fantasia na formação dos sintomas: após a frustração do sujeito, a libido só encontra os pontos de fixação libidinal através da fantasia, pois nela tais objetos e metas primordiais se conservam. O investimento libidinal, agora direcionado às fantasias, obriga o Eu a reprimi-las, que, se antes eram mais ou menos conscientes, agora se tornam inconscientes. E a libido buscará as origens de tais fantasias no inconsciente.

O recuo da libido à fantasia é um estágio intermediário no caminho para a formação do sintoma, momento em que podemos observar inibições, evitamentos, que ainda não se constituem como sintomas propriamente ditos. Após esse recuo, as fantasias em ação serão reprimidas pelo Eu, dando origem a uma formação de compromisso, como se dissesse: você pode se satisfazer com suas antigas perversões, mas ao preço de sentir essa satisfação como estranha e restringi-la ao campo da fantasia.

Se a universalidade da causação da neurose será buscada por Freud na dinâmica da fantasia que estrutura os sintomas, a singularidade de cada sujeito em seu sintoma será dada pelos pontos de fixação de sua história individual. Visto que cada um a partir de seus processos econômicos de libidinização, narcisização, constituirá um modo próprio de satisfação e terá seus modelos de fixação. Dessa forma, se todos possuem as mesmas condições dinâmicas para estruturar um sintoma, é a medida de fixação, constituirá as diferenças entre cada sujeito.

Um passo decisivo na exploração da causação dos sintomas neuróticos será dado a partir da virada de 1920, em *Além do princípio do prazer*. Não apenas a frustração será tomada como aquilo que pode direcionar libido às fixações da fantasia, mas que esse movimento regressivo pode ser fruto de uma tendência presente no interior da própria pulsão. Os “tempos melhores” para os quais se dirige a libido revelarão uma face que não obedece ao princípio do prazer, e a fantasia e o sintoma serão formas de responder a isso.

4.2 Núcleo da impotência masculina: a pulsão agressiva e o masoquismo originário

No capítulo anterior havíamos pontuado que, para Freud, a origem da inibição pode ser buscada na fantasia de ameaça de castração. Ficamos de considerar que ela também poderia estar ligada ao “enlace da função [sexual] a condições particulares de natureza perversa ou fetichista” (FREUD, 1926[1925]1991k, p. 84). Em 1919, no artigo *Bate-se numa criança*, Freud forneceu uma hipótese etiológica da impotência sexual masculina vinculada à perversão, a qual denominamos *hipótese da atitude masoquista*. Citemos o autor:

O onanista masoquista se encontra absolutamente impotente quando ao fim, ensaia o coito com a mulher, e quem até certo momento realizou o coito com ajuda de uma representação ou encenificação masoquistas pode descobrir logo que essa aliança cômoda falha, *pois o genital já não reage à estimulação masoquista*. Costumamos prometer, confiantes, um pleno restabelecimento aos impotentes psíquicos que nos demandam tratamento; mas também nesse prognóstico devemos ser reservados enquanto desconheçamos a dinâmica da perturbação. A análise nos depara uma desagradável surpresa quando revela como *causa da impotência “meramente psíquica” uma atitude masoquista extremada*, acaso de larga tenacidade (1919/1991f, p. 193, tradução nossa, grifo nosso)

Há uma sutileza presente nesse trecho, Freud afirma que o sujeito que se masturba se apoiando em fantasias masoquistas, na realização do coito com uma mulher, mesmo que se utilize, durante o ato sexual, dessa fantasia, pode acabar perdendo a ereção. Isso nos leva a pensar que, para que haja potência sexual, não basta simplesmente a operação da fantasia. Não por acaso ao final do trecho ele se refere à “atitude masoquista”, e não aos termos encenificação, representação ou fantasia. Em uma nova tradução brasileira direto do alemão, ele utilizou o termo “posição masoquista” (FREUD, 1916/2016, p. 145). É significativo o quanto essa consideração anuncia um problema relativo à pulsão de morte e ao masoquismo que o autor só irá se debruçar em *Mais além do princípio do prazer* (1920), e em *O problema econômico do masoquismo* (1924/1991h).

Em *Mais além do princípio do prazer* (1920/1991) postula a existência de uma compulsão à repetição que não obedece ao mecanismo regular de homeostase do indivíduo (o evitamento do desprazer). Ele considera uma série de fatos clínicos para chegar a essa conclusão: a fixação no trauma, na neurose traumática; a brincadeira repetitiva de uma experiência dolorosa, por parte da criança; a repetição de experiências que só poderiam causar dor, na transferência. Em todos os exemplos se faz notar que há uma compulsão à repetição que não obedece ao princípio do prazer. Essa compulsão será derivada de um impulso primitivo que tende à destruição, ao restabelecimento anterior, ao inanimado: a pulsão de morte. As pulsões

sexuais ou de vida tentariam criar ligações, barreiras ou dificultar o caminho desta tendência interior de desligamento. Até mesmo o amor ganhará uma explicação a partir da pulsão de morte: no fundo o amor é ódio. É a pulsão autodestrutiva originária do organismo, que, através das pulsões sexuais e de vida, são direcionadas ao mundo exterior enlaçadas pela da função sexual.

Com isso conseguimos compreender a afirmação de Freud: “[...] um forte suplemento de agressão sexual faz do amante um assassino estuprador; um intenso rebaixamento do fator agressivo faz dele um tímido ou impotente” (FREUD, 1940/1991m, p. 147). Caso o sujeito não seja capaz de exteriorizar sua pulsão agressiva diante do objeto sexual, essa pulsão poderá voltar-se contra si e se apresentar sob a forma de fantasias e sintomas. Mas o que pode vir a rebaixar essa dose de agressividade no homem?

Em 1924, Freud reitera o vínculo entre masoquismo e impotência sexual, “desta classe de masoquismo no homem [...] nos dão suficiente notícia as fantasias de pessoas masoquistas (*e frequentemente impotentes*), que desembocam no ato masturbatório ou figuram por si só a satisfação sexual” (FREUD, 1924/1991h, p. 167, grifo nosso).

Sabemos que existem homens que só conseguem dar vazão a sua potência sexual a partir de fantasias masoquistas, e que, caso essa cena seja impossibilitada, sua potência cessa. Parece incoerente que a dor possa ser tomada como um anseio sexual pelo homem. Mas essas fantasias estão presentes em perversos e neuróticos. Enquanto na perversão são atuadas na realidade, os neuróticos tendem a restringi-las ao campo virtual. Elas podem servir ao ato masturbatório, serem utilizadas para produzir a potência sexual, para dar início ao ato sexual, ou podem ser executadas como um fim em si mesmas. Ser amordaçado, acorrentado, espancado, maltratado, humilhado, tais representações, para Freud, cumprem o desejo de ser tratado como uma criança mal comportada.

Na escuta de tais pacientes, Freud percebe que existem ainda características tidas como femininas em jogo, como a ideia de ser castrado, possuído sexualmente, de dar à luz. Essas ideias que compõem a fantasia levam Freud à intelecção de que há um masoquismo do tipo feminino, derivado do masoquismo erógeno. Mas como a dor pode ser sentida como algo prazeroso?

Freud (1924/1991h) busca responder a isso através de sua recente teoria pulsional. As pulsões sexuais tentam tornar inofensivas as pulsões de morte, para isso direcionam uma parte dela para as vias motoras, possibilitando que a destruição seja destinada para fora, e outra para a função sexual, dando origem ao sadismo; a pulsão agressiva do sujeito direcionada agora ao

objeto, mas com fins sexuais e excitatórios. Contudo, segundo o autor, uma parte dessa pulsão de destruição ou de morte não consegue ser domada, permanece no interior do organismo, como um resto, ligada libidinalmente. A essa última Freud denomina masoquismo erógeno originário. Neste masoquismo erógeno a pulsão destrutiva é direcionada ao próprio ser tomado como um objeto. Quando a pulsão que havia sido direcionada para fora retorna sobre o eu, esse processo é denominado masoquismo secundário.

O último tipo descrito é o masoquismo moral, pensado através da necessidade que algumas pessoas possuem de punição. A explicação se extrai da ideia de que o Supereu surgiu da incorporação dos objetos parentais e esconde o desejo de ser surrado por eles, a ligação passiva desejada. Com isso, a moral é sexualizada, regride ao Complexo de Édipo. O masoquismo moral corresponde também àquela parte da pulsão de morte que não foi domada pelas pulsões sexuais, e lançada para fora de si, mas permanece no interior do sujeito, nutrindo um efeito nocivo e erótico ao mesmo tempo: a autodestruição da pessoa também pode se tornar uma satisfação libidinal.

A atitude masoquista, ou a posição masoquista, ou o masoquismo originário parecem ser nomes que tentam se referir a uma maneira do sujeito de se satisfazer que não seja regida pelo princípio do prazer, não se esgote na fantasia, no amor ou no sexo. Uma satisfação paradoxal, mistura de prazer e desprazer, à qual podemos chamar, com o auxílio dos colegas lacanianos, de gozo. A impotência sexual masculina, quando enraizada nesta posição de gozo, fica impossibilitada de dirigir seu caráter destrutivo para a via motora ou sexual. Como se a única forma de satisfação que acabasse se cristalizando fosse através de algum dos tipos de masoquismo proposto por Freud (1924/1991h): o erógeno, através de práticas perversas ou fantasias masturbatórias; o feminino, na fantasia de passivação ou homossexual, e principalmente o moral, nas autoacusações, na necessidade de punição, na autodestruição que se torna uma realização libidinal.

Em “O Tabu da virgindade” (1918[1917]/1992), Freud observa que a servidão sexual masculina, que poderíamos tomar como uma atitude masoquista, é algo incomum, mas que pode ocorrer numa situação específica: quando o homem encontra uma mulher que o faz superar sua impotência sexual. O autor observa que o homem pode, neste caso, passar a vida ligado a essa mulher. Contudo, ao contrário do que parece vislumbrar Freud, não nos parece que sua devoção é consequência de sua impotência superada, mas o inverso, sua impotência foi “superada” por encontrar uma mulher que lhe permita usufruir dessa posição de gozo.

4.3 Três fantasias possíveis no sintoma da impotência

A partir da escuta clínica, psicanalistas (GRASSI, 2002; BLEICHMAR, 2009; NASIO, 2007) têm ratificado a afirmação freudiana de que é comum a presença de fantasias perversas como núcleo do sintoma da impotência sexual masculina. Elas podem aparecer como pensamentos que invadem o sujeito após o fracasso do ato, como fantasias homossexuais de perda da virilidade, durante o ato masturbatório, ou em outras práticas perversas alternativas como o exibicionismo e voyeurismo. A seguir apresentaremos três dessas fantasias.

A fantasia de espancamento – O texto em que Freud apresenta a hipótese da atitude masoquista, *Bate-se numa criança* (1919/1991f), analisa a *fantasia de espancamento* de alguns pacientes homens e mulheres histéricos, que se apresenta de forma indeterminada como um “bate-se numa criança”. Sua tentativa nesse texto é a de analisar o sentido dessa fantasia a partir do Complexo de Édipo e dos processos repressivos e regressivos presentes no inconsciente. Sua análise revela três fases no desenvolvimento dessa fantasia: (i) “o pai bate na criança”; (ii) “sou espancado pelo meu pai”; (iii) “bate-se numa criança”.

“O pai bate na criança”, a primeira dessas fases, possui um sentido recalcado edípico sexual, infantil e ao mesmo tempo egoísta: “o pai não ama outra criança, ele só ama a mim”. Nesse período nada indica que tal desejo seja seguido pela excitação dos órgãos genitais, visto que o sujeito não acendeu ainda a uma organização sexual de “sentido genital”. Nela observamos que o amor ao pai havia sido recalcado. Esse recalque é consequência do sepultamento do Complexo de Édipo, a partir do complexo de castração, esses desejos edípicos devem sofrer repressão, dando origem à consciência de culpa (supereu). Essa consciência de culpa irá modificar a expressão dessa primeira fase da fantasia, irá operar uma inversão. Faz-se presente uma espécie de satisfação sádica, mas na próxima fase tal satisfação será do tipo masoquista.

Em “Sou espancado pelo meu pai”, segunda fase, vemos que a consciência de culpa operou uma inversão, transformando a última expressão da fantasia em “ele não te ama, visto que bate em você”. Nela sucumbe por repressão o amor ao pai, já que ele é capaz de bater no filho amado. Nessa fase o sujeito já começa a desfrutar de certos prazeres na zona genital e a compreender o sentido que tal zona pode alcançar, a ereção, a ejaculação e o coito. A repressão do amor ao pai, que agora começa a ter “sentido genital”, ganha um reforço do mecanismo da regressão. Vejamos com mais detalhes:

Quando a repressão afeta a organização genital recém-alcançada, não é a única consequência disso que toda a substituição psíquica do amor incestuoso devesse ou permaneça inconsciente, mas ainda se acrescenta outra: a organização genital mesma

experimenta *um rebaixamento regressivo*. “O pai me ama” se entendia no sentido genital; por meio da regressão se transforma em “o pai me bate (sou espancado pelo pai)”. Este ser-espancado é agora conjunção de uma consciência de culpa e erotismo; não é só o castigo pela referência genital proibida, senão também um substituto regressivo, e a partir desta última fonte, recebe a excitação libidinosa que desde esse momento se aderirá e achará descarga em atos masturbatórios. Agora sim, essa é a essência do masoquismo. (FREUD, 1919/1991f, p. 186, tradução nossa, grifo nosso)

Ora, a representação “o pai me bate” adquire não apenas um caráter proibitivo (como vimos no capítulo anterior), mas um caráter regressivo, que, ao regredir à fase anterior, sádico-anal, retira dali seu caráter sexual infantil e excitatório, e a própria organização genital sofre uma regressão. A satisfação sádico-anal transforma-se em uma satisfação masoquista. Mecanismo curioso, a própria castração, que implicaria um abandono dos objetos incestuosos e uma abertura para a promessa de satisfação futura, ela mesmo parece se tornar uma forma de gozo.

É possível que o sujeito seja consciente de tal fantasia, indicando que por vezes apenas o caráter regressivo é suficiente para afastar o desejo incestuoso, o caráter doloroso substituindo o intenso amor ao pai, agora recalcado. Esse tempo, segundo Freud, não pode ser rememorado durante a análise, mas deve sofrer um processo de construção por parte do analisando e do analista.

A terceira e última fase, resumida na frase indeterminada “bate-se numa criança”, evidencia o caráter repressivo pelo qual a fantasia consegue se mostrar consciente, na medida em que é pura indeterminação, o sujeito que fantasia segue aparecendo, mas como espectador, fora da cena, e o pai se conserva num substituto adulto, de autoridade, professor, o amor se ignora, transforma-se prazer em dor e em sensualidade masturbatória.

Neste cenário é possível indicar que, se o sintoma da impotência sexual masculina se mostrar ligado a uma fantasia de espancamento, ele pode estar remetido não apenas à ameaça de castração (incidência da proibição), mas a uma satisfação regressiva de natureza masoquista. E o que o sujeito busca com essa fantasia? O caso exposto por Freud parece indicar que o sujeito busca se esquivar do amor ao pai, e que para isso constrói uma cena nuclear em que se oferece como objeto a ser usufruído por ele. Por último, cabe destacarmos que esse núcleo da fantasia de espancamento possui um difícil acesso, que não se dá pela via interpretativa, mas por um procedimento a que Freud dará o nome de construção (FREUD, 1937/1991).

As fantasias de passivação – Além da fantasia de espancamento apresentada, Bleichmar (2009) analisa outra fantasia presente entre pacientes que sofrem de impotência sexual: *a fantasia de incorporação do pênis paterno*. A autora investiga não o problema da impotência, mas o da potência genital, a partir da questão: se a ereção não é um procedimento

puramente orgânico, de onde o sujeito retira a função da potência genital? Segundo ela: “é necessário, neste caso, e aqui radica a questão fundamental que estamos em vias de introduzir, que o pênis se invista de potência genital, a qual se recebe de outro homem” (BLEICHMAR, 2006, p. 29). Nessa fantasia o sujeito busca receber, através de um fantasma de incorporação do pênis de um adulto, normalmente o pai, a potência que confirma a masculinidade e possibilita o seu exercício. Fantasma que instaura no homem um paradoxo fundamental visto que sua virilidade se faz ao preço da incorporação do pênis paterno, de uma angústia homossexual. Notamos que a posição de Bleichmar se contrapõe a nossa leitura da obra de Freud, pois propõe que a potência sexual é derivada de uma posição feminina diante do Pai, isto é, de uma posição masoquista. Enquanto para Freud é a pulsão sádica, agressiva, que se faz presente no ato sexual, e que sem ela o homem se faz um tímido. Contudo, apresentamos dois exemplos na tentativa de contrapor a autora, em ambos os casos a fantasia de passivização parecem indicar um gozo de uma posição feminina, e não um desejo de masculinização.

Grassi (2002) apresenta o caso de um homem que sofria de impotência e que possuía uma fantasia de passivização constante: “É assim como se algo quisesse me sufocar, alguém, eu tenho a impressão de que vai querer me matar, daí eu não consigo me mexer, fazer nada. Eu quero me desvencilhar, mas não consigo, fico como que paralisado [...] sempre vem por trás e me pega desprevenido” (GRASSI, 2002, p. 207). Um fantasma de passivização semelhante se fez presente no relato de um sonho de um paciente que também sofria de impotência: “Entra um cara num elevador, tenho medo dele me violentar, é tarde demais. A imagem se congela paulatinamente e torna-se uma pintura. A pintura era assim: ele está atrás de mim ficando muito vermelho, no centro, no local onde poderia ser meu pênis, havia um vulcão jorrando um arco-íris”. O arco-íris aqui foi associado ao símbolo da cultura *gay*. Em ambos os fantasmas, encontramos um momento de congelamento, um ponto em que o sujeito se sente fixado, paralisado, totalmente à mercê de outro homem que goza de seu corpo na situação. No segundo esse ponto de fixação se apresenta conectado à erupção de um gozo conectado à homossexualidade. Em ambos os casos podemos pensar que a impotência é uma forma de o sujeito recorrer a uma posição passiva de gozo.

Para Bleichmar, a origem desse fantasma homossexual é constitutiva da sexualidade masculina. O menino, no segundo tempo de assunção de sua masculinidade, busca se identificar com o pai portador de um objeto capaz de fazer gozar uma mulher, um gozo que não seja apenas autoerótico e masturbatório, mas que se direcione ao outro. Essa identificação remeterá o sujeito ao mecanismo da introjeção, à incorporação fantasmática do objeto do qual o outro é portador.

Para a autora os fantasmas neuróticos de passivização homossexual representam um desejo de masculinização, uma tentativa de reforçar a potência genital mediante a recepção de um pênis que incrementa ao homem as possibilidades não apenas de gozo, mas de fazer gozar uma mulher. Neste ponto não conseguimos acompanhar mais a autora, visto que tal fantasia contribuiria para fixá-lo em uma posição feminina, que buscaria não fazer gozar uma mulher, mas forjar uma maneira de gozar como uma mulher.

Nasio (2007) parece enxergar essa teoria sobre outro ponto de vista, aparentemente mais convergente com a proposta freudiana. Ilustra que o menino ameaçado pela fantasia de castração e sem objeto a almejar, volta-se subitamente para o pai e se pergunta: “mas por que não mudar de parceiro? Por que não ele? Em vez de saciar meu desejo de possuir uma mulher, pensa, poderia saciá-lo, com o mesmo prazer, deixando-me possuir por um homem forte e viril” (2007, p. 81). O pai ocupa não apenas o lugar de uma figura ameaçadora, rival, admirada, mas pode ser erotizado e suscitar desejo no menino. Como aquele que queremos ter ao nos oferecer a ele: “Com efeito, é muito frequente um menino pequeno reagir à ameaça de castração de um pai excessivamente severo retraindo-se em uma posição feminina e colocando-se no lugar de uma mulher submissa, objeto do desejo paterno” (NASIO, 2007, p.81). Para o autor, a neurose e os sintomas dela decorrentes podem ter origem em fantasias intrusivas de cunho sexual com o genitor do mesmo sexo. Esse retorno do recalcado redesperta a angústia do menino de perder o falo e a virilidade. Enquanto para Bleichmar a fantasia homossexual figura um desejo de masculinização, para Nasio, figura um desejo de feminilização. Porém em ambos notamos que o caminho é o mesmo, um núcleo masoquista: um outro paterno me violenta, e eu de forma passiva sou mero objeto de seu gozo.

A fantasia de regresso ao ventre materno – Por último gostaríamos de analisar uma fantasia presente entre sujeitos impotentes que ficamos de trabalhar neste capítulo, essa fantasia está indicada em *Inibição, Sintoma e Angústia* (FREUD, 1926[1925]/1991k). Ao relatar que no fundo da angústia se afigura o desamparo, a perda do objeto materno, Freud então considera que, na angústia de castração, está em jogo outra perda, a do objeto fálico. Esta segunda perda atualiza a primeira, visto que o menino havia realizado que seu pênis, investido de valor fálico, poderia garantir-lhe o acesso ao objeto de desejo incestuoso. Se a primeira perda insinua um desamparo, a perda das necessidades de satisfação mais básicas, a segunda insinua a perda da possibilidade de satisfação sexual. É neste ponto que assinala:

A fantasia de regresso ao ventre materno é o substituto do coito no impotente (inibido pela ameaça de castração). No sentido de Ferenczi, pode-se dizer que um indivíduo

que no regresso ao ventre materno queria se fazer representado por seu órgão genital, mas substitui agora (na fantasia) regressivamente esse órgão por sua pessoa toda. (FREUD, 1926[1925]/1991k, p. 131)

Isto é, se o sujeito impotente no ato sexual é inibido pela ameaça de castração, pode vir a investir sua libido na fantasia de retorno ao ventre materno. Em Freud isso implicitamente significa um retorno a um momento em que se encontrava no ventre da mãe, protegido das ameaças que agora se anunciam. No entanto, parece haver uma complexidade em jogo. A operação desta fantasia faz com que o sujeito tome seu corpo todo por um falo. A criança-falo, que vimos no capítulo anterior, é aquela primeira identificação do menino ao objeto a que a mãe direciona particular interesse, anterior ao aparecimento do pai e da castração. Tomar a si mesmo como esse objeto de forma a evitar a ausência do outro, a perda de seu amor e a castração, parece ser a operação que se faz presente aqui. É uma maneira do sujeito de oferecer o seu próprio corpo para o outro, a fim de evitar a castração.

Dessa forma podemos concluir que todas as fantasias relatadas apresentam uma tentativa do sujeito de construir uma cena em que há um adulto, o pai, a mãe que se satisfaz dele como um objeto. O sujeito parece se oferecer em sua fantasia como um objeto para esse outro de sua história, fazendo esse outro consistir em seu poder, em sua onipotência, em sua capacidade de desfrutar dos objetos, em amá-lo. Podemos compreender que a atividade da fantasia resignará tais objetos incestuosos, mas não só isso, resignará também essa posição de objeto diante do outro, que garante certa satisfação, que cria uma espécie de ponto de fixação do sujeito.

Essa forma de satisfação paradoxal, posição de gozo, que sustenta a onipotência de um outro é o que constitui o núcleo mais duro de um sintoma. A análise deve ser capaz de, a partir da fantasia, e da gramática que a subjaz, extrair do sujeito esses pontos de fixação, de paralisia, de gozo, de difícil acesso e modificação. Mas através de que meios um analista pode incidir sobre esses pontos de fixação que solidificam o sintoma, nos quais o sujeito sustenta uma satisfação além de sua consciência, e além do próprio princípio do prazer? A pista deixada por Freud em 1937 é a de que devemos ir além da interpretação, mas buscar uma construção, fazer emergir na análise as fantasias, deduzir sua gramática, ao ponto de extrair delas seu núcleo, do qual o sintoma se apodera. A partir disso o sujeito se depara com um avesso de si mesmo, possibilidade de reinvenção.

4.4 Um possível encaminhamento clínico da impotência

Apesar de termos fornecido, neste trabalho, diversas hipóteses etiológicas da impotência sexual masculina, é necessário que o analista, ao escutar um sujeito que sofre de impotência sexual, não restrinja a sua escuta a isso, vendo partir das lentes dos estudos da impotência tudo o que o paciente diz. A escuta, a partir da regra da associação livre, pode revelar, por exemplo, que o paciente não se sente impotente apenas na cama, mas quando se sente na obrigação de cumprir com certas tarefas como discursar perante um público, pois, quando começa a falar, “no meio do caminho eu começo a ter medo de não dar conta e começo a guaguejar”. Com isso, a fim de esclarecermos um possível encaminhamento clínico da impotência sexual masculina, elegemos analisar o filme *O discurso do rei* (2010), de Tom Hooper. Esse filme, apesar de não se referir especificamente àquilo que se passa no leito de um casal, e que angustia o sujeito impotente, pode servir como o operador de uma abertura da escuta da queixa da impotência sexual.

O filme *O discurso do rei* trata da história de Albert Frederick Arthur George, duque de York, filho do rei George V da Inglaterra, que sofria de um problema de gagueira intermitente. Mesmo se submetendo a vários tratamentos médicos e a outros alternativos à época, não obteve sucesso em nenhum deles. A primeira cena do filme nos dá o tom do problema, o personagem está incumbido de realizar uma tarefa: ler um discurso feito pelo rei, seu pai. Tudo parece ir bem, até o ponto em que precisa ler uma palavra específica “sua majestade...o... re... re... o rei”. Sabemos na cena seguinte que o discurso foi um fiasco, ali nervoso não consegue nem mesmo acender o fogo de seu isqueiro, mas sua mulher o ajuda na tarefa. Essa ajuda se estende além do fogo de seu cigarro, pois a duquesa sai em busca de um novo tratamento, e encontra um terapeuta de fala que atendia em um lugar precário, no subsolo de um prédio sem luxos.

Ao encontrá-la, esse senhor se anuncia, sem saber que ela era nobre, e cita Shakespeare: “Pobre e contente é rico suficiente”. Apontando de antemão que para ele riqueza não se media por moedas de ouro, mas pelo bom humor. Chamam a atenção da duquesa certas qualidades do profissional: sua tenacidade, autoridade e confiança. Ao que ele reclama: “Confio em quem quer ser curado”. Uma dimensão transferencial já se anunciava ali. A mulher logo explica que estava ali buscando ajuda para seu marido – omitindo se tratar do nobre Duque de York – que possui problemas com a fala e que necessita se utilizar muito dela em sua atual ocupação. O terapeuta responde, com a simplicidade da ignorância, que talvez fosse aconselhável o “maridão” mudar de emprego. A duquesa, sem poder explicar muita coisa, responde que isso o marido não poderia fazer. Escutando na literalidade do que é dito, o terapeuta a questiona:

“Então é um trabalho compulsório?”, apontando para a dimensão do dever imbricada naquela ocupação desconhecida até então. Esclarecido que o marido é na verdade o famoso duque gago, ele pede que o traga na próxima consulta, ali mesmo em seu consultório mequetrefe e subterrâneo, pois, se ele quiser realmente o tratamento, deverá se implicar nessa árdua tarefa.

Antes da primeira sessão, temos notícias de que esse terapeuta também é um ator, ele aparece em um teste de interpretação de Ricardo III, que em suas palavras é a história de uma criatura deformada que quer ser rei. O teste, apesar da ótima interpretação, é um fracasso, já que os avaliadores queriam um homem mais jovem para o papel. Notamos aqui a presença de algo na ordem do desejo desse terapeuta. Apesar de sua própria “deformação”, da velhice que o coloca em um lugar de dejetos diante dos avaliadores, ele se esforça em alcançar seu sonho, ocupar o lugar de um verdadeiro intérprete.

Na primeira sessão, o duque é chamado para entrar no consultório, e a primeira coisa que nota é o avião pendurado na luminária. Faz-se um silêncio. E o terapeuta pontua em tom de espera, respeito e ironia: “Acredito que normalmente o príncipe escolhe o tema da conversa”. O príncipe, gago, responde em tom sarcástico: “Quem esperar que eu comece uma conversa vai esperar bastante”. Escutando não apenas o enunciado, mas a enunciação, o terapeuta questiona: “Conhece alguma piada?”. O príncipe não consegue levar a sério aquela pergunta, pois está ali para um tratamento, não para ladainhas. A estratégia do terapeuta do filme é lidar com essa resistência rompendo alguns níveis de hierarquia, primeiro pedindo que o chame pelo nome *Lionel*, e não doutor, em seguida perguntado ao príncipe como este quer ser chamado. Ao que responde com um enfático: “Vossa alteza real, Sr.”, mostrando-nos ao mesmo tempo o gosto pela hierarquia e sua identificação ao vazio daquele pronome de tratamento. O terapeuta reitera preferir tratar por nomes ali, e o príncipe insiste em ser chamado por seus nomes e sobrenomes. Decide chamá-lo, surpreendentemente, Betie, nome pelo qual o chamam apenas em família.

Diríamos que a estratégia do terapeuta parece buscar romper com certas regras correntes no discurso entre um nobre e alguém comum, libertando as amarras dos pronomes, para que assim a regra da associação livre se faça presente. Ali se fala também “ladainhas”, besteiras, tudo e toda forma de dizer deve ser possível. As primeiras perguntas que o terapeuta realiza são bons exemplos daquelas utilizadas nas entrevistas preliminares: Qual é sua primeira memória? Quando esse problema começou? Quando fala consigo mesmo gagueja? Esse impedimento ocorre sempre ou em ocasiões especiais? O que você acha que causou isso? Sem avançar muito nas respostas, o terapeuta decide fazer uma aposta, como uma última tática para fisgar o paciente transferencialmente. Aposta uma moeda que consegue fazê-lo ler um texto sem

gaguejar ali naquele momento. Pede para Betie ler uma passagem de Shakespeare: “Ser ou não ser...”, em que gagueja como de costume. Mas, ao submetê-lo a um experimento, em que pedia para ler novamente sob fones de ouvido com música em alto volume, prova ao príncipe que ele é capaz de ler normalmente, ao preço de se distrair, não escutar sua própria voz.

O Rei, pai de Betie, nos é apresentado em sua face ameaçadora e nada simpática. Na cena em que o conhecemos, após um discurso apresentado magistralmente para uma rádio, fala em voz alta, na frente dos filhos que estavam ali: “isso é fácil quando se sabe”, referindo-se ao discursar. “Encare!”, “mostre quem manda!”, “vai!” denotam o tom imperativo que ele utiliza com o filho, enquanto este gagueja a sua frente, ao tentar discursar para o pai. Ao mesmo tempo, demonstra um lado carinhoso ao se referir ao filho como “menino”, apesar do caráter diminutivo. Marcam-se ali as posições diante do pai: há aquele que sabe-fazer, discursar, ser rei, e há aqueles que falham. Enquanto ele, Betie, conserva os ideais paternos, a tradição, a moral, o irmão, sucessor do trono, tenta se afastar de tais ideais se refugiando em uma posição servil diante de uma mulher não nobre por quem está apaixonado. “Pai” e “Rei” são as palavras que fazem o príncipe mais titubear em seu discurso. Além disso, o pai possuía também um lado opressivo, sabemos que o filho, por ameaça desse pai, foi obrigado a inverter seu lado canhoto para destro, em nome de “ser correto”. Aparentemente, para “ser correto” paga-se um preço: submeter-se. Não por acaso diz ao pai nesta cena que eles não tinham uma família, mas uma firma, havia o chefe que falava e os empregados que escutavam.

O terapeuta acaba investigando o histórico de “correções” pelas quais o menino-Betie passou. Ele se recorda que teve de usar uma tala na perna, por caminhar desengonçado. Recupera em seguida dois traumas sofridos, um durante a infância e outro no início da puberdade. Diz que as pessoas das quais era mais próximo na infância eram as babás, exceto uma, que amava apenas o irmão mais velho, e não ele. Ela, na verdade, o maltratava e, quando o levava para os pais, para ele não contar, o beliscava, e com o choro desencadeado os pais deixavam-no ainda mais tempo com ela. Ela não o alimentava e demorou três anos para os pais notarem os maus-tratos. Além disso, havia outro trauma presente pelo fato de Betie, durante a puberdade, ter perdido o irmão mais novo, definido como “meigo”, “diferente”, que sofria de epilepsia e que morreu escondido da vista de todos. Ambos os traumas apontam para a dimensão do desamparo sofrido pelos filhos.

Em uma intervenção o terapeuta pergunta se atualmente ele teme destronar o irmão – visto que o irmão está impedido legalmente de assumir o cargo por sua relação amorosa –, se ele, Betie, não deseja ser rei. O duque nega veementemente essa hipótese, dizendo que isso

seria trair o irmão. O terapeuta insiste: “Perceba que você não gagueja, quando pragueja!”. Aos limites com aquele assunto, o duque sai de cena, faz um *acting out*, gritando: “Eu sou filho de um rei, você é o filho de um cervejeiro”. Apontando para uma dupla dimensão fixadora da fantasia como se dissesse: “Eu sou filho de um rei, devo continuar assim para não correr o risco de perder o amor do Rei”. E ainda: “Se eu fosse filho de outro pai, seria mais fácil, se eu não fosse ninguém, eu conseguiria”. Em momento algum nessa cena Betie gagueja, de alguma forma seu desejo hostil cancelava seu problema de fala.

Quando da morte do pai, ao tentar novamente discursar, é angustiado pelos olhares das figuras nos quadros em volta de si na sala. Logo, o duque decide fazer as pazes com o terapeuta, pagando a moeda que até hoje devia da primeira consulta. Diz a ele que seu pai, no leito de morte, disse: “Betie tem mais coragem que todos os outros irmãos juntos”. Mas sua questão era por que o pai não conseguia falar isso pra ele cara a cara, isto é, como o pai podia não ter coragem de falar alguma coisa. Diante da castração paterna, retoma neste ponto de sua fala o avião que estava sobre a mesa do consultório, e que havia observado na primeira consulta. Diz que seu pai nunca o deixou montar aeromodelos. O terapeuta permite que ele monte aquele, mas que continue falando. O terapeuta ratifica que seu pai não estava mais ali, que ele podia fazer aquilo. Betie discorda, pois o pai estava, sim, presente, o rosto estampado na moeda dada. O terapeuta interpreta dizendo: “moeda que você pôde passar para frente”, não precisa mais andar com seu pai no bolso, nem com seu irmão. A interpretação do terapeuta parece tentar reduzir o caráter opressivo da imagem do pai apontando para sua dimensão de troca, temporal, simbólica.

Tudo parece caminhar bem até o ponto de maior resistência da terapia, mas que proporciona a maior virada. É quando Betie, futuro George VI, ao aceitar a sucessão do trono, deve fazer seu discurso de posse. Seu conselheiro, o chefe da Igreja, fica desconfiado do seu terapeuta de fala e descobre que ele não possui diplomas, não é médico, não tem formação, enfim, não é um doutor, mas um ator. Em desespero, Betie se exaspera, se angustia, tudo parece ter sido uma grande farsa, aos berros acredita que seu terapeuta havia feito aquilo só pela fama. Apesar de o terapeuta se defender dizendo que mesmo sem diploma conseguia ter ótimos efeitos em seus pacientes, nada parece apaziguar o futuro rei. Betie se indigna em tom claramente transferencial: “Você deu a essa nação um rei sem fala, tudo isso para enganar”. Temia que agora tudo voltasse ao que era antes. “George, o gago”, iria ser chamado.

Como um ato em cena de comédia, o terapeuta se senta ali no trono, em um tom satírico, e age como um “bobo”. A todo custo, o rei grita para que saia dali, por estar banalizando o

trono, mas o terapeuta responde dizendo que aquilo era apenas uma cadeira. Sua atitude parece assinalar para o vazio daquele objeto, o fato de sentar ali não o tornava alguém. Numa espécie de encruzilhada fálica, tem-se o diálogo clímax:

Rei: Ouça aqui!

Terapeuta: Com que direito?

Rei: Com o Direito Divino, se precisar. Eu sou seu rei!

Terapeuta: Você disse que não queria. Por que devo perder meu tempo ouvindo?

Rei: Porque eu tenho o direito de ser ouvido! Eu tenho voz!

Vemos assim que esse ponto de impasse, de encruzilhada, de agressividade, de esvaziamento daqueles símbolos, parece precipitar o surgimento de um objeto pelo qual o rei agora se vê surpreendentemente dotado: “a voz”. Voz que à primeira vista parece ser o representante fálico da disputa vencida – “tenho poder, e você não!”. Mas ao mesmo tempo surge outra dimensão, aquela que faz Betie ressignificar o que buscava com aquele profissional, com o seu tratamento. Não buscava apenas que um profissional especialista em voz pudesse dar a voz para ele, como um dia talvez almejou de seu pai, não queria apenas curar sua gagueira, mas fazer surgir dele mesmo a própria voz, se fazer ouvir. A busca por um terapeuta, em seguida pelo trono, nesse momento se revela a Betie, não uma busca pelo *status*, por um reforço dos pronomes, pela beleza das palavras bem ditas, pelo ideal do pai, mas por um desejo que o impelia para além de todas as máscaras.

Este ponto é de extrema relevância para a clínica da impotência sexual, que facilmente pode se tornar uma busca da potência pela potência. O analista deve ter em mente que aquilo que move a busca do analisando, apesar do caráter fálico, aponta para outra ordem. Algo que não possui sentido definido, materialidade definida, mas que no fim se apresenta como um objeto como a voz, e o direito de se fazer escutado.

Esse momento é importante ainda, pois demonstra que o terapeuta, que ali ocupa o lugar do pai rival/enganador/gozador, não buscava transmitir o falo desde o início. Desejo que teria até mesmo uma forma fetichista: “o objeto que não obtive, toma que te ofereço”. Ao contrário, ele se oferece no lugar vazio daquelas insígnias: o trono, a coroa, o diploma, o direito religioso. É só após confrontar-se com as quedas de tais instâncias ideais, com o vazio delas, que o paciente é capaz de abrir-se a uma nova perspectiva.

Após esse ponto de virada, em que sua angústia ante os discursos paulatinamente se esvai, certo dia pergunta a Lionel: “Se eu sou rei, onde está meu poder?”. Responde para si mesmo que seu poder está quando fala/discursa, e a nação acredita que está falando por ela. Mas acrescenta em seguida, bem-humorado: “Mas eu não consigo falar”. Contudo, esse reconhecimento não o impede de ocupar um lugar de poder, sabendo-se castrado. A gagueira

paradoxalmente se revela não o impedimento, mas a forma de Betie ocupar esse lugar à sua maneira.

Há um perigo quando a voz de um líder ganha a tonalidade de um discurso sem falhas, inteiriço, não castrado. Isso produz um poder que cativa, ganha multidões. Não por acaso uma das últimas cenas do filme nos mostra o rei George VI vendo um vídeo de Hitler, um verdadeiro rei da voz e do discurso. Há um perigo na busca do poder pelo poder, da potência pela potência: produzir um tirano, e seguidores.

Na última cena, vemos George VI, rei, tendo que realizar a difícil tarefa de anunciar que a Inglaterra estava entrando em guerra com a Alemanha, a angústia da tarefa está presente, mas com uma tonalidade menos opressiva. Ao lado, ainda se faz presente o terapeuta, que lhe diz para discursar ali como se estivesse falando com ele, com um amigo (destituído de sua antiga posição). Ao final, após um belíssimo discurso, o terapeuta aponta, bem-humorado, que ele gaguejou em uma letra. Ao passo que o rei pode responder: “Eu tinha que gaguejar um pouco, para saberem que era eu”. Apesar de agora conseguir discursar, ser rei, ser o porta-voz de uma nação, seu sintoma perde sua face opressiva, angustiante, e adquire uma singularidade, a capacidade de fazer de George VI alguém.

Gostaríamos de concluir com um último comentário sobre uma cena do início do filme. Em casa, preparando-se para uma cerimônia de gala, as filhas pedem para que Betie conte uma história para elas. Para fugir da difícil tarefa, ele prefere imitar um pinguim. Mas, sob insistência das filhas que ali não queriam imagens, e sim palavras, ele então inventa uma história, que anuncia toda a trama que se desenvolve posteriormente no filme, e que agora podemos interpretar num só-depois, do que ali se tratava.

Nessa história ele era um pinguim porque uma bruxa o havia transformado. Ele, que amava abraçar as princesas, não mais podia, visto que possuía asas como as do arenque. Mas os arenques não possuem asas (são peixes), questiona uma de suas filhas. Ao que se corrige dizendo que ele possuía asas do mesmo formato. Para piorar a situação, a bruxa o havia enviado ao polo norte, deixando-o isolado, sem poder sair, pois não voava. Contudo, certo dia ele pulou na água e foi tão fundo que chegou na Southampton (a maior cidade portuária do Reino Unido) na hora do almoço e perguntou a um... pa... pato-real (*duck*) de passagem ao palácio Buckingham (residência oficial do rei) o caminho para encontrar as princesas. O pinguim subiu então o Rio Tâmisa nadando, saiu pelo ralo de casa e deu um belo susto na cozinheira, na mãe e na Sra. Whittaker. Quando ouviram o tumulto, as princesas deram uma boa esfregada nele, alimentaram-no com um peixe e um beijo. “E, com o beijo, adivinhem o que ele virou?”

perguntou o pai. “Um príncipe?”, questiona outra filha. Ao que nega, dizendo que havia se tornado um albatroz de cauda curta, mas com asas tão grandes que ele agora podia abraçar suas filhas.

Nessa pequena história é o encontro com uma bruxa, figura da ameaça de castração, que o pune com a perda do falo e o identifica a um objeto fixo: o pinguim, animal isolado no frio, figura caricata símbolo da gala e do fracasso ao mesmo tempo, uma ave que não pode voar. É ao se arriscar em um mergulho profundo, e ao encontrar um *Duck-Real*, homofonia de Duque-Real, em direção ao lugar do Rei, que encontra o caminho para seu desejo. Ele pode então assustar as mulheres que antes temia, e encontrar as figuras de seu amor. O beijo que recebe como triunfo dessa busca não o faz voltar a ser o que era antes, um “príncipe”, mas com esse beijo ganha outra coisa. Sabemos que o objetivo terapêutico de uma psicanálise não é a cura do sintoma, que levaria o sujeito a um estado anterior de bem-estar. Isso não significa dizer que a psicanálise não obtém efeitos terapêuticos, mas pretende antes de tudo o surgimento de uma nova configuração entre a fantasia e o sintoma, que permita ao sujeito ser capaz não apenas de sofrer com a maldição, ou má dicção, que lhe foi dada, mas se transformar. Encaminha-o não na busca pelo falo perdido, mas a saber-fazer algo com o seu sintoma. As asas que assim obtém não são aquelas que servem apenas para voar, exhibir e gozar de forma narcísica, mas aquelas que podem expandir a sua possibilidade de abraçar quem ama.

CONCLUSÃO

A partir do momento que nossas necessidades mais primitivas devem passar pela linguagem para serem minimamente alcançadas, perdemos a atitude instintual de nos dirigirmos ao objeto que nos satisfaria. Não bastasse isso, mesmo quando estamos diante do objeto mais desejado, encontramos um descompasso entre aquilo que esperávamos e o que realmente se anuncia. Desde a pré-história individual já nos encontramos com esse problema, a psicopatologia infantil nos mostra que o bebê, mesmo com sua necessidade de se alimentar, é capaz de recusar o seio materno anunciando que ali já não se trata puramente de necessidade. Na psicopatologia de nossa vida adulta, mesmo o homem mais viril, com o maior furor sexual, diante do objeto desejado pode experimentar uma recusa em seus genitais. Uma inibição em sua função sexual na hora do sexo. A função sexual, a ereção, a ejaculação, o ato do coito não são dados naturalmente. A impotência é uma sombra intrínseca à espreita na sexualidade humana. Entretanto, se há potência sexual, não oferecida pelo instinto, é porque o homem possui um modo de suspender momentaneamente essa inibição intrínseca à sexualidade.

Ao analisarmos o sintoma da impotência sexual na obra de Freud, fomos levados a quatro hipóteses etiológicas fundamentais. Essas hipóteses não apenas revelaram seu potencial explicativo para uma teoria da causa de base psicogênica, mas revelaram impasses próprios da constituição sexual humana, bem como as formações psíquicas que o sujeito em sua história construiu frente a tais dificuldades.

A primeira parte deste trabalho, analisou as aproximações iniciais de Freud ao tema e demonstrou que há um descompasso entre o objeto sexual do homem, o parceiro ou a parceira, e o objeto imaginado/fantasiado/alucinado. Mostramos através de uma vinheta clínica que o objeto que desperta a potência sexual do homem não necessariamente existe (empiricamente), mas pode existir em outro estatuto, na alucinação onírica. Localizamos ainda a possibilidade de haver um traço perceptivo do objeto sexual capaz de desestabilizar a potência sexual. Encerramos essa parte com um exercício especulativo que aproxima o sintoma da impotência aos fenômenos do esquecimento e da perda de objetos. Essa associação abre um campo completamente inexplorado na literatura sobre a impotência, e que nos parece frutífero por anunciar problemas com os quais Freud se deparará anos mais tarde em sua obra, como a posição sacrificial do sujeito em seu sintoma.

Na segunda parte, pudemos extrair de sua obra quatro hipóteses etiológicas propostas para a impotência sexual masculina de origem psíquica. Destacamos de antemão que em Freud o par potência e impotência trata-se de uma divisão artificial, não deve ser compreendido como

um descompasso entre normal e patológico. Há um contínuo entre elas, a potência sexual é em Freud, um esforço do sujeito em cancelar a impotência inerente à sexualidade humana.

Com a hipótese da fixação incestuosa pudemos verificar que, para o encontro com o objeto sexual, o sujeito impõe condições muito específicas e elaboradas. Introduzindo o problema da escolha no campo sexual. Se há escolha, não há instinto sexual que o levaria ao encontro perfeito. Assim, quando o assunto é escolha de objeto, mostramos que não há um gabarito que decide pelo sujeito, mas o conflito, a sua divisão operando. O homem, diante do objeto de seu amor, pode perder a ereção. O que pode lhe surpreender é que, diante da amante desejada, ou com o auxílio do *site* que visita à noite, logra recuperar sua potência. Segundo essa hipótese verificamos que o sujeito necessita afastar do objeto qualquer traço que recorde a estima que vivenciou diante do seu primeiro objeto de amor, e para isso se utiliza do mecanismo da depreciação como forma de cancelar sua impotência.

A hipótese da inibição pela ameaça de castração e a hipótese do horror ao feminino nos conduziram a explorar não apenas a dimensão edípica, já presente na hipótese anterior, mas a função do complexo de castração e da figura paterna nesse complexo. Demonstramos a origem da angústia de “não dar conta” do impotente, as ameaças que o inibem, bem como as figuras que normalmente são capazes de amedrontá-lo. A função paterna acabou se revelando fundamental na estruturação do sujeito em seu processo de constituição sexual, na assunção da sua posição sexual, e no abandono de certas maneiras de se relacionar com o outro que lhe proporcionavam gozo. Vimos que a posição sexual se dá por uma conquista de uma mínima estabilidade no campo sexual. Os sintomas surgem apontando para uma falha nessa estabilidade e, ao serem interpretados em análise, revelam paulatinamente suas fantasias correspondentes (a serem construídas em análise). Nesse processo, uma dimensão de gozo avessa à posição sexual do sujeito, presente em seu sintoma, faz surgir um enigma em relação ao que se é: sou homem? A falha no processo de constituição sexual, de metaforização por parte da função paterna, deixará um resto que o sintoma e a fantasia tentarão contornar.

Por último, a hipótese da atitude masoquista foi capaz de revelar a dimensão satisfatória e paradoxal do sintoma, o ponto de fixação, seu caráter compulsório e repetitivo. À medida que o sujeito revela suas fantasias, ele se dá conta da discrepância que há entre aquilo que imagina que é, que quer ser, que idealiza, e aquilo com que realmente se identificou no íntimo de seu ser, que o estagna, fixa, faz construir sintomas, inibições e anuncia sua angústia, enfim, seu lugar de objeto do gozo do outro. É para esse lugar que o sujeito regride na medida em que se encontra com a falha na metaforização paterna. Ali evita a castração simbólica construindo uma

fantasmática: há um outro que me quer castrado, que me quer surrado, que me quer impotente. Fixado a sua posição masoquista de gozo, diante do outro, ele acaba por perder a possibilidade de uma ligação amorosa satisfatória.

Concordamos com a crítica de Eidelsztein (1995) aos estudos sobre a impotência pós-freudiana, para ele esses estudos normalmente se centram em explicações negativas: a impotência é consequência do medo da castração, do medo da mulher, da vagina dentada. Esse tipo de concepção, segundo sua crítica, impossibilita que se encontre o caráter de benefício do sintoma, o ganho proporcionado por ele e a justificativa de seu caráter repetitivo. Em nossa leitura, compreendemos que tais estudos se concentram normalmente em duas hipóteses etiológicas, a da inibição por ameaça da castração e sua derivada, o horror ao feminino. Contudo, nossa investigação mostrou que em Freud podemos encontrar explicações positivas para a impotência sexual, que evidenciam o caráter ambíguo da satisfação proporcionada por este sintoma. A hipótese da atitude masoquista é a que melhor demonstra esse benefício, com uma forma de gozo particular do sujeito em que ele se apresenta como um objeto. Essa hipótese deve ser lida como um *só-depois* que nos possibilita *desler* as hipóteses anteriores. Pois a ameaça de castração parece surgir também como uma fantasia de proibição, uma forma de recuperar certo tipo de gozo, “me ofereço a um outro que me quer castrado”, e ao mesmo tempo forjar a existência do objeto perdido, “ele existe sim mas é incestuoso, me foi proibido”.

Como desdobramento do presente estudo, dois pontos nos parecem essenciais em futuras explorações: (i) a dimensão do impossível em jogo no encontro com o objeto, visto que não há um objeto definido da sexualidade humana, e logo não é a impotência que dificulta esse encontro, mas o encontro é impossível; (ii) a implicação da parceira/parceiro sexual na impotência do homem, que tangenciamos, ao trazer o exemplo de um sonho de uma paciente de Freud que não queria saber disso...

Esperamos que nosso trabalho tenha sido capaz de fornecer luzes que descortinem a matriz simbólico-imaginária que constrói o sintoma da impotência sexual, mas cabe agora nos perguntarmos o que faz um analista com o resto dessa operação, esse ponto de fixação que desestabiliza o sujeito, e sua sexualidade, e o lança àquilo que parece ser o mais avesso a sua experiência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revisada por Alfredo Bossi; revisão da tradução e tradução dos novos textos por Ivone Castilho Benedetti. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5: manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BERCHERIE, P. **Génesis de los conceptos freudianos**. Buenos Aires: Paidós, 1985.

BETTS, Mariana Kraemer; WEINMANN, Amadeu de Oliveira; PALOMBINI, Analice de Lima. **O pai em psicanálise: interrogações acerca das instâncias real, simbólica e imaginária da função paterna**. *Psicol. clín.*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 215-233, jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652014000100014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 maio 2017.

BLEICHMAR, S. **Las paradojas de la sexualidade masculina**. Buenos Aires: Paidós, 2009.

BOYHOOD filme. Drama/Coming-of-age. Dir. Richard Linklater, 2014. 2h46m.

CABRERA, J. M. **“Han tal bec vostres gallines”**. **Sobre la representación medieval del falo a través de algunos ejemplos iconográficos y literarios pertenecientes a la narrativa catalana del siglo XV**. In: *Miscelánea Medieval Murciana*, XXXIII, pp. 123-142, 2009. Disponível em: <<http://revistas.um.es/mimemur/article/viewFile/103401/98991>>.

CHATEL DE BRANCION, Marie-Magdeline. (1988). **O sintoma – Seminário brasileiro**. In: *Do sintoma ao sinthoma*. Tradução de Angela Ferreto-Jesuíno. Publicação da Escola Letra Freudiana n. 17/18.

COSTA, Ana; BONFIM, Flavia. **Um percurso sobre o falo na psicanálise: primazia, querela, significante e objeto a**. *Ágora*. Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 229-245, Dec. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982014000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 31 maio 2017.

COUTINHO JORGE, M. A. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, v. 1: as bases conceituais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

O DISCURSO do Rei. Dir. Tom Hooper. Reino Unido, 2010. 118 min.

DUNKER, C. I. L. **O Nascimento do Sujeito**. Viver Mente e Cérebro. São Paulo. v. 2, p. 14-26, 2006.

EIDELSZTEIN, Alfredo. **El grafo del deseo**. Buenos Aires: Manantial, 1995.

FREUD, S. **Manuscrito A** (1892). In: _____. Publicaciones pre psicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud (1886-1899). Buenos Aires: Amorrortu, 1992a. p. 215. (Obras completas de Sigmund Freud, 1).

_____. **Carta 18** (21 de mayo de 1894). In: _____. Publicaciones pre psicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud (1886-1899). Buenos Aires: Amorrortu, 1992b. p. 227. (Obras completas de Sigmund Freud, 1).

_____. **Manuscrito E. ¿Cómo se genera la angustia?** (1894). In: _____. Publicaciones pre psicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud (1886-1899). Buenos Aires: Amorrortu, 1992c. p. 228. (Obras completas de Sigmund Freud, 1).

_____. **Manuscrito F/I: Recopilación III**. (1894) Nr. 1. In: _____. Cartas a Wilhelm Fliess 1887-1905. Tradução direta do alemão de José Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1992d. p. 235.

_____. **Sobre la justificación de separar la neurastenia de un determinado síndrome en calidad de “neurosis de angustia”** (1894). In: _____. Primeras publicaciones psicoanalíticas (1893-1899). Buenos Aires: Amorrortu, 1992e. p. 85-117. (Obras completas de Sigmund Freud, 3).

_____. **Manuscrito G. Melancolía** (1895a). In: _____. Publicaciones pre psicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud (1886-1899). Buenos Aires: Amorrortu, 1992f. p. 239. (Obras completas de Sigmund Freud, 1).

_____. **Estudios sobre la Histeria** (1895b). Amorrortu: Buenos Aires, 1990.

_____. **La interpretación de los sueños** (1900). Buenos Aires: Amorrortu, 1991a. (Obras completas de Sigmund Freud, 4).

_____. **Psicopatología de la vida cotidiana** (1901). Buenos Aires: Amorrortu, 1992g. (Obras completas de Sigmund Freud, 6).

_____. **Tres ensayos de la teoría sexual** (1905). In: _____. Tres ensayos de teoría sexual, y otras obras (1901-1905). Buenos Aires: Amorrortu, 1992i. p. 109-224. (Obras completas de Sigmund Freud, 7).

_____. **Mis tesis sobre el papel de la sexualidad en la etiología de las neurosis** (1906 [1905]). In: _____. Tres ensayos de teoría sexual, y otras obras (1901-1905). Fragmento de análisis de un caso de histeria (Caso Dora). Buenos Aires: Amorrortu, 1992j. p. 259-273. (Obras completas de Sigmund Freud, 7).

_____. **Sobre las teorías sexuales infantiles** (1908). In: _____. El delirio y los sueños en la «Gradiva» de W. Jensen, y otras obras (1906-1908).

_____. **La novela familiar de los neuróticos** (1909[1908]). In: _____. El delirio y los sueños en la “Gradiva” de W. Jensen, y otras obras (1906-1908). Buenos Aires: Amorrortu, 1993. (Obras completas de Sigmund Freud, 9).

_____. **Sobre un tipo particular de elección de objeto en el hombre** (1910). In: _____. Cinco conferencias sobre psicoanálisis, Un recuerdo infantil de Leonardo Da Vinci, y otras obras (1910 [1909]). Buenos Aires: Amorrortu, 1991b. p. 155-168. (Obras completas de Sigmund Freud, 11).

_____. **Un recuerdo infantil de Leonardo Da Vinci** (1910). In: _____. Cinco conferencias sobre psicoanálisis. Un recuerdo infantil de Leonardo Da Vinci, y otras obras (1910[1909]). Buenos Aires: Amorrortu, 1991c. p. 53-129. (Obras completas de Sigmund Freud, 11).

_____. **Sobre la más generalizada degradación de la vida amorosa** (1912). In: _____. Cinco conferencias sobre psicoanálisis. Un recuerdo infantil de Leonardo Da Vinci, y otras obras (1910[1909]). Buenos Aires: Amorrortu, 1992k. p. 169-183. (Obras completas de Sigmund Freud, 11).

_____. **Introducción del narcisismo. Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico.** (1914). In: _____. Volumen XIV – Trabajos sobre metapsicología, y otras obras (1914-1916). Buenos Aires/Madrid: Amorrortu, 1979.

_____. **23ª Conferência: Los caminos de la formación de síntoma** (1917). Doctrina general de las neurosis (1917[1916-17]). In: _____. Conferencias de introducción al psicoanálisis (Parte III. Doctrina general de las neurosis (1917[1916-17])). (1916-1917). Buenos Aires: Amorrortu, 1993. (Obras completas de Sigmund Freud, 16)

_____. **El tabú de la virginidad (Contribuciones a la psicología del amor, III)** (1918 [1917]). In: _____. Cinco conferencias sobre psicoanálisis, Un recuerdo infantil de Leonardo Da Vinci, y otras obras (1910 [1909]). Buenos Aires: Amorrortu, 1992l. p. 169-183. (Obras completas de Sigmund Freud, 11).

_____. **“Pegan a un niño”**. Contribución al conocimiento de la génesis de las perversiones sexuales (1919). In: _____. De la historia de una neurosis infantil (Caso del “Hombre de los lobos”), y otras obras (1917-1919). Buenos Aires: Amorrortu, 1991f. p. 53-129. (Obras completas de Sigmund Freud, 17).

_____. **Más allá del principio de placer** (1920). In: _____. Mas allá del principio de placer, Psicología de la masas y análisis del yo, y otras obras (1920-1922). Buenos Aires: Amorrortu, 1991. (Obras completas de Sigmund Freud, 18).

_____. **La organización genital infantil (Una interpolación en la teoría de la sexualidad)** (1923). In: _____. Volumen XIX – El yo y el ello, y otras obras (1923-1925). Buenos Aires: Amorrortu, 1991g. p. 141-151. (Obras completas de Sigmund Freud, 19).

_____. **El problema económico del masoquismo** (1924). In: _____. El yo y el ello, y otras obras (1923-1925). Buenos Aires: Amorrortu, 1991h. p. 53-129. (Obras completas de Sigmund Freud, 19).

_____. **El sepultamiento del complejo de Édipo** (1924). In: _____. El yo y el ello, y otras obras (1923-1925). Buenos Aires: Amorrortu, 1991i. p. 53-129. (Obras completas de Sigmund Freud, 19).

_____. **Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos** (1925). In: _____. El yo y el ello, y otras obras (1923-1925). Buenos Aires: Amorrortu, 1991j. p. 53-129. (Obras completas de Sigmund Freud, 19).

_____. **Inhibición, síntoma y angustia** (1926[1925]). In: _____. Presentación autobiográfica, Inhibición, síntoma y angustia, ¿Pueden los legos ejercer el análisis?, y otras obras (1925-1926). Buenos Aires: Amorrortu, 1991k. p. 71-164. (Obras completas de Sigmund Freud, 20).

_____. **Construcciones en el análisis** (1937). In: _____. Moisés y la religión monoteísta, Esquema del psicoanálisis, y otras obras (1937-1939). Buenos Aires: Amorrortu, 1991l. (Obras completas de Sigmund Freud, 23).

_____. **Esquema del psicoanálisis** (1940[1938]) In: _____. Moisés y la religión monoteísta. Esquema del psicoanálisis, y otras obras (1937-1939). Buenos Aires: Amorrortu, 1991m. (Obras completas de Sigmund Freud, 23).

_____. **Neurose, psicose, perversão**. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. Autêntica Editora. Coleções: Obras incompletas de Sigmund Freud. Mês/Ano de publicação: 07/2016.

_____. **Proyecto de psicología** (1950 [1895]). In: _____. Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud (1886-1899) (Obras completas de Sigmund Freud, 1).

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

GOBBATO, G. **A mulher sem pecado: fantasia rodrigueana pulsional**. Revista de psicanálise, ano XIX, n. 186, p. 31-36, jun. 2006.

GRASSI, Maria Virgínia Filomena Cremasco. **Psicopatologia e disfunção erétil: a clínica psicanalítica do impotente**. Campinas, SP: [s.n.], 2002. Orientador: Mário Eduardo Costa Pereira. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas.

HENDERSON, G.; CHATELARD, D.; MAESSO, M. **Dos sonhos diurnos a uma concepção fundamental de fantasia**. Reverso, Belo Horizonte, ano 39, n. 73. Publicação semestral do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais. (No prelo).

KARDOUS, P. **Impotência sexual: o real, o simbólico e o imaginário**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

KERN, C.A.R. **A disfunção sexual masculina: compreensão psicanalítica**. Dissertação de mestrado. 2010. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. São Leopoldo, RS. Sob orientação da Profa. Dra. Silvia Pereira da Cruz Benetti, Ciência da Saúde.

LAGOAS, J. M. **O problema da percepção na psicanálise de Freud a Lacan**. 2016. 193 f. Tese (Doutorado em psicologia clínica e cultura). Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Diccionario de psicoanálisis**. Buenos Aires: Paidós, 2004.

MEZAN, R. **Freud, pensador da cultura** (1985). São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

MILLER, J.-A. **Uma conversa sobre o amor**. Opção Lacaniana online nova série, ano 1, n. 2, jul. 2010. ISSN 2177-2673. Disponível em:
<<http://www.opcaolacanianana.com.br/nranterior/numero2>>. Acesso em: 8 jan. 2017.

MILLER, Jacques-Alain; RABINOVICH Diana. **Dos dimensiones clínicas: síntoma y fantasma: la teoría del yo en Lacan**. 1. ed. 7. reimp. Buenos Aires: Manantial, 2007.

NASIO, J. **Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

ROUDINESCO, E. **Freud: en su tiempo y en el nuestro**. Barcelona: Debate, 2015

SEGANFREDO, Marcus. **A clínica psicanalítica do sintoma: a literalidade do saber inconsciente**. Dissertação de Mestrado. Dezembro de 2002. Universidade de Brasília. Instituto de Psicologia, Brasília.